

Deutsches Morgen

Berausgeber: E. Sommer

Aurora Allemã

Erscheint wöchentlich

Folge 46

São Paulo, 15. November 1940

9. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 15\$000, ganzjährig 30\$000, für Deutschland und die Weltpostvereinsländer 7 Mark

Confiança e concordância

A Guerra das Falsidades Nosso Quadro Negro

62.a Semana

kt. — O governo francez operou, ha poucos dias, uma transformação no serviço de informações, a qual poderá ser de grande significação. Reorganizou a Agencia Havas e fez com que o Estado francez participasse da empresa, mediante aquisição de ações num valor total de 25 milhões de francos. Segundo observa „Le Nouveau Temps“, de Paris, trata-se ali de uma „ação de saneamento“. Se isso corresponder á realidade, temos, assim, simultaneamente, uma nova victoria da idéa allemã que exige que os jornalistas sejam chamados á responsabilidade, aliás u'a medida que ha muito já que se impunha, pois a Havas tinha grande somma de culpa no cartório, em consequencia das intrigas que vinha teendo systematicamente, durante longos decennios, entre os povos. Fóra dos circuitos de obstinados liberaes democratas difficilmente se encontrará alguém que não receba, com grande satisfação, essa nova, e que não manifeste, simultaneamente, o desejo de que soe a hora em que medida identica seja tomada em relação á Agencia Reuter.

Navios norte-americanos, ou: Incidentes á viva força!

Desde o caso do „Lusitania“, mediante o qual se tratou, em 1917, de predispor o povo norte-americano para a „defesa da democracia“ e para a interferencia na guerra européa, mesmo o leigo em assumptos politicos sabe, quão „valioso“ pôde ser um incidente provocado com geito e no momento oportuno. Sob adopção do exemplo dado com o afundamento do „Lusitania“, já foram forçados, neste um anno decorrido, varios „casos“ semelhantes, felizmente, porém, sem o resultado desejado pelos respectivos autores. Serviram, porém, para preparar o ambiente. Vejamos alguns telegrammas que mostram de que modo se crea um „caso“ desses: „Washington, 7-11, Associated Press. — O Departamento de Estado communica que a Embaixada allemã se recusou a dar qualquer garantia de salvo-conducto ao navio norte-americano que está a caminho de um porto irlandez, de onde trará para a Patria refugiados estadunidenses. Entretanto, a Embaixada italiana deu promptamente as garantias pedidas.“ Em outros dous telegrammas da Associated Press sublinhase, de modo todo particular, a attitude supostamente inamistosa dos allemães. Como se apresentam, porém, as cousas na realidade? Sobre isto a Transocean deu, em 8-11, uma explicação de fonte official: „A pedido do governo estadunidense, o governo do Reich prometteu, no passado, em varios casos, fazer tudo quanto estivesse ao seu alcance, para que navios norte-americanos destinados a transportar cidadãos estadunidenses para o seu país, trazendo-os da zona de guerra, não tivessem sua rota embargada pelos allemães. De todas as vezes o governo do Reich deixou bem patente, que não poderia offerrecer a esses navios, de modo algum, um salvo-conducto, visto que os navios estariam expostos, ao atingirem a zona de guerra, não apenas á influencia de armas bellicas accessiveis á direcção arbitraria, mas também á influencia de taes armas não accessiveis a uma direcção arbitraria. Fica assim praticamente sem effeito a expressão „salvo-conducto“. Depois de activas conversações verbaes, o governo allemão communicou ao governo dos Estados Unidos, consequentemente, que, em virtude dessa explicação, segundo a qual as zonas em torno da Inglaterra representam zonas de operações militares, elle não estava em condições de dar quaesquer garantias da natureza das que haviam sido pedidas.“ Consta da mesma exposição, ademais: „O governo do Reich recusa-se a assumir qualquer attitude em face da tentativa ingleza de malinterpretar esta questão absolutamente clara e intelligivel, com o fito de tornar a politica allemã suspeita em relação aos Estados Unidos da America do Norte. A Inglaterra e Churchill — accentuam as autoridades tudescas — não mostraram nenhuma reserva, como todo o mundo sabe, de que não lhes seriam indesejaveis incidentes com navios estadunidenses, afim de excitar o publico norte-americano.“ Um titulo emprestado ao supra-referido telegramma de Washington, graças ao qual se confere á questão uma

(Continua na 2.a pag.)

Comunicado official sobre as conversações entre o Comissario do Exterior da USSR. Sr. Molotow, e o governo allemão

BERLIM, 14 (T.O) — A proposito das conversações levadas a efeito pelo comissario Molotow em Berlin, foi hoje divulgado um comunicado redigido por ambos os paizes e nos seguintes termos: Durante sua permanencia em Berlin, o presidente do conselho e comissario do povo para os assuntos exteriores W.M. Molotow conferenciou com o „fuehrer“ e com o ministro do exterior do Reich. A troca de impressões teve logar numa atmosfera de confiança mutua, e resultou numa concordancia reciproca sobre todas as questões de importancia que interessam ambos os paizes.

Realpolitik

Molotow, der Aussenkommissar der UdSSR in Berlin

Die vergangenen Tage haben wieder eine Hochflut von Ereignissen gebracht. Der Handelskrieg gegen England wurde durch deutsche U-Boote und Stukageschwader verstärkt. Der regelmäßige Pendelverkehr der Luftwaffe zwischen dem Festland und der Insel dauert unvermindert an. Der Bombendienst klappert trotz stürmischen Wetters. Amerikanische Radiostationen betrachten ihren Hauptdienst in der Aufnahme von SOS-Rufen britischer oder in britischen Diensten stehender Schiffe. Churchill hat geredet und gelogen, dass er dem englischen Volk niemals optimistische Versprechungen gemacht habe. Präsident Roosevelt sprach am Wafentstillstandstag (11. November) und prophezeite den Sieg der Demokratie und die Erhebung der „unterjochten“ Völker gegen die „Diktaturen“. Mr. Chamberlain starb und erhielt von Winston Churchill nach seinem Tode freundliche Worte, die in der Heuchelei gipfelten, dass England keine Schuld für das Blutvergiessen, den Terror und das Elend dieses Krieges trage. Der Räuergeneral De Gaulle „eroberte“ durch wilde Bombardements das kleine Küstenstädtchen Libreville in der zentralafrikanischen französischen Kolonie Gabon. Die Griechen siegen sich gegen die Italiener dank der jüdischen Propaganda genau so tot wie die Finnländer einst gegen die Russen. Bluff Cooper liess die Krupp-Werke von der RAF vernichten und Danzig bombardieren.

In diese Fülle von verständlichen oder widerspruchsvollen Meldungen über Politik und Krieg fiel die sachliche Ankündigung der Reise des sowjetrussischen Aussenkommissars Molotow nach Berlin. Wie von einem elektrischen Schlag getroffen, zuckten Diplomatie und Presse der ganzen Welt zusammen. Vergessen war plötzlich der ganze Spuk der Sensationsmache und Effekthascherei. Und während man noch die knappen amtlichen Mitteilungen in Berlin und Moskau zu entschlüsseln versuchte, befand sich der verantwortliche Regierungsmann der Sowjetunion bereits im Sonderzug, begleitet von hohen Kommissaren der russischen Politik und Wirtschaft, auf dem Wege nach der Reichshauptstadt. Am Dienstagvormittag war er dort eingetroffen, am Dienstagabend hatte er bereits lange Unterredungen mit dem Führer und Reichsaussenminister von Ribbentrop hinter sich. Molotow ist eben Vollrusse, seine Arbeitsweise ist von der seines jüdischen Vorgängers Litwinow-Finkelstein grundsätzlich verschieden.

Das nationalsozialistische Deutschland treibt vom ersten Tage seines Bestehens eine Realpolitik; d. h. das Ringen um die deutsche Weltmachtstellung, bedingt durch die Begriffe Volk und Raum, musste jenseits aller bürokratischen Zopfigkeit ausgetragen werden. Die direkte Aussprache von Regierung zu Regierung wurde zum ersten Gesetz des diplomatischen Handelns erhoben. Zwei Jahrzehnte der Nachkriegszeit haben bewiesen, dass alle Diskussionen im Sinne des vielschichtigen befrackten Genfer Kasperlethea-

ters nicht eine einzige wichtige Lebensfrage Europas zu lösen vermochten. Darum beschloss der Führer, mit den kläglichen Methoden der alten Diplomatschule Schluss zu machen und die sogenannte Politik der Illusionisten und Phantasten durch eine Wirklichkeitsbedingte Politik zu ersetzen. Heute ist diese neue Auffassung über die Regelung zwischenstaatlicher Probleme geradezu zu einer Selbstverständlichkeit geworden. Ihre Erfolge sind jedermann sichtbar, die Beweise dafür liegen auf der Hand. Adolf Hitler weiss, dass Brot und Arbeit der Völker nicht durch Höflichkeitsphrasen am grünen Tisch geschaffen werden, er selbst hat durch seine kürzliche Fühlungsnahme mit Marschall Pétain und mit Generalissimo Franco sowie durch seine wiederholten Aussprachen mit dem Duce der Welt gezeigt, wie schöpferisch konstruktiv das Denken und Planen eines Realpolitikers sein muss. Denn so idealistisch die nationalsozialistische Revolution und heute die europäische Umwälzung in ihren höchsten Zielen ist, so nüchtern und hart muss dieser Krieg geführt werden, der mit der grössten Illusion der Weltgeschichte aufräumen soll: mit dem jedem Recht und jeder Moral hohnsprechenden britischen Welt-herrschaftsanspruch.

Diese Erkenntnis, dass England im Jahre 1939 einen aussichtslosen Krieg begonnen hat, in welchem es den gesamten Bestand des Empire aufs Spiel setzte, war der Ausgang für die Neuausrichtung der sowjetrussischen Aussenpolitik. Die Männer um Stalin haben nüchtern errechnet, was London zu bieten vermag und was sie bei einer aufrichtigen Verständigung mit Deutschland gewinnen können. Molotow wäre jetzt nicht nach Berlin gekommen und hätte nicht viele Stunden lang mit der Reichsregierung gesprochen, wenn der Krieg für England so günstig stände, wie Mr. Churchill immer noch behauptet. Es ist richtig, dass die britische Regierung und ihre Propagandisten mit der Berliner Reise des Regierungschefs und Aussenkommissars der UdSSR gewissermassen diplomatisch geohrfeigt wurden und zwar unmissverständlich kräftig. Und wir möchten um keinen Preis die Illusion hegen, dass man im Arbeitsraum des Führers in der Reichskanzlei nichts anderes zu tun hatte, als dem von der englischen Presse erfundenen „Molotow-Cocktail“ zu huldigen. Niemand weiss, welche Fragen behandelt wurden, und darüber sind die Briten am meisten erobert. Ihre Nervosität geht soweit, dass sie der Welt einreden, der Besuch Molotow habe nur in einer Serie grosser Bankette bestanden. Doch sie dürften sich irren. Die Russen werden den Kriegshetzern an der Themse noch einige harte Nüsse zum Knacken aufgeben. Ob an den Dardanellen, ob im Iran, Irak, am Persischen Golf oder irgendwie in Verbindung mit der Türkei, das wird die Zukunft lehren. Auf jeden Fall ist die Rolle der Sowjetunion bedeutend, denn die russische Mitarbeit bei der Neuordnung Europas und Asiens ist unerlässlich. So dient die realpolitische Verständigung und Freundschaft zwischen Berlin und Moskau, wie sie auch immer von Bismarck gefordert und während seiner segensreichen Kanzlerschaft verwirklicht wurde, einem wirklichen Weltfrieden. Schon in naher Zeit wird die Welt die Beweise dafür erhalten.

ep.

Der Lügenkrieg Unser schwarzes Brett

62. Woche

kt. — Die französische Regierung hat in diesen Tagen eine Aenderung im Nachrichtendienst durchgeführt, die grosse Bedeutung erlangen kann. Sie reorganisierte die Agentur Havas und beteiligte den französischen Staat durch Uebernahme von Aktien im Werte von 25 Millionen Franken. Wie ein Pariser Blatt, „Le Nouveau Temps“, bemerkt, handelt es sich hierbei um eine „Säuberungsaktion“, und wenn dem wirklich so ist, dann handelt es sich zugleich um einen neuen Sieg der deutschen Auffassung von der Verantwortlichkeit des Journalisten und um eine Massnahme, die schon lange nötig war. Denn Havas hat durch ihre jahrzehntelang systematisch betriebene Völkerverhetzung ein gerütteltes Mass von Schuld auf sich geladen. Ausserhalb der Kreise unentwegter Liberaldemokraten dürfte es niemanden geben, der diese Neuigkeit nicht mit Genugtuung begrüsst und den Wunsch anschliesst, dass auch die Agentur Reuter recht bald an die Reihe kommen möge.

Amerikanische Schiffe, oder: Zwischenfälle um jeden Preis!

Seit dem „Lusitania“-Fall, mit dessen Hilfe das amerikanische Volk 1917 zur „Verteidigung der Demokratie“ und zur Einmischung in den europäischen Krieg reif gemacht wurde, weiss auch der politische Laie, wie „wertvoll“ ein glücklich und im passenden Augenblick herbeigeführter Zwischenfall sein kann. Nach dem Muster der „Lusitania“ wurden seit Jahresfrist schon mehrere „Fälle“ konstruiert, allerdings bisher ohne den gewünschten Enderfolg. Sie dienten jedoch der Vorbereitung, der Stimmungsmache, und wie solch ein „Fall“ zustandekommt, zeigen folgende Telegramme: „Washington, 7. 11., Associated Press — Das Staatsdepartement teilt mit, dass die deutsche Botschaft sich weigerte, dem amerikanischen Schiff, das nach einem irischen Hafen unterwegs ist, um nordamerikanische Flüchtlinge zurückzuholen, irgendwie freies Geleit zuzusichern. Die italienische Botschaft indessen hat die erbetenen Garantien unverzüglich gegeben.“ In zwei weiteren Telegrammen der Associated Press wurde die angeblich so unfreundliche Haltung der Deutschen noch unterstrichen. — Wie lagen die Dinge aber in Wirklichkeit? Darüber gibt Transocean am 8. 11. amtlichen Aufschluss: „Die Reichsregierung hat in der Vergangenheit auf Ersuchen der amerikanischen Regierung in mehreren Fällen zugesagt, dass sie alles in ihrer Macht Stehende tun werde, damit amerikanische Schiffe, die amerikanische Bürger aus der Kriegszone heimzuführen sollen, von deutscher Seite keine Behinderung erfahren. Die Reichsregierung hat dabei schon zum Ausdruck gebracht, dass sie keinesfalls sicheres Geleit für diese Schiffe gewähren könne, da die Schiffe bei der Berührung von Kriegsgebieten nicht nur der Einwirkung von willkürlicher Lenkung zugänglichen Kriegswaffen ausgesetzt sind, sondern auch der Einwirkung solcher Waffen, die einer willkürlichen Lenkung nicht zugänglich sind. Die Phrase „sicheres Geleit“ ist damit praktisch gegenstandslos. Nach regen mündlichen Verhandlungen hat die Reichsregierung dementsprechend der amerikanischen Regierung mitgeteilt, dass sie auf Grund ihrer Erklärung, nach der die Gebiete um England militärisches Operationsgebiet sind, nicht in der Lage ist, irgendwelche Zusicherung der verlangten Art zu geben.“ Ferner heisst es in dieser Verlautbarung: „Zu dem englischen Versuch, diese durchaus klare Angelegenheit zu einer Verdächtigung der deutschen Politik gegenüber den Vereinigten Staaten umzuwenden, lehnt man deutscherseits jede Stellungnahme ab. England und Churchill — so wird von deutscher Seite betont — haben, wie bekannt ist, kein Hehl daraus

gemacht, dass ihnen Zwischenfälle mit amerikanischen Schiffen zur Erregung der amerikanischen Öffentlichkeit nicht unerwünscht seien." Und wie sehr solche Zwischenfälle den Propagandahelfern Churchills erwünscht sind, erweist eine Überschrift zu dem oben erwähnten Washingtoner Telegramm, durch die der Sache eine noch grössere Schärfe verliehen wird: „Ein amerikanischer Dampfer von der Torpedierung (!) durch die Deutschen bedroht." So entsteht aus einer Feststellung, dass die deutsche Regierung ein amerikanisches Schiff nicht gegen die Minengefahr schützen könne, die Behauptung, die Deutschen wollten das Schiff torpedieren.

Aber die Italiener!

Gleichzeitig wird die Angelegenheit benutzt, um einen deutsch-italienischen Gegensatz hervorzuzaubern. Die italienische Botschaft soll ja die erbetenen Garantien unverzüglich gegeben haben. In Wirklichkeit hat die italienische Regierung der amerikanischen Regierung mitgeteilt, „dass sie im Prinzip gegen die Fahrt des Schiffes keine Einwendung zu erheben habe" (Transocean 8. 11.). Von freiem und sicherem Geleit kann also nicht die Rede sein, und die italienische Antwort entspricht durchaus der deutschen.

Abwechslend Lob und Tadel

Im übrigen lässt die englische Propaganda in ihren Bemühungen, Unstimmigkeiten zwischen Deutschen und Italienern zu säen, die notwendige Folgerichtigkeit vermissen. Erhielten die Italiener wegen ihrer Haltung gegenüber jenem amerikanischen Dampfer ein Lob, so wurden sie am 4. November durch United Press von London aus heftig getadelt. Italienische Fliegergeschwader seien bei dem Angriff auf einen britischen Geleitzug bei Folkestone vor dem Feuer der Flakartillerie entwichen, während die Deutschen den Angriff allein durchgeführt hätten. In Berlin wies man diese Falschmeldung entrüstet zurück und stellte fest, dass die Nachricht völlig aus der Luft gegriffen sei. An dem erwähnten Angriff hat überhaupt kein italienisches Flugzeug teilgenommen (Stefani 4. 11.).

Wo ist Göring?

Das beliebte Londoner Märchen, Reichsmarschall Hermann Göring sei bei einem Fluge über England getötet worden, erfüllt die Herzen der aussichtslos Hoffenden noch immer mit geheimem Freudenstauer. Am 26. Oktober liess Havas sich aus London vernehmen, man glaube in England trotz der deutschen Widerlegung an den Fliegertod des gefürchteten Mannes. Vielleicht sei er aber auch in Ungnade gefallen. Die englischen Fachleute für den Luftkrieg sind der Ansicht, wenn Göring wirklich nicht tot sei, so habe der Führer ihn aber sicher zur Seite geschoben, weil seine Auffassung vom Luftkrieg gegen die britischen Inseln sich als falsch erwiesen habe (!). Sie erheben die Frage: „Wo ist Göring?" — Antwort: In seinem Hauptquartier. Ausser anderen untrüglichen Lebenszeichen hat er am 9. November durch die Besichtigung des Jagdgeschwaders Richtofen und eine Ansprache an die Flieger und das Bodenpersonal dieses Geschwaders (Transocean 9. 11.) nicht nur sein Dasein, sondern auch seine dienstliche Tätigkeit unter Beweis gestellt. London wird sich also damit abfinden müssen, dass Göring lebt und die Angriffe fortsetzt.

Mordanschlag gegen Hitler

Auch Rudolf Hess lebt noch und ist auch nicht bei einem englischen Luftangriff schwer verletzt und in ein Krankenhaus überführt worden, wie London verbreitete (Transocean 5. 11.). Dass man von englischer Seite aber einen Mordversuch gegen Hitler und führende Persönlichkeiten des Reiches ähnlich dem vom 8. November 1939 in diesem Jahr bewusst durchführte, geht aus einer United-Press-Meldung aus London vom 9. November hervor. Es heisst da: „Nach Erklärungen aus zuständiger Quelle unternahm die britische Luftwaffe gestern einen Angriff gegen den Kanzler Hitler, als dieser sich in München befand." Es wird noch besonders hervorgehoben, dass es sich bei dem Angriff um ein vorbedachtes Unternehmen gehandelt habe und um eine „Repressalie" für deutsche Angriffe auf das englische Königspaar, womit der Sache ein moralisches Mäntelchen umgehängt werden soll. United-Press gab am 9. November aus London bekannt, das heftige Bombardement Münchens habe stattgefunden, während der Führer seine Rede hielt. Associated Press berichtete gleichzeitig, die Rundfunkübertragung der Rede sei dadurch verhindert worden, widerspricht sich aber durch die Behauptung, dass die Rede bei Beginn des Angriffes bereits abgeschlossen war. Das Hauptstück besteht schliesslich darin, dass ein englischer Flieger „den berühmten Keller, in dem Hitler sprach", getroffen und durch einen gewaltigen Brand vernichtet haben soll. Soweit die englischen Quellen. In der Berliner Darstellung erscheint die Unternehmung anders: Der Ein-

satz der feindlichen Flugzeuge war wesentlich stärker als bei früheren Einfügen; es trat jedoch nur unbedeutender Sachschaden ein, und nach der ganzen Anlage des Angriffes kam es der britischen Luftwaffe offenbar nur darauf an, die Feierstunde des deutschen Volkes zu stören; dieses Vorhaben ist jedoch restlos missglückt (Transocean 9. 11.). — Es sei dahingestellt, ob es sich um einen bewussten britischen Mordanschlag handelt, wie United Press aus zuständiger Londoner Quelle erfahren haben will, oder nur um einen Störungsversuch. Jedenfalls steht fest, dass gewisse internationale Kreise sich wieder einmal — wie schon so oft — und durchaus nicht ablenkend mit diesem Gedanken eines Mordanschlages befasst haben.

Deutsche Truppen gegen Portugal?

Das gute freundschaftliche Verhältnis zwischen dem Reich und Portugal beruht zum Teil auf der Tatsache, dass zwischen beiden Ländern keinerlei Interessengegensätze bestehen, zum Teil auf Ueberlieferung und nicht zuletzt auf wesensverwandten politischen Systemen. Auch Portugal musste ernste Verfallserscheinungen überwinden, die bis vor einem Jahrzehnt seine Zukunft in Frage stellten, und als im vergangenen Jahre der Krieg ausbrach, ist es neutral geblieben, in Erkenntnis der nationalen Notwendigkeit trotz seines alten — und vielumstrittenen — Bündnisses mit Grossbritannien. Diese Neutralität behagt den Londoner Unruhestiftern wenig. Sie versuchen deshalb mit zäher Ausdauer, Misstrauen zu säen und malen den Portugiesen immer von neuem eine „deutsche Gefahr" an die Wand. Den jüngsten Versuch dieser Art stellt eine Nachricht der United Press aus London vom 4. November dar, in der behauptet wird, diplomatische Informationen aus Madrid besagten, General Franco habe ein deutsches Gesuch um die Erlaubnis zum Durchmarsch deutscher Truppen „in Richtung auf Gibraltar oder auf Portugal" abgelehnt. Dabei wurde vergessen, dass Tausende und Abertausende deutscher Soldaten sich bereits seit langem in Spanien befinden sollten. Das wurde von deutschfeindlicher Seite wiederholt gemeldet, zuletzt am 22. Oktober von Havas aus Newyork, von amtlicher deutscher Stelle allerdings ausdrücklich als haltloses Gerücht bezeichnet (Stefani 29. Oktober).

A Guerra das Falsidades

(Continuação da 1.ª pag.)

gravidade maior ainda, prova quanto são desejados pelos propagandistas apañiguados de Churchill incidentes desse jaez. Eis o titulo: „Vapor americano ameaçado de torpedeamento (!) pelos alemães." Como vemos, converte-se uma declaração de que o governo alemão não está em condições de proteger um navio estadunidense contra o risco oferecido pelas minas submarinas em afirmação de que os alemães pretendiam torpedear o navio...

Os italianos, sim!

Explora-se, simultaneamente, o assumpto para apresentar ao mundo um contraste teuto-italiano. Frisa-se que a Embaixada italiana deu, incontinenti, as garantias pedidas. Em verdade, o governo italiano comunicou aos Estados Unidos, „que, em principio, nada tinha a oppôr á viagem do navio" (Transocean, 8.11.). Nenhuma referencia se fez ahi, portanto, a uma garantia de salvo-conducto, tanto assim que a resposta italiana corresponde absolutamente á que foi dada pelo governo alemão.

Ora elogios, ora censuras

De resto, a propaganda inglesa revela a ausencia da concordancia necessaria, no seu afan de semear a discordia entre alemães e italianos. Se, de um lado, os italianos mereceram louvores por sua attitude no caso do vapor norte-americano, coube-lhes, de outro lado, em 4 de novembro, uma severa censura por parte da United Press, vinda de Londres. Em um ataque a um comboio maritimo britannico, nas alturas de Folkstone, esquadilhas aéreas italianas teriam fugido ante o fogo da artilharia anti-aérea inglesa, enquanto os alemães teriam levado a cabo o ataque sózinhos. Berlin rejeitou energicamente essa noticia falsa, afirmando, que se tratava, nada mais nada menos, de uma pura invenção. Nenhum unico avião italiano participou do referido ataque (Stefani, 4-11.).

Que é de Goering?

A tão apreciada lenda londrina, segundo a qual o marcial do Reich, Hermann Goering teria perecido em um raide sobre a Inglaterra, continua a provocar secretos arripes de delicia no coração daquelles que ainda alimentam esperanças vãs. Em 26 de outubro, a Havas se manifestou de Londres, dizendo que na Inglaterra se acreditaria na morte desse homem temido, não obstante a contestação por parte das autoridades teutas. Talvez se dê tambem a hypothese de ter elle cahido em desagrado... Os technicos ingleses que respondem pela guerra aérea são de opinião que, se Goering não estivesse, de facto, morto, ao menos Hitler o teria, seguramente, posto á margem, devido ao facto de terem suas

idéas sobre a guerra aérea contra as ilhas britannicas provado serem erroneas (!). Assim é que perguntam: „Onde se encontra Goering?" — Resposta: Em seu Quartel General. Além de dar outros palpaveis signaes de vida, Goering provou, em 9 de novembro, com a inspecção da esquadilha de caça Richtofen e com uma allocução dirigida ás tripulações e ao pessoal de serviço em terra da esquadilha em apreço (Transocean, 9-11), não apenas a sua presença entre os vivos, mas tambem sua actividade militar. Londres tem de conformar-se, portanto, com o facto de que o ministro da Aeronautica da Alemanha está vivo e que prosegue nos seus ataques.

Attentado contra Hitler

Tambem Rudolf Hess continua a viver, não tendo, por consequente, sido ferido gravemente em um ataque aéreo dos ingleses, e muito menos então se encontra recolhido, porisso, a uma casa de saude, conforme Londres assoalhou a todos os quadrantes (Transocean, 5-11). Ressalta, entretanto, claramente, de uma noticia da United Press, divulgada em 9 de novembro, de Londres, que por parte dos ingleses foi feita, neste anno, premeditadamente, uma tentativa de homicidio, visando a pessoa de Hitler, bem como a de personalidades lideres do Reich, talqualmente em 8 de novembro de 1939. Reza a noticia em questão: „Segundo informações de fonte competente, a arma aérea britannica levou a cabo, hontem, um ataque ao chanceler Hitler, quando este se encontrava em Munich." Salienta-se particularmente, que se teria tratado ahi de um empreendimento previamente planejado e de uma „repressalia" pelo ataque levado a effeito pelos aviadores alemães aos soberanos ingleses, com o que se cuidou de cobrir a cousa com o mantozinho da moral. A United Press divulgou de Londres, em 9 de novembro, que o violento bombardeio de Munich ter-se-ia realizado emquanto o Fuehrer proferia seu discurso. A Associated Press informou, nemesma occasião, que, em consequencia do bombardeamento, teria sido interrompida a transmissão do discurso; commette a A. P., porém, a cindada de se contradizer, ao afirmar, que a oração já havia terminado, ao se dar inicio ao ataque aéreo a Munich. A peça mais „gozada" é a pctá de que um aviador inglez teria attingido „a famosa cervejaria em que Hitler falou", estabelecimento esse que teria sido devorado por um formidavel fogo. Foi o que trombetaram aos quatro ventos os solertes fabricantes de noticias ingleses. Ao se ler o que a proposito diz Berlin, vê-se que o raide inglez toma um aspecto bem differente: A incursão dos aviões inimigos

foi de proporção bem maior que os raides anteriores; registaram-se, porém, insignificantes danos materiais. Todo o apparato do ataque deixa perceber, que a arma aérea britannica visou, evidentemente, apenas perturbar as solennidades preparadas para o povo alemão. Entretanto, esse plano mallogrou inteiramente (Transocean, 9-11). Não importa esmiuçar, si se tratou ahi de uma premeditada tentativa de homicidio por parte dos bretões, segundo a United Press pretende ter sido informada de fonte londrina autorizada, ou simplesmente de uma tentativa de perturbação da ordem. Está provado, em todo caso, que certos circulos internacionaes se occuparam de novo — como, aliás, já occorreu multiplas vezes — e, note-se, não em attitude de protesto, da idéa de um attentado contra a vida de Hitler.

Tropas feufas contra Portugal?

As excellentes relações amistosas entre a Alemanha e Portugal baseiam-se, em parte, no facto de que não existe entre os dous paizes nenhuma divergencia provocada por interesses reciprocos, e em parte, em tradições e, não em ultima analyse, nos systemas politicos affins. Tambem Portugal teve de experimentar e vencer serios phenomenos de decomposição que, até ha um decennio atrás, punham em duvida o seu futuro, e ao romper, no anno passado, a guerra, Portugal se conservou neutro, na perfeita comprehensão de que assim o exigia o interesse nacional, não obstante sua antiga e discutidissima alliança com a Grã-Bretanha. Essa neutralidade não agrada, em absoluto, aos provocadores de disturbios londrinos. Dahi a razão por que estes procuram, com uma perseverança obstinada, provocar desconfiança, pintando, para tal effeito, continuamente, o „perigo alemão" aos olhos dos portuguezes. A tentativa de data mais recente nesse sentido é feita através de uma noticia da United Press, vinda de Londres em 4 de novembro, em que se afirma, que constaria de informações diplomaticas de Madrid, que o generalissimo Franco teria rejeitado uma representação alemã em que se pedia permissão para a passagem de tropas tudescas „em direcção a Gibraltar ou a Portugal". Nisso, não se lembraram, porém, de que, ha muito tempo já, se encontrariam na Hespanha milhares e milhares de soldados alemães. Pois isso foi propalado, repetidas vezes, pelos inimigos da Alemanha, sendo que, por ultimo, em 22 de outubro, pela Havas, em telegramma de Nova York que, entretanto, foi qualificado pelas autoridades alemãs, expressamente, de boato sem pé nem cabeça (Stefani, 29 de outubro).

Das Oberkommando der Wehrmacht gibt bekannt...

Berlin, 12. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht gibt am Montagmittag bekannt:

„Im Laufe des 10. und in der Nacht zum 11. November wurden die Vergeltungsangriffe gegen London pausenlos fortgesetzt. Ausserdem wurden in Süd- und Ostengland Angriffe auf zahlreiche kriegswichtige Ziele durchgeführt. Bombentreffer wurden auf Speicher und Gleisanlagen in den Häfen Bexhill, Hastings, Dover, Claxton on Sea und Great Yarmouth, auf der Bahnstrecke Astborough—Margate sowie der Strecke zwischen Ipswich und eine Fabrik in Chatham erzielt. Durch Bomben zerstört wurden einige Baracken und Truppenunterkünfte in den Truppenlagern von West-Luthworth und Dungeness. Während der Nacht wurden Birmingham und Liverpool mit grossem Erfolg bombardiert, ebenso eine Rüstungsfabrik bei Granham. In den Gewässern östlich von Middlesborough versenkte ein Kampfflugzeug ein Handelsschiff von 8000 t. In der Nacht zum 11. November warfen feindliche Flugzeuge Bomben an verschiedenen Stellen des Reichsgebietes ab, wobei an einer Stelle ein Holzlager in Brand gesetzt und an zwei anderen Stellen Hochspannungsleitungen beschädigt wurden. Weiter beschädigten die feindlichen Bomben zwei Bauernhöfe und ein Wohnhaus. Es sind insgesamt ein Toter, ein Schwerverletzter und neun Leichtverletzte zu beklagen. In den Luftkämpfen des gestrigen Tages sind vier feindliche Flugzeuge abgeschossen worden. Fünf eigene kehrten nicht zurück."

Berlin, 12. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht gibt am Dienstagmittag bekannt:

„Die schon gestern mitgeteilten Vergeltungsangriffe, die die deutschen Staffeln in den frühen Morgenstunden des 11. November gegen London durchführten, verursachten grosse Brände in den Verkehrsanlagen nördlich Warmwood Worrubb und in den Städten Willesden, Herlesden und South Acton. Mehrere Bomben fielen als Volltreffer in ein grosses Elektrizitätswerk. Weitere grosse Brände wurden in dem Stadtteil Leyton und in Bermondsey hervorgerufen. Ein schwerer Brand wurde in einem Unternehmen der Flugzeugindustrie in Birmingham beobachtet. Auch während des Tages am 11. November und trotz schlechter Witterungsbedingungen griffen die deutschen Maschinen London und zahlreiche militärisch wichtige Anlagen in Süd- und Mittelengland an.

Während dieser Aktionen wurden schwere Beschädigungen an einer Motorenfabrik in Slough, einem Gasometer und Industrieanlagen in Birmingham, einer Rüstungsfabrik in

Oxford und einer Brücke in Folkestone verursacht. Wie bereits mitgeteilt, haben deutsche Sturzkampffverbände südwestlich Harwich einen stark gesicherten Geleitzug angegriffen. Trotz heftigen Flakfeuers und der Jägerverteidigung gelang es, 7 Handelsschiffe mit mehr als 44.000 brt zu versenken und weitere 5 Schiffe schwer zu beschädigen. Im Atlantik versenkte ein deutscher Langstreckenauflklärer einen Dampfer von 2500 t. Wasserflugzeuge erzielten Volltreffer auf 2 englischen Handelsdampfern von zusammen 14.000 t. Im Laufe des Tages kam es zu heftigen Luftkämpfen, während denen 14 feindliche Flugzeuge abgeschossen wurden. In der Nacht zum 12. November unternahm der Feind keine Einfüge gegen deutsches Gebiet.

Während der Operationen des 11. November zeichneten sich die Abteilungen des italienischen Fliegerkorps bei einem siegreichen Angriff auf einen Hafen der ostenglischen Küste besonders aus. Bei diesem Angriff kam es zu heftigen Luftkämpfen, bei denen die italienischen Jäger 7 britische Jäger abschossen. Gestern verlor der Feind insgesamt 22 Flugzeuge, von denen eins durch Flak abgeschossen wurde. 7 deutsche und 6 italienische Flugzeuge kehrten nicht zu ihren Stützpunkten zurück."

Berlin, 13. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht teilt am Mittwochmittag mit:

„Während in der Nacht vom 11. zum 12. November die Stürme und die Vereisungsgefahr die Tätigkeit der britischen Luftwaffe vollständig lahmlegten, setzten unsere Fliegerstaffeln mit Erfolg ihre Vergeltungsflüge gegen London fort. Auch im Laufe des Tages am 12. November griffen sie London an. Von schwerkalibrigen Bomben wurden eine Gasanstalt und die Lagerhäuser in Kensington getroffen. Ausserdem wurden erfolgreich Bomben auf Hafen- und Verkehrsanlagen, Lagerhäuser der Rüstungsindustrie und ein Elektrizitätswerk in Mittelengland abgeworfen. Die Verminung der englischen Häfen wurde fortgesetzt. In der Nacht vom 12. zum 13. November warfen einige englische Flugzeuge Bomben auf Westdeutschland ab, die fast ohne Ausnahme auf offenes Feld fielen. Nur in einem Dorf wurde ein Bauernhaus zerstört, 2 weitere Häuser und die Wasserleitung wurden beschädigt sowie verschiedene Personen verletzt, die sich nicht in den Luftschutzkellern befanden. Beschädigungen an Eisenbahnanlagen an einer anderen Stelle konnten schnell repariert werden. Auf deutscher Seite gab es keine Verluste. Die Zahl der am 11. November von der italienischen Luftwaffe abgeschossenen Flugzeuge hat sich auf 10 erhöht."

Frühherbst in Flandern

Wiedersehen mit dem Kampfgebiet / Der Westwall am Meer
Von Kriegsberichterstatter Kurt Neher

Nach fünfeinhalb Monaten betreten wir zum erstenmal wieder holländischen Boden. Auf den wenigen Bahnstationen kommen Männer und Frauen mit Körben an unseren überfüllten Zug heran, um alles mögliche anzupreisen: Käse, Kakao, Schokolade und herrliche blaue Weintrauben, die in den grossen Gewächshäusern des Landes geüchtet werden. Kein Mensch weiss eigentlich so richtig, wo die meisten Waren herkommen; aber die Urtauber in den Abteilen sind froh darum und kaufen, was die kurze Rast auf der langen Fahrt ihnen bietet. Man erkennt bald, dass jede Haltestelle ihre besondere Spezialität hat, die wahrscheinlich mit der Produktion des engeren Bezirks zusammenhängt. So gab es in Maastricht Käse, in Roermond Weintrauben und auf anderen Stationen wieder Zigarren oder Kognak.

Brüssel ist unser erstes Ziel. In den Tagen des Mai hatte uns die Hauptstadt Belgiens anders empfangen als heute, wo sie fast zu bersten scheint vor Lebensfülle. Man kann ohne Uebertreibung sagen, dass sie jetzt wieder das wohlhabendste, selbstsichere Aussehen einer Stadt im tiefsten Frieden hat, die sich ihres Wertes und ihrer Aufgabe wohl bewusst ist, und in den Augenblicken des Krieges sowohl ihre Leistungen der Vergangenheit, als auch die sich bereits schattenhaft abzeichnenden der nahen Zukunft voll genießt. Zur breit strömenden flämisch-niederländischen Ruhe ist etwas prickelnd Unsicheres, Ziellichtenes hinzugekommen, wie es auch das Wesen von Menschen erfasst, die sich neuen Aufgaben gegenübersehen, deren ganze Ausmasse sie zwar ahnen, aber noch nicht abschätzen können.

Die Strassen sind am Nachmittag überfüllt mit promeniierenden Menschen, die alle nicht den Eindruck machen, als seien sie etwa unglücklich über die deutsche Besetzung. Die Kaffees der Innenstadt sind überfüllt. Die Stühle stehen ebenso wie in Frankreich auf der Strasse; und obwohl es recht kühl geworden ist und die Sonne nicht mehr so richtig wärmen will, ist kein freier Platz mehr zu finden. Die wehmütigen, fast traurigen Klänge eines der bekannten Chansons klingen heraus auf den Platz. Man kann deutlich beobachten, wie die Vorübergehenden einen Augenblick verharren, als überlegten sie, ob sich eine kurze Pause bei einer Tasse Kaffee verlohne. Man macht nicht selten die Beobachtung, welche starke Wirkung die Musik auf die Menschen ausübt, denn die Lokale mit ihren stets überfüllten Sälen, die die jugendliche Bevölkerung weitaus grösseren Anteil hat als unsere Soldaten.

Erbittert über Englands Bombenwerfer

Das Feldgrau ist den Brüsslern längst zur Selbstverständlichkeit geworden. Im Verlauf von Gesprächen gibt sich Gelegenheit, es selbst von ihnen zu hören, dass die Korrektheit und Zurückhaltung der deutschen Besetzung angenehm von dem arrogant und rücksichtslosen Gebaren der Engländer absieht. Aber der Krieg liegt im Gedächtnis der Menschen schon weit zurück wie ein Alpdruck, an den man sich nicht gern erinnert. Man hat bereits wieder Mode- und andere Sorgen, kann Filme sehen und deutsches Theater besuchen. Allerdings, um 10 Uhr abends ist in der völlig verdunkelten Stadt Polizeistunde. Zwischen 11 und 12 Uhr nachts kamen noch öfters die Engländer, die „Blindflieger“, und warfen wahllos ein paar Bomben auf die militärisch heute völlig bedeutungslose Stadt, in der es weder ernsthafte Ziele noch kriegswichtige Industrien gibt. Die Flamen sind sehr erbittert über diese unerwünschten Besucher und machen ihrem Herzen begreiflicherweise kräftig Luft; denn als englische Flugzeuge die kleine belgische Luftwaffe hätten unterstützen sollen, waren weit und breit keine zu erblicken, und jetzt, da sie nach Monaten endlich auftauchen, werfen sie Bomben auf die Zivilbevölkerung der Hauptstadt ihres früheren Bundesgenossen. Bei den meisten Brüsslern freilich hat nach den Aussagen eines belgischen Militärarztes, den wir kennen lernten, die Alarmsirene nur einen Grund, nämlich den, die Menschen zu wecken und ihnen zwischen Aufwachen und erneutem Einschlafen die Möglichkeit zu geben, sagen zu können: „Ah les anglais, les sales cochons!“

Fast vier Monate sind vergangen, seit wir dieses Land nordwestlich von Brüssel erleben und als Soldaten von Brabant nach Flandern kamen. Damals zog ein üppiger Frühsummer über die flachen Felder, die dichten, heimtückischen Buschreihen an den Kanälen und die kleinen saftstrotzenden Wäldchen, die sich wie Schutzwälle um die niederen Häusergruppen scharen. An der Schelde, vor Namur, vor Dünkirchen und an der Maas lagen unsere toten Kameraden in den grünen Getreidefeldern, in denen der rote Mohn auf das Blühen wartete. Wir haben den Rhythmus der ratternden motorisierten Kolonnen noch im Blut; wir meinen ihn vor uns, hinter uns, von allen Seiten zu hören, wenn wir im Wagen für einen kurzen Moment die Augen schliessen; aber die Strassen sind leer und

ohne Hindernisse. Keine braungraue Staubfahne hängt mehr über den Wegen wie in der Zeit des unaufhaltsamen Vormarsches, da jeder Feldweg, den man von einem der kleinen Hügel nach rückwärts einsehen konnte, einem tausendgliedrigen, grauen Drachen gleich, der sich mit unwiderstehlicher Gewalt drohend feindwärts schob.

Ährenbüschel am Kameradengrab

Der Frühherbst hat in Flandern schon in den ersten Tagen des September seinen Einzug gehalten. Auf den Gräbern zweier Kameraden, die wir bei Furnes besuchten, liegen in dem umgekehrten Stahlhelm schon rote und blaue Ähren. Die Linden in der Nähe haben bereits einen leichten gelben Schimmer, und die ersten Blätter treiben langsam in dem müden Wind zu Boden, der von der englischen Küste herüberweht. Die Felder sind herbstlich geplügt; die Kampfnarben des Bodens sind verharscht; nur die Bäume zeigen noch das von Maschinengewehr- und krepierenden Granaten aufgerissene weisse Holz, als habe der Stahl erst gestern nach dem kühnen Trupp Männer gegriffen, der im Rücken des weichenden Feindes im Schutz der festen Stämme nach zwei Seiten seine furchtbaren Schläge austeilte und stundenlang ausharrte, bis die Kameraden endlich heran waren.

Irgend jemand, wahrscheinlich einer der Feldgrauen, die jetzt als Besatzungstruppe Flandern unter ihren Schutz genommen haben, hat einen Büschel Weizen auf die gelbe Erde zu Füssen der beiden Holzkreuze gelegt. Die vollen Körner waren bereits aus den Ähren gefallen. Er wusste bestimmt nicht um die Tat dieser Jungen, die da unter der Erde lagen, und die am 29. Mai zum ersten Male auf das britische Expeditionskorps stiessen, das sich bereits in voller Auflösung befand und in wilder Flucht die nahen Kanäle zu erreichen suchte. Wer von uns hatte damals gedacht, dass der Zusammenbruch so schnell erfolgen würde, dass der Ring um die britische Insel so rasch geschlossen werden könnte? Auch diese beiden Toten haben gehofft; wir Lebenden durften für sie vollenden!

Im Mai und in den ersten Tagen des Juni war Flandern für uns Kampfgebiet. Nur in seltenen Augenblicken gab es ein kurzes Ausruhen für Augen und Gedanken, wenn wir über das graue Gemäuer eines der götischen Bauwerke blickten und eine knappe Sekunde lang so etwas wie Glück darüber in unser Herz einzog, dass die Gebäude keinen Schaden gelitten hatten, oder wenn wir in einem der zahllosen, sauberen flämischen Städtchen trotz Kampf und Zerstörung das Gefühl haben durften, dass dieses Rathaus oder jener Marktplatz aus dem niederdeutschen Land in den Raum zwischen Schelde und Somme als ein Stück der fernen Heimat hineingetragen worden wäre.

Nun ist aus dem Mosaik dieser Tage ein grosses, übersichtliches Werk geworden, das wir auf unserer Fahrt durch das besetzte Land als zusammenhängende Folge von Bildern empfinden durften.

Flandern ruht fest in unserer Hand. Die Spuren des Krieges konnten noch nicht überall beseitigt werden; dafür waren die Schläge, die geführt werden mussten, oft zu hart. Aber in den Ortschaften hat das Leben wieder seinen normalen Stand erreicht. Bauern, Handwerker und Fabriken arbeiten wieder. Wo die Brücken in die Luft gesprengt worden waren, sind Notübergänge entstanden, bis die Neubauten fertiggestellt sind, so dass das Verkehrsnetz lückenlos ist und die Wirtschaft wieder atmen kann. Am Anblick Flanderns ist der Krieg verhältnismässig gnädig vorübergegangen. Nur verrostete englische Lastwagen, Panzer oder Geschützteile liegen da und dort über das Land verstreut, sind fast schon mit ihm verwachsen. Die mächtigen Beutelager, die nach dem Fall von Gent, Kortryk und Dünkirchen kilometerweit die Strassen füllten, sind verschwunden. Wie mit einem eisernen Besen ist das Land sauber gefegt, so dass von den traurigen Resten des britischen Expeditionskorps nur so viel übrig geblieben ist, um zu erkennen, dass hier einmal eine grosse Armee, wo sie sich ihrem Gegner auch stellte, restlos vernichtet und zusammengeschnitten wurde.

La Panne ist wieder sauber

Gras wächst um die Radspeichen und leichter Algenflug kämpft mit dem üppigen Rost, der alle Eisenteile überzogen hat. Vergeblich halten wir in La Panne und Dünkirchen Ausschau nach dem gewaltigen Trümmerfeld der britischen Armee, dem wir am Morgen des 1. und 5. Juni fast fassungslos gegenüberstanden. Eine reinigende Sturmflut konnte in La Panne das saubere Badestädtchen und seinen kilometerlangen weissen Strand nicht freier machen von allem, was nicht dortin gehört, wie es die fleissigen Hände deutscher Aufräumungs- und Materialverwertungskommandos besorgt haben. Friedlich liegt der

Ort am Kanalufer und scheint noch verspätet auf die ausgebliebenen Sommergäste zu warten. Im südwestlichen Stadtausgang, dort, wo wir am 1. Juni, einen brennenden britischen Wagenpark im Rücken, unser Maschinengewehr hinter der Sandsackbarrikade eines kleinen französischen Kaffees in Stellung gebracht hatten, sitzen heute am Sonntag junge Soldaten bei einem Glas Bier. Nur dann und wann geht ihr Blick hinaus auf die ruhig daliegende See. Er ist aber nicht erfüllt von der gleichen aufmerksamen Spannung, mit der wir einmal den Horizont absuchten, weil wir jeden Augenblick mit dem Auftauchen eines britischen Kriegsschiffes rechnen mussten, sondern ist ruhig und entspannt wie der eines sich selbst vertrauenden Besitzenden.

In keinem Augenblick haben wir stärker die politische und militärische Stellung des Reiches gegenüber England empfunden wie hier am flämischen Strand als nächste Nachbarn der britischen Insel und absolute Beherrscher der Meerenge zwischen Dover und Calais. Die Besetzung Flanderns hat auch ein starkes aktives Element in das Land gebracht, das sich nicht nur auf die Beseitigung der Kriegsschäden beschränkt, sondern sich auf den grossen, letzten Schlag gegen England vorbereitet. Die Küste bis hinunter zu den Pyrenäen ist unser Westwall geworden, aus dessen Schutz unsere Bomben- und Jagdgeschwader täglich gegen die Insel starten.

Am Tage wagt es kein Brit

„Aber die Briten lassen sich ja tagsüber nicht blicken.“ Nur in der Nacht werden sie wach, wenn sie glauben, ungeschoren anfliegen zu können. Aber auch darin täuschen sie sich. Flandern weiss es: der helle Tag gehört unbeschränkt der deutschen Luftwaffe. Ein Gefühl des Stolzes und der Ueberlegenheit erfüllt uns, wenn wir bedenken, dass nur knapp 32 Kilometer uns von der englischen Insel trennen. In wenigen Minuten könnten die Hurricanes und Spitfires uns mit ihren Maschinengewehren greifen. Aber sie kommen nicht! Sie können nicht! In Ruhe müssen sie uns arbeiten lassen. —

Steil, oft über hundert Meter, fällt die Küste ins Meer. Bei Flut reicht das bebaut Land bis dicht an die Wasserlinie. Sauber sind die Getreidefelder von einer fleissigen Bauern- und Fischerbevölkerung abgeordnet und stehen mit ihrem goldenen Gelb in seltsamem Kontrast zu dem dunklen Grün der Rüben- und Kartoffelfelder, der weissen Kreidesteilküste und dem graublauen Meer dieses Frühherbsttages. In kühnen Windungen schlängeln sich die Bänder der Strassen über Höhen und Täler, die alle nach Westen zu offen sind, als habe eine gewaltige Naturkatastrophe ihre Fortsetzung verschlungen. Saubere Dörfer, die Häuser um die Kirche geschart, schliessen sich in die Täler und sprechen von einem Baugefühl, das dem unsrigen eng verwandt ist. Weder landschaftlich noch baulich gibt es an der flämischen Küste ein Verströmen, wie man es meist an den Festlandrändern findet. Alles hat feste, gebundene Formen. Selbst das bis auf den letzten Quadratmeter ausgenützte anbaufähige Land trägt den Stempel einer unerschütterlichen Forderung des Menschen an das Meer, herauszugehen, was es doch schon vor Jahrtausenden geraubt hat.

Mit harten Gesichtern blicken die Posten der Beobachtungsstände unserer Küsten-Artillerie hinaus auf die See, dorthin, wo sich am Horizont breit hingelagert die Steilküste Englands aus dem Grau erhebt. Mit einem Blick lässt sich der südöstliche Teil der Insel umfassen, der als gigantischer weisser Block aus dem Meere ragt. Fast glaubt man das sagenhafte Zinnland der Römer in den Händen greifen zu können, das seit neunhundert Jahren keine fremden Soldaten mehr als Gegner im eigenen Land hatte. Bei klarem Wetter erkennt man sogar die Hafeneinfahrt von Dover und kann einzelne Häuser unterscheiden. Auf dieser Inselfestung ist Grossbritannien jetzt selbst gefangen und muss sich zum ersten Male seit Wilhelm dem Eroberer einer fremden Macht zum Kampf stellen. Ununterbrochen überwachen unsere Jäger die englische Küste und dröhnen die Wellen unserer Geschwader über diese grandiose Landschaft, in der selbst Erde und Wasser sich in ständigem Ringen miteinander befinden. Nachts zuckt der Feuerschein brennender englischer Städte über den dunklen flämischen Himmel und dröhnen die Abschüsse deutscher Ferngeschütze. —

Herbst auch für Großbritannien

Wie erwidert England diese Schläge? Ein paar in der Nacht sinnlos auf Gent, Brügge, Calais, Boulogne oder Brüssel abgeworfene Bomben; einige wahllos abgefeuerten Schüsse aus den Rohren britischer Küstenartillerie; heute drei Schuss auf irgend eine Sanddüne, morgen vier Kilometer weiter südlich, in die Nähe eines kleinen Dorfes, dessen zurückgebliebene Bewohner mit staunender Hilflosigkeit die Beschliessung ihrer Felder zu verstehen suchen. Das ist alles, was der Engländer an Abwehrkräften aufbringt!

In Flandern ist der Herbst eingezogen. Und in den frischen sternklaren Nächten, wenn ein paar einsame britische Maschinen im Schutz der Dunkelheit ihre Ziele suchen müssen und in 5000 Meter Höhe über die deutsche Postenkette ziehen, dann wissen und fühlen wir, dass nun auch Grossbritannien in seinen Herbst getreten ist.

Das Wort des Führers

Wem Zeit und Technik erlaubten, am Abend des vergangenen 9. November die Rede des Führers im Münchener Löwenbräukeller zu hören, muss von dem bedingungslosen Glauben Adolf Hitlers an Deutschlands Sieg bestärkt und beglückt gewesen sein. Er muss im eigenen Herzen und, geradezu körperlich ergriffen, den harten Willen und die kompromisslose Entschlossenheit des Mannes empfunden haben, der dem deutschen Volk das heldische Antlitz unserer Zeit verlieh. Jenseits aller feindlichen Illusionspolitik, fern allen vagen Voraussagen prägte der Führer wieder seine Worte und Sätze, und in seiner klaren soldatischen Sprache klangen alle Antworten mit, die wir hier draussen manchmal, umgeben vom lauten Widerstreit fremder Meinungen, belastet mit dem furchtsamen Zweifel der eigenen Reihen, als Bestätigung unserer geraden Marschrichtung auf dem deutschen Weg benötigten. Ja, der Führer liess uns teilhaben an dem grossen Kampf der Front und der Heimat. Am Vorabend des Gedenktages, der den ersten Blutzug des nationalsozialistischen Deutschland gewidmet ist, verpflichtete er jeden deutschen Volksgenossen auf den Glauben an das Reich. Dies war die Erkenntnis, die wir aus seiner Rede gewannen. Der Grossdeutsche Freiheitskampf wird mit demselben erhebenden Sieg beendet werden wie einst das Ringen um die völkisch geeinte Nation. Das waren zugleich die letzten Parolen für den Endkampf. Im Bewusstsein der kraftvollen Ueberlegenheit fiel die Formulierung, dass der Tag kommt, da es keinen Churchill mehr geben werde, aber deutsche U-Boote noch und noch. Unerbittlich riss Adolf Hitler den englischen Kriegshetzern wieder die Maske herab und entlarvte ihr heuchlerisches Treiben, England wollte Europa balkanisieren und desorganisieren, um mit einem eingekreisten Deutschland einleichter Spiel zu haben. Dieser Versuch ist nun für immer abgeschlossen. Deutschland und Italien werden Europa organisieren, sie werden den Kampf bis zur klaren Entscheidung führen. Ein für allemal muss mit der Gefahr ausgeräumt werden, dass Grossbritannien nach zwei oder drei Jahren die Völker erneut in einen Krieg hetzen kann. Ebenso gründlich rechnete der Führer mit der verbrecherischen Kriegsführung Churchills ab, der Deutschland mit einer Waffe angriff, in welcher das Reich gerade am besten gerüstet war. Dementsprechend ist heute die Antwort der deutschen Luftwaffe auf die nächtlichen Bombardements der Zivilbevölkerung durch die RAF.

Man kann eine derartige Rede des Führers indirekt gar nicht wiedergeben. Man muss sie gehört oder im wahren Wortlaut gelesen haben, um die Kraft zu spüren, die aus seinen Worten spricht. Es sind nicht die Einzelheiten, die unsere ganze Spannung erfordern. Dass die deutschen Verluste 1939-1940 bisher nur knapp die Hälfte der Verluste des Krieges 1870-71 überstiegen, dass bislang nicht mehr Munition verschossen wurde, als in einer deutschen Monatsproduktion hergestellt wird, dass die astronomischen Zahlen der amerikanischen Rüstungsindustrie das Geschick dieses Krieges nicht mehr beeinflussen werden, dass Churchills Lügen das Empire nicht retten und dass das Reich halb Europa im Handumdrehen mobilisieren kann — das alles sagte Adolf Hitler nicht um einer billigen Propaganda willen. „Interessant“ und „grossartig“ sind keine notwendigen Prädikate für Führer-Reden. Wohl aber spricht der Führer einzigartig, einzig dastehend in seiner Art. Darum bedeuten uns seine Worte eine hohe Verpflichtung für unser Denken und Handeln, Tun und Lassen. Wir glauben und fühlen uns eingereicht; wir glauben bedingungslos an den Sieg der deutschen Waffen und sind zu jedem Opfer bereit. Schon ahnen wir, dass Englands Krieg nicht mehr von langer Dauer sein wird. In einigen Monaten — sagte der Führer — wird England erleben, wie wirkungsvoll die deutsche Blockade ist. Und ist es nicht ein Schicksalszeichen, ein Ausdruck tragischer Symbolik für England, dass der Kriegserklärer Chamberlain fast zur selben Stunde die Augen für immer schliesst, als Adolf Hitler den Münchener Verrat dieses alternden Politikers vor seinen alten Mitkämpfern geissele. Wir wiederholen: Führer-Reden bedürfen keiner Kommentare, und wir würden froh sein, wenn wir unseren Lesern den vollen Wortlaut dieser denkwürdigen Ansprache zum 9. November bringen könnten. Aber geloben wollen wir, die Worte des Führers nicht nur auf den Lippen, sondern im Herzen zu tragen, damit wir durch alle Alltage mit der Kraft unseres Glaubens und der Härte unseres Willens dem deutschen Namen Ehre machen. ep.

... und dann wurde ich U-Boot-Kommandant

von Kapitänleutnant Günther Prien. — Es ist dem „Deutschen Morgen“ gelungen, diesen soeben in der Heimat erschienenen Eigenbericht des heldenmütigen und volkstümlichsten deutschen U-Boot-Kommandanten zum Abdruck zu erwerben. Wir hoffen, mit dieser Veröffentlichung unseren Lesern eine besondere Freude bereiten zu können. Der Tatsachenbericht beginnt in der nächsten Folge.



A' esquerda:
Trabalhos de desentulho nas ruas de S. Peterport na ilha britânica de Guernsey, no Canal da Mancha.

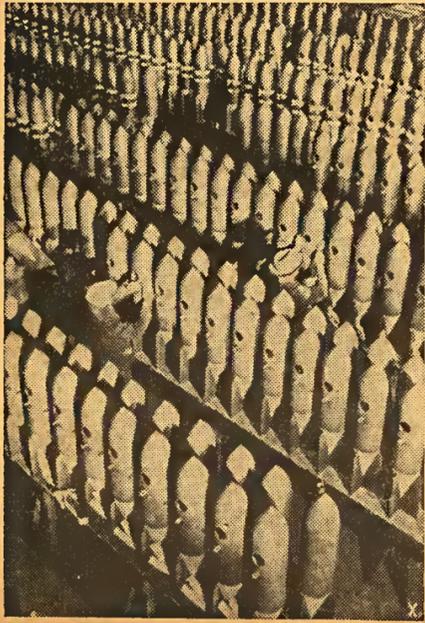
Links:
Aufräumungsarbeiten in den Strassen von S. Peterport auf der britischen Insel Guernsey im Aermelkanal.

A' direita:
Caças alemães vigiam o Canal da Mancha. — Os aparelhos Me 109 partem, continuamente, rápidos como flechas, ao longo das costas banhadas pela Mancha, precipitando-se, com seu poder danificador, sobre qualquer inglês que ouse aproximar-se.

Rechts:
Deutsche Jäger halten Wacht am Kanal. — Ständig fliegen die pfeilschnellen Me 109 an der Kanalküste und stürzen sich verderbenbringend auf jeden Engländer, der sich sehen lässt.



Bombas aéreas alemãs, fabricadas em série, em vias de acabamento.



Aus einem deutschen Rüstungswerk: — Deutsche Fliegerbomben am laufenden Band kurz vor der Fertigstellung.



Von polnischen Banditen hingeschlachtet. — Immer noch werden im Generalgouvernement ermordete Volksdeutsche aufgefunden, obschon ein Jahr seit dem Wüten des polnischen Untermenschentums und blutigen Terrors vergangen ist. Ein Bild aus den Bromberger Schreckenstagen des Jahres 1939, als Chamberlain und Churchill den Polen einen Freibrief für den Krieg gegen Deutschland gegeben hatten.

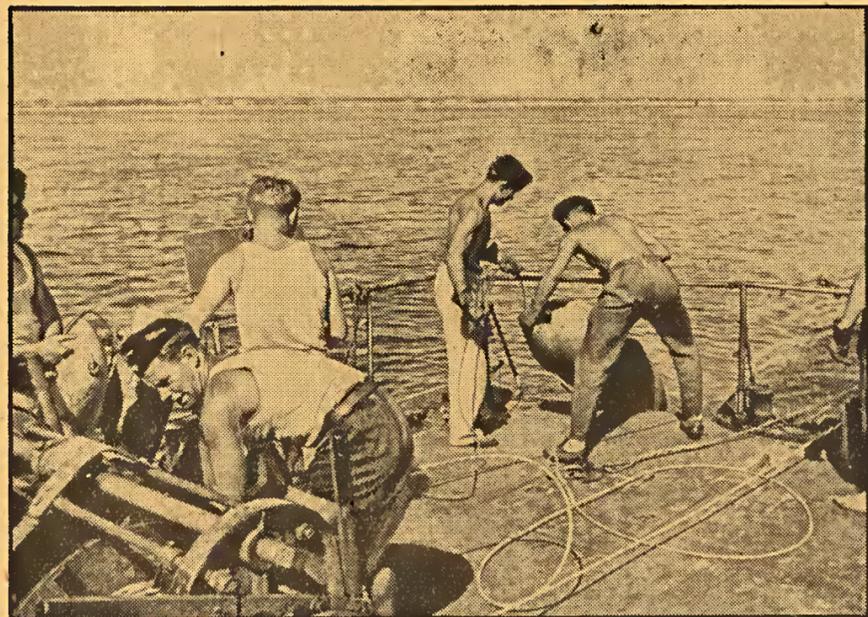
Num posto de bateria alemã nas costas da Mancha. — O chefe da bateria e a mascote dos artilheiros.



— In einer deutschen Geschützstellung an Kanalküste. — Der Batteriechef mit dem beigen Freund der Kanoniere.



As minas submarinas são inimigos perigosos. — As águas infestadas de minas têm de ser limpas constantemente desses engenhos. Trata-se de um trabalho penoso para a equipagem dos caça-minas. O flagrante fixa o lançamento do aparelho com que se recolhem as minas.



Minas sind ein gefährlicher Feind. — Die von Minen verseuchten Gewässer müssen ständig geräumt werden — eine schwere Arbeit für die Besatzungen der Minenräumboote. — Hier wird gerade das Räumgerät ausgebracht.

A' esquerda:
A placa comemorativa collocada na floresta de Compiègne depois do armistício de 1918, está sendo retirada e levada para Berlim.

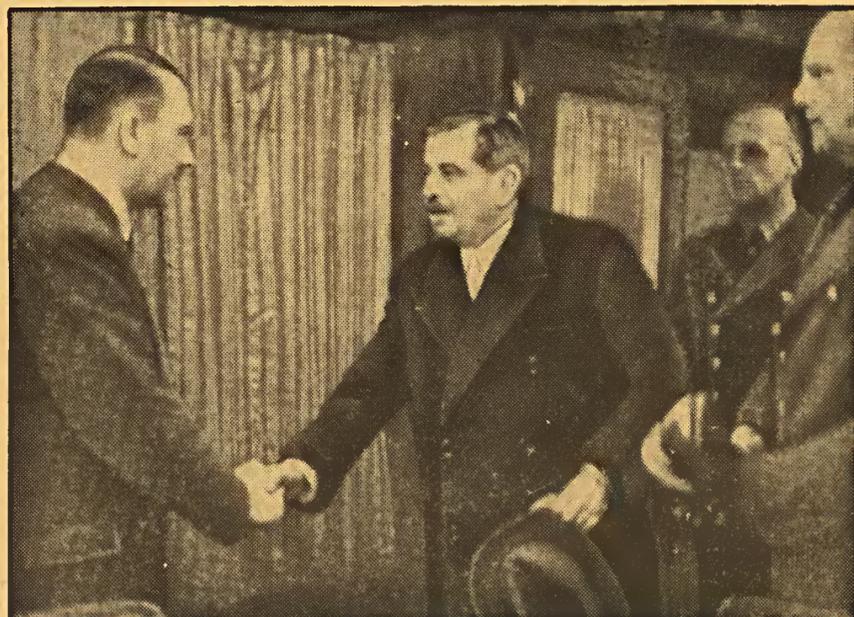
Links:
Die nach dem Waffenstillstand von 1918 im Wald von Compiègne angebrachte „Erinnerungstafel“ wurde nach Berlin transportiert.

A' direita:
Reabertura do Louvre. — Em presença de grande numero de altas personagens alemãs e francesas, entre as quaes o general-marechal de campo von Rundstedt, foi reaberto o Museu do Louvre.

Rechts:
Wiedereröffnung des Louvre. — Im Beisein zahlreicher deutscher und französischer Vertreter wurde in Paris in Anwesenheit von Generalfeldmarschall von Rundstedt der Louvre wieder eröffnet.



Laval e Hitler se encontram. — Em uma de suas permanências na França, o Fuehrer recebeu a visita de Pierre Laval, vice-presidente do Conselho de Ministros francez. Esteve presente ás conversações o ministro do Exterior do Reich, barão von Ribbentrop, que se vê ao fundo.



Laval beim Führer. — Während eines Aufenthaltes in Frankreich empfing der Führer den Vizepräsidenten des französischen Ministerrates, Pierre Laval. Bei der Besprechung war der Reichsminister des Auswärtigen, von Ribbentrop (im Hintergrund) zugegen.

No Quartel General do marechal do Reich Goering. — Vemos aqui o Ministro do Ar da Alemanha conversando com o commandante de uma flotilha aérea sobre planos de ataque á Inglaterra. A' direita, o general Kastner, da Arma Aérea.



Im Hauptquartier des Reichsmarschalls. — Hermann Göring bespricht den Einsatz gegen England mit einem Geschwaderkommodore. Rechts: General der Flieger Kastner.

Hitler e Mussolini encontraram-se no Brenner, onde se verificou uma conferencia amistosa, em presença dos ministros do Exterior da Italia e da Alemanha e com a participação do general-marechal de campo Keitel. Apresentamos o flagrante tomado ao passarem os dous homens de Estado em revista as duas guardas de honra.



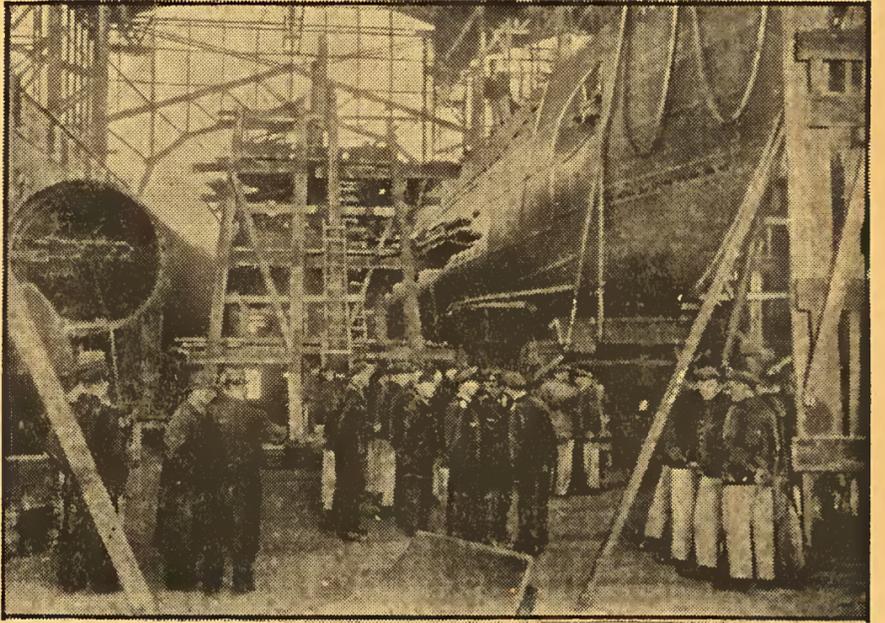
Der Führer und Mussolini trafen sich am Brenner, wo eine herzliche Unterredung in Gegenwart der Aussenminister und des Generalfeldmarschalls Keitel stattfand. — Die beiden Staatsmänner schreiten die Front der Ehrenformationen ab.

O Dia do Livro Alemão em Bucarest. — Foi inaugurada, em Bucarest, com a assistencia de grande numero de representantes da vida cultural rumânica, uma exposição do Livro Alemão. Vemos aqui o ministro de Educação da Rumania, Traian Braileanu, ao percorrer o recinto da exposição.



Der Tag des deutschen Buches in Bukarest. — In Gegenwart vieler führender Vertreter des rumänischen Kulturlebens wurde in Bukarest die repräsentative Deutsche Buchausstellung eröffnet. — Der Minister für nationale Erziehung, Traian Braileanu, beim Rundgang durch die Ausstellung.

No arsenal de submarinos alemães. — Constroem-se ininterruptamente, submersíveis de grande precisão técnica. O cliché apresenta a futura equipagem de um submarino inspecionando o seu barco, no respectivo estaleiro, nas vésperas do seu lançamento.



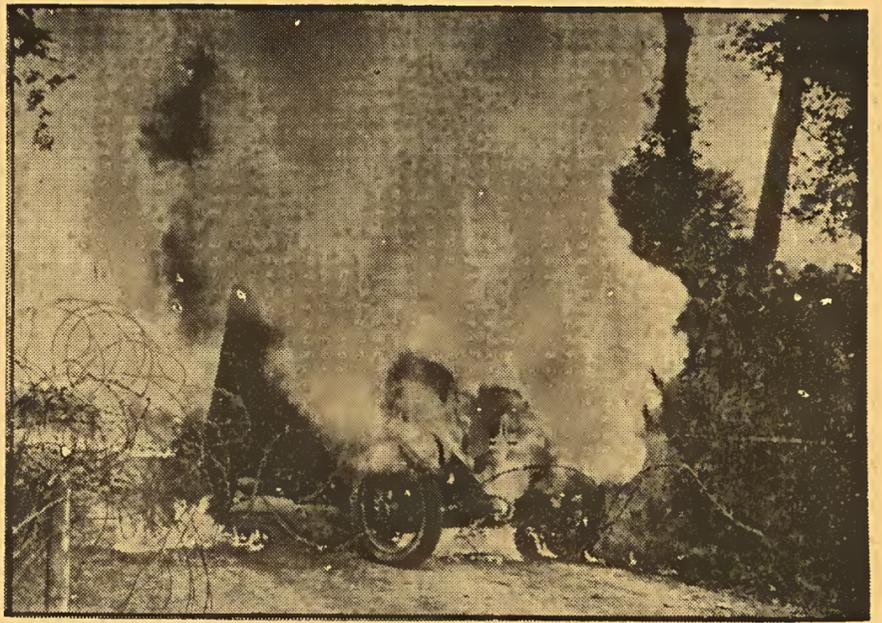
Aus der Waffenschmiede deutscher U-Boote. — In ununterbrochener Präzisionsarbeit entstehen neue deutsche Unterseeboote. — Die spätere Bootsbesatzung besichtigt ihr Boot kurz vor dem Stapellauf in der Werft.

Concentração da Juventude Fascista em Padua. — Desfile do grupo da Juventude Hitleriana, em continência ao Duce, na Praça Garibaldi.



Bildtelegramm von dem Grosstreffen der faschistischen Jugend in Padua. — Vorbeimarsch einer HJ-Gruppe vor dem Duce auf dem Garibaldiplatz.

Um „tanque alemão” em chamas ... — Afim de tranquillizar a população inglesa e dissipar nella o temor ante uma invasão alemã, os assim chamados corpos de defesa nacional fazem demonstrações, afim de provar quão facilmente podem ser postos fóra de combate carros de assalto alemães. No caso illustrado, tudo foi ás mil maravilhas, havendo apenas um pequeno senão: um carro de assalto teuto é algo diferente de um auto velho, mesmo que se pintem neste os distinctivos de um carro blindado alemão.



Ein „deutscher Tank” steht in Flammen. — Um die englische Bevölkerung zu beruhigen und ihr die Angst vor der gefürchteten deutschen Invasion zu nehmen, veranstalten die sogenannten Heimwehrformationen Vorführungen, mit denen gezeigt werden soll, wie leicht deutsche Kampfswagen ausser Gefecht zu setzen sind. Hier hat es „wonderful” geklappt. Nur eins stimmt in der Rechnung nicht: Ein deutscher Kampfswagen ist etwas anderes als ein altes Auto, auch wenn darauf die Abzeichen der deutschen Panzerwagen aufgemalt wurden.

Generaladmiral Carls

Eine der markantesten Persönlichkeiten in der deutschen Kriegsmarine, die seit Beginn des Krieges immer wieder neue Beweise ihrer ungeheuren Schlagkraft liefert, ist der zurzeit das Amt eines Gruppenbefehlshabers Ost bekleidende Generaladmiral Rolf Carls. Wer kennt nicht das scharfgeschnittene, kühne Gesicht dieses Mannes, charakteristisch gekennzeichnet durch den kleinen, schwarzen Spitzbart.

Dieser hohe deutsche Marineoffizier, den der Befehl des Führers im November vorigen Jahres auf den Posten des Gruppenbefehlshabers Ost berief, hat eine hervorragende militärische Laufbahn hinter sich. Als Sohn des nachmaligen Oberleutnant Friedrich Carls am 29. Mai 1885 in Rostock geboren, von väterlicher und mütterlicher Seite landwirtschaftlichen Familien entstammend, besuchte er, dem vielfachen Wechsel der Garnisonen des Vaters entsprechend, die Schulen in Rostock, Osterode in Ostpr., Hohensalza und Schönberg in Mecklenburg. Hier machte er schliesslich seine Abschlussprüfung und trat am 1. April 1903 als Seekadett in die Kaiserliche Marine ein.

Nach der infanteristischen Ausbildung kam der junge Seekadett Carls auf das Segelschiff SMS „Stein“, auf dem so mancher deutsche Seeoffizier der damaligen Zeit seine erste Seereise unternehmen musste. Ueber zehn Monate, genau 326 Tage, währte diese Fahrt, die den jungen Menschen mit allen Dingen und Härten der „christlichen“ Seefahrt vertraut machte und ihn zunächst in die schöne blaue Ostsee und dann nach Westindien führte. Zum Fähnrich z. S. ernannt, absolvierte er auf „Mars“ einen Artillerie- und auf „Blücher“ einen Torpedokursus, fuhr dann auf dem Dampfer „Prinz Heinrich“ und auf der „Hansa“ nach Tsingtau und wurde schliesslich auf den zum Kreuzergeschwader gehörenden Kreuzer „Bismarck“ kommandiert. Am 28. September 1906 trug er mit Stolz zum erstenmal die Leutnantuniform und stieg am 3. Oktober 1906 als Wachoffizier auf das Torpedoboot „Taku“.

Die folgenden Jahre sahen den Leutnant Carls, von kurzen Landkommandos unterbrochen, auf einer ganzen Reihe von Schiffen. Von 1907 bis 1910 war er Wachleutnant, später Adjutant auf dem Artillerie-Schulschiff „Schwaben“ und von 1910 bis 1912, nachdem bereits am 27. Januar 1909 die Beförderung zum Oberleutnant ausgesprochen war, Wachoffizier und Artillerieoffizier auf Kreuzer „Dresden“. Nach fast einjähriger Kommando als Beischiffsoffizier in der Reserve-division der Ostsee wurde Carls dann Artillerieoffizier auf dem kleinen Kreuzer „Breslau“, der zur Mittelmeerdivision gehörte, und auf diesem Schiff erlebte er dann auch den Ausbruch des Weltkrieges.

Zu allen Zeiten wird der Name dieses kleinen Panzerkreuzers in Verbindung mit dem Namen des Kreuzers „Göben“ mit unverwischbaren Lettern in der Geschichte der deutschen Seekriegführung eingegraben sein. Und zu allen Zeiten wird man sich der Besatzung erinnern, die in vorbildlichem Einsatz, fern von der Heimat auf dem Seekriegsschauplatz im Schwarzen Meer und am Kaukasus, einen heldenhaften Kampf führte. Unvergesslich und ein leuchtendes Beispiel von Tapferkeit wird der kühne Durchbruch unter Admiral Souchon durch die Strasse von Messina nach den Dardanellen und Konstantinopel sein. Zahllos sind die Gefechte, die die „Breslau“ und damit auch der im Dezember 1914 zum Kapitänleutnant beförderte Rolf Carls zu bestehen hatte. Gefechte mit überlegenen feindlichen Seestreitkräften, Beschiessungen von starken Landfestungen und sonstige kühne Unternehmungen folgten in fast ununterbrochener Reihenfolge.

Bis zum 2. Dezember 1916 dauerte das Kommando auf SMS „Breslau“, dann erfolgte die Kommandierung des Kapitänleutnants Carls als Wachoffizier auf das zum 3. Geschwader gehörende Linienschiff „König“, wo er bis zum 17. März 1917 Dienst tat. Dann kam eine völlig neue Richtung in das militärische Leben. Rolf Carls kam zur U-Boot-Waffe und war hier zunächst Lehrer für U-Bootsartilleristen, Kommandant des Schulbootes U 9 und schliesslich bis zum Kriegsende Kommandant von U 124.

Der Zusammenbruch von 1918 konnte einen Mann wie Carls keineswegs entmutigen. Bei der Gründung des Freikorps Löwenfeld stellte er sich als einer der ersten zur Verfügung und war hier als Kompanieführer und später Bataillonskommandeur in der III. Marine-Brigade.

Er nahm an den Kämpfen im ober-schlesischen Aufstandsgebiet teil und nach dem Kapp-Putsch an den Kämpfen im Ruhrgebiet. Hier half er mit seiner Freikorpsgruppe bei der Niederwerfung der roten Armee an der Ems und bei der Säuberung des Ruhrgebietes vom roten Terror (1920). Nach der Auflösung des Freikorps übernahm er inzwischen zum Korvettenkapitän beförderte Rolf Carls die Leitung der 5. Küstenwehr-Abteilung in Pillau, die er bis Herbst 1923 inne hatte. Die



Generaladmiral Carls.

Jahre 1923 bis 1925 sahen ihn als ersten Artillerie-Offizier auf der „Hannover“, 1925 bis 1927 finden wir Carls als Leiter der Kriegsmarinedienststelle in Königsberg und von hier aus wurde er dann endlich ins Reichswehrministerium berufen, wo er Leiter der Marine Ausbildungs-Abteilung und 1930 Chef des Stabes der Marineleitung wurde. Bereits am 1. Oktober 1928 war die Beförderung zum Fregattenkapitän ausgesprochen, der dann 1930 die zum Kapitän z. S. folgte.

Unter Versetzung nach Kiel übernahm Kapitän z. S. Carls die Führung des Linienschiffes „Hessen“ als Kommandant, wurde 1933 als Chef des Stabes zur Flotte kommandiert. Die nächsten beiden Jahre 1934 bis 1936 sahen den am 1. April 1934 zum Konteradmiral beförderten Carls als Befehlshaber der Linienschiffe, und als solcher versah er nach Ausbruch des spanischen Bürgerkrieges abwechselnd mit dem Befehlshaber der Aufklärungsstreitkräfte, Konteradmiral Böhm, den schwierigen und aufreibenden Dienst der in den spanischen Gewässern stationierten deutschen Seestreitkräfte. Nach zweijähriger Führung der Flotte trat Konteradmiral Carls die Führung an Konteradmiral Böhm ab.

Zum Vizeadmiral am 1. Januar 1937 und zum Admiral bereits sechs Monate später befördert, wurde Admiral Carls am 31. Oktober 1938 das Amt eines Kommandierenden Admirals der Marinestation der Ostsee übertragen und im November 1939 wurde Admiral Carls schliesslich Gruppenbefehlshaber Ost und als solchem wurde ihm auch die Vertretung des Gruppenbefehlshabers West und gleichzeitig der operative Einsatz der Flotte übertragen. Am 19. Juli 1940 erfolgte seine Beförderung zum Generaladmiral.

Nicht zuletzt ist es Generaladmiral Carls gewesen, dem die stolzen Erfolge der deutschen Flotte in dem jetzigen Kriege zu verdanken sind. Dem heldenhaften Kampf der deutschen Kriegsmarine auf allen Meeren der Welt im grossen Kriege 1914 bis 1918 können sich die Taten der neuen deutschen Kriegsmarine würdig an die Seite stellen. Sind doch gerade in unseren Tagen die Völker mit Bewunderung für den Geist und die Schlagkraft der deutschen Waffe zur See erfüllt.

Deutsche Minensucher sichern die Schifffahrt

Eines der unheimlichsten Kampfmittel des Seekrieges ist die Mine. Ueberall kann sie immer wieder erneut ausgelegt sein, um einem Feinde Verderben zu bringen. Kein Seemann weiss, ob nicht in dem so ruhig aussehenden Fahrwasser schon das Verderben für Schiff und Besatzung lauert. Die grossen Minensperren, die wichtige Fahrstrassen und Meeresstrecken gegen feindliche Angriffe abriegeln sollen, sind Freund und Feind meist bekannt, denn mit Rücksicht auf die neutrale Schifffahrt werden solche Sperren sogar öffentlich angekündigt. Zu den Minen, die von Schiffen, Minenlegern, ausgelegt sind, kommen in modernen Kriege noch Luftminen, das heisst solche, die aus der Luft von Flugzeugen gelegt werden. Das Besondere, Gefährliche dieser ist die Tatsache, dass es sich meist um magnetische Minen handelt, die nach einem neuen System funktionieren im Gegensatz zu den bisher bekannten, sogenannten Kontaktminen, deren Auslösung eine direkte Berührung notwendig macht. Zudem sind sie häufig systemlos irgendwohin geworfen wor-

den, um eine systematische Suchaktion unmöglich zu machen.

Eine weitere, nicht vorauszuberechnende Gefahr bilden treibende Minen, das sind solche Minen, die sich aus einer der sowohl von den kriegsführenden Parteien als auch von neutralen Staaten gelegten Minensperren insbesondere während der beginnenden Herbststürme losreissen und eine ständige Gefahr für jedwede Schifffahrt bilden.

Wie begegnet die deutsche Kriegsmarine nun dieser Gefahr?

Kriegsschiffe müssen selbstverständlich mit allen möglichen Gefahren rechnen und sind deshalb auch mit allen Einrichtungen versehen, die geeignet sind, die Minengefahr herabzumindern. Nicht aber ist dies bei den Handelsschiffen der Fall.

Die deutsche Kriegsmarine hat eine ausserordentlich grosse Anzahl von Minensuchverbänden im Dienst, deren einzelne Flotten fast ungeachtet von der Öffentlichkeit nun auch in diesem Kriege wieder ihren harten Dienst bei jedem Wind und Wetter versehen.

Neben den aktiven Flotten sind es meist die Reserveverbände der scetüchtigen Fischdampfer, die alle die vielen Zufahrtsstrassen in Dänemark, die Belte und den Sund, das Skagerrak und die Nordsee systematisch nach Minen absuchen und alle Fahrstrassen für die Schifffahrt sichern. Daneben gibt es in jedem grösseren Hafen sogenannte Hafenschutzflotten, bestehend aus ehemaligen Fischkuttern, deren Hauptaufgabe ebenfalls das unermüdete Freisuchen der Schifffahrtswege nach Minen ist. Jedes Quadrat der Seekarte wird so regelrecht abgekämmt. Treibende Minen werden vernichtet und sollte irgendein feindliches Fahrzeug eine Minensperre gelegt haben, so wird sie schon nach kurzer Zeit gefunden, aufgenommen und unschädlich gemacht werden können.

Die Irrwege der Linienschifffahrt werden ausserdem durch Sperrbrecher täglich abgesehen, so dass die Passagierdampferlinien in der Ostsee und den dänischen Gewässern bisher fast friedensmässig weitergeführt werden konnten.

Sobald feststeht oder befürchtet wird, dass ein Schifffahrtsweg durch einzelne Minen gefährdet ist, wird ein bestimmter Weg freigesucht und der Schifffahrt zur Benutzung empfohlen. Verluste, besonders bei der neutralen Schifffahrt, sind bezeichnenderweise fast immer auf Nichtbeachtung der Anweisungen der deutschen Kriegsmarinestellen zurückzuführen gewesen.

Die deutschen Minensuchverbände suchen indes Tag für Tag unverdrossen die ihnen zugewiesenen Seegebiete ab. Jedes einzelne Boot ist als Selbstschutz mit einem Minenbaum am Bug ausgerüstet. Die vorausgehende Abweiseinrichtung bringt in den Weg kommende Minen durch Abschneiden des Ankertaues zum Auftreiben. Danach werden solche Minen meist abgeschossen. Die Boote sind beim Suchen durch Suchleinen untereinander verbunden, die ebenfalls mit Vorrichtungen zum Kappen der Ankertaue der Minen versehen sind.

Manches deutsche Minensuchboot ist bei dieser gefährlichen Arbeit doch einmal mit einer Mine unvermutet zusammengestossen. Auf den Minensuchbooten kennt man jedoch das Gefühl für Gefahr nicht. Gewohnheit ist längst der Gefährte selbstverständlichen Mutes geworden und wohl rechnet man mit dem Soldatentod, aber jede Furcht ist unbekannt.

Wenn man die seefahrenden Minensucher nennt, so darf man auch die Minensucher nicht vergessen, die im allgemeinen nicht als solche bezeichnet werden und die die Bergung von an der Küste antreibenden Minen vornehmen. Wenn eine treibende Mine das Land erreicht hat, so ist sie nicht minder gefährlich, denn immer wieder hört man, dass leichtsinnige Menschen sich da hermachen und versuchen, solche Minen zu „bergen“.

Die Aufgabe, solche Minen zu bergen, fällt den Minenspezialisten der deutschen Kriegsmarine zu, die solche Minen sofort unschädlich machen. Wenn in den Stürmen der Nordsee, vor allem an der Westküste Dänemarks, irgendwo treibende englische Minen den deutschen Minensuchern entgangen sind und an Land treiben, so werden sie sofort von deutschen Waffenoffizieren und ihren Soldaten unscharf gemacht und geborgen oder gesprengt.

Auch diese Arbeit geschieht zum Schutze der Schifffahrt und Fischerei sowie der Zivilbevölkerung.

Funferlied

Alle aufgepaßt! Alle Tritts gefaßt!
Wir marschieren in Reih und Glied.
Alle aufgepaßt! Alle Tritts gefaßt!
Kennt ihr das Funferlied?
Von der Funferei und der Liebe nebenbei
singt alle fröhlich mit, singt, Kameraden, mit:
In dem Städtchen wohnt ein Mädchen
und das lieben wir so sehr,
denn es hat zwei blaue Augen,
blonde Haare, siebzehn Jahre,
sag' was wollen wir noch mehr,
wir Funferjoldaten?
Denn wir sind ja von der L.N. Kompanie,
und wir geben stets: „Sch liebe, liebe Sie“.
Und alle Mädchen hören mit. Didadidid, didadidid!
Sitt der Dienst auch schwer, drückt das Schiefsgewehr,
wir verzagen alle nicht;
ob auch schmerzt die Hand, ob auch knirscht der Sand,
der Schweiß frömt vom Gesicht.
Dann ertönt ein Lied wie von selbst durch Reih
und Glied
singt alle fröhlich mit; singt, Kameraden, mit:
In dem Städtchen...
Sitt der Sonntag da, geht es mit Harra
in das Städtlein hinein.
Seder zeigtet dann, daß er tanzen kann,
mit den schönen Madgelein.
Wenn die Geige singt und ein Walzerlied erklingt,
dann singen alle mit, dann singen alle mit:
In dem Städtchen...

Wandlungen in Jugoslawien

Raymund Höchger

Die jugoslawische Oeffentlichkeit lebt im Anfangsstadium eines Umdenkungsprozesses, der in erster Linie durch den Krieg und den damit verbundenen gewaltigen Veränderungen in Europa ausgelöst wurde. Der Zusammenbruch Frankreichs hat dazu den entscheidenden Anlaß gegeben und selbst in den westlich orientierten Kreisen der intellektuellen Oberschicht die Erkenntnis reifen lassen, dass eine neue Welt im Entstehen ist, eine Welt, die auf eine den Erfordernissen unserer Zeit entsprechenden politischen, sozialen und wirtschaftlichen Ordnung aufgebaut ist.

Die Bedeutung dieser Erkenntnis, die allmählich in das Bewusstsein aller Volksschichten dringt, kann man nur dann in ihrer vollen Tragweite ermessen, wenn man sich die Rolle klar macht, die für Frankreich in jeder Hinsicht seit der Begründung Jugoslawiens gespielt hat. Allerdings muss man dabei zwischen den einzelnen Gebietsteilen Unterschiede machen und berücksichtigen, dass die Kroaten durch ihre über achthundertjährige Personalunion mit Ungarn und durch ihre Bindungen zu den Habsburgern dem deutschen Kulturkreis näher standen als die Serben, die während des Weltkrieges an der Seite der Franzosen kämpften und sich in der späteren Zeit Frankreich gegenüber zu verpflichtet fühlten, wie es beispielsweise in dem Denkmal Mestrovitschs auf dem Belgradur Kalemegdom mit der französischen Aufschrift „Reconnaissance a la France“ zum Ausdruck kommt.

Viele Serben übersahen in den Jahren nach dem Weltkrieg, dass dieses Frankreich der Briand, Tardieu, Herriot und Barthou unter dem Deckmantel der Grosszügigkeit, die sich vor allem in Gewährung von zahlreichen Anleihen und Krediten äusserte, verbunden mit Garantien, Bündnissen und Beistandspaketen nur das Ziel der Hegemonie über den Südosten im Auge hatte. Gewiss, einsichtige Staatsmänner hatten die Gefahr des französischen Einflusses bald erkannt und ihre Kräfte darauf konzentriert, die jugoslawische Aussenpolitik vom Quai d'Orsay unabhängig zu machen und statt dessen mit den räumlichen Grossmächten Fühlung zu nehmen, deren geographische Lage von Natur aus auf eine Zusammenarbeit insbesondere auf wirtschaftlichem Gebiete hinwies. Obwohl sich viele Jugoslawen dieser Tatsache bewusst waren, scheuten sie jedoch, wenn man von einigen Ausnahmen absieht, davor zurück, sich mit dem Wesen der nationalsozialistischen und faschistischen Weltanschauung tiefer zu beschäftigen. Man stand der gewaltigen, geistigen Umwälzung in Deutschland, die man nur oberflächlich erfasste, gleichgültig oder verständnislos gegenüber, weil man noch zu sehr von dem Ideengut des liberalen und demokratischen Systems westlicher Prägung und vom französischen Wesen allgemein beeinflusst war, die dritte Republik, geboren aus dem Ideengut von 1789, war geistig längst tot, aber Paris blieb weiterhin der Anziehungspunkt für viele serbische Studenten, deren Väter zum grossen Teil ebenfalls in der französischen Hauptstadt ihre Studienzeit verbracht hatten.

Erst der Krieg und die Kapitulation Frankreichs zerstörte mit einem Male diese Illusionen. Man begann endlich die Dinge so zu sehen, wie sie in Wirklichkeit sind. Eine Welt falscher Vorstellungen stürzte zusammen. Man erkannte, dass das französische Volk nicht die Kraft besessen hat, sich von britischen Einflüssen und von der plutokratischen Schicht, von jenen „200 Familien“ zu befreien, die das Land in den Krieg gehetzt haben. Aus dieser Einsicht erklärt sich der grundlegende Stimmungsumschwung in der jugoslawischen Oeffentlichkeit zugunsten Deutschlands und seiner Sache, der ausserdem auch noch andere, realpolitische Hintergründe haben dürfte.

Die Revision der Anschauungen und Ideen ist nun schon seit einigen Monaten im Gang. Dabei wurde manches über Bord geworfen, was noch vor einiger Zeit niemand in Frage zu stellen wagte. Der Westen, nicht nur politisch gesehen, hat heute in Jugoslawien jedes Prestige verloren. Das gilt im wesentlichen für Frankreich, denn zu der englischen Welt hat man hier niemals eine innere Beziehung gehabt. Deshalb ist auch über das Schicksal Englands nicht ein Wort des Bedauerns laut geworden, im Gegenteil, man ist sich weitgehend darüber einig, dass den Engländern in diesem Kriege das zuteil wird, was sie verdient haben; für immer von der Entschliessung auf dem Kontinent ausgeschaltet zu sein.

Die Jugoslawen beginnen das neue Europa zu ahnen und stellen sich nun die Frage, welche Rolle ihr Land und der Balkan spielen wird. Der Wille und die Bereitschaft zur Mitarbeit ist bei vielen bereits vorhanden und gleichzeitig die Erkenntnis, dass diese Mitarbeit eine Umstellung in vielen Bezirken des Lebens erfordert. Ministerpräsident Zvetkowsch und Vizepräsident Dr. Matschek haben wiederholt in offiziellen Erklärungen auf die Notwendigkeit grundlegender Reformen hingewiesen, durch die die Politik des jugoslawischen Staates auf eine den Erfordernissen unserer Zeit entsprechende Grundlage gestellt werden soll.

Schon jetzt kann man sagen, dass der Krieg an dem politischen und geistigen Leben Jugoslawiens nicht spurlos vorübergegangen ist. Die innere Umstellung und damit verbunden eine Neuwertung vieler Begriffe deutet darauf hin, dass dieses Land sich innerlich darauf vorbereitet, auch seinerseits einen Beitrag beim Aufbau des neuen Europas zu leisten.

Ray Beveridge

Die Schlagader des Krieges!

Wie eine Waage so ist heute die Wirtschaftskapazität zwischen der Kriegswirtschaft von England und der wirtschaftlichen Lage der totalitären Staaten. — Die Balance fällt von Tag zu Tag auf die Seite der Achsenmächte. — Jedoch war der Start ungleicher. England rühmte sich und rechnete auf die Zufuhr von Lebensmitteln — Fleisch — Oel — Butter — Getreide — Obst usw. aus allen Erdteilen. Ihnen ständen zur Verfügung — so prahlten die demokratischen Drahtzieher — nicht nur das Nötige zum Leben, sondern jeder Luxusgegenstand. Und ebenso, wie sie auf die Ernährung im Uebermass rechneten, so glaubten sie, dass sie und sie allein das Herz des Krieges, die mechanisierten Waffen, mit dem Blut des Brennstoffs stets versorgen könnten.

Sie verrechneten sich im gleichen Masse mit der Ernährung in Deutschland und Italien. Ihr ausgezeichnetes Secret Service war so in Anspruch genommen mit der Vorbereitung zur Zerstörung der Oelquellen, welche die Achsenmächte versorgen konnten, dass die hochbezahlten Agenten, welche in allen Weltteilen waren, gänzlich übersehen haben, was tatsächlich im Innern der zwei Länder geschah, deren Bevölkerung zum Hungertod durch Blockade und deren Kriegführung aus Mangel an Brennstoff zum Stillstand gebracht werden sollte. Ja, die zwei Diplomaten, die die Zügel in der Hand zu halten glaubten und die die Fehde nicht nur durch ihre prahlerischen Reden und Hetzen ankündigten, sondern die den Fehdehandschuh hinwarfen und so Europa in Brand setzten, hatten bestimmt darauf gerechnet, was Marschall Foch prophezeit hatte, nämlich, dass der Treibstoff zu den kriegswirtschaftlichen Erzeugnissen gehört und durch den Mangel an solchem England das Reich besonders schnell aushungern könnte. Denn, so glaubten die Demokraten, dass sie die Oelquellen der Welt zur Verfügung hätten. Deutschland könnte niemals genug Erdöl gewinnen, um für einen langen Krieg auszureichen.

Aber hier haben die Brillen der zwei alten Männer, welche aller Welt Schicksal zu lenken glaubten, versagt. Sie, mit ihren künstlichen Augen — ihren Secret Service-Augen — haben übersehen, auch waren sie taub für die Tatsachen, welche in Deutschland vor sich gingen. Sie hörten, sahen oder begriffen absolut nicht, was der Vierjahresplan bedeutete. Und doch war es alles so leicht zu sehen.

Nach einem kurzen Besuch in Deutschland in 1936 hatte ich, und zwar in öffentlichen Ausstellungen, synthetischen Gummi gesehen, welcher besser war für viele Zwecke als Naturgummi. Und synthetisches Benzin war schon lange im Gebrauch. Doch die hochbezahlten Agenten der Engländer haben vollkommen übersehen, oder überhört oder nicht begriffen, dass sobald synthetischer Brennstoff in Deutschland überhaupt erzeugt werden konnte, dass die nationalsozialistische Regierung dafür sorgen würde, sobald wie möglich, nicht allein für einen eventuellen Krieg, sondern schon wegen der Devisen, dass sie alle Hebel in Bewegung setzen würde, die Produktion zu steigern.

Und so geschah es, dass im Rahmen des Vierjahresplanes die Treibstoffvorräte so ungewöhnlich gross waren, dass bei Kriegsbeginn die staatlichen Treibstoffvorräte nicht angegriffen werden mussten, sondern dass der Benzinverbrauch des Heeres aus der laufenden Benzinproduktion genommen wurde. Also schon die erste Verrechnung der Kriegshändler.

Nummer zwei war für das Deutsche Reich die Eröffnung der Quellen eines der grössten Rohstoffländer der Welt durch das Abfallen Russlands von den Demokraten. Der Generalbevollmächtigte für Kraftverkehr General von Schell erklärte, dass seit seiner Berufung zum „Beauftragten für Wirtschaftstransporte aus dem Osten“ die Oeleinfuhr aus Ostgebieten verdreifacht werden konnte.

Die tatsächliche Lage der Treibstoffversorgung in Grossdeutschland heute, ein Jahr nachdem England die brennende Fackel des Krieges in das Herz Europas geworfen hat, ist diese: Deutschland hat erstens ständig mehr Benzin, und zwar „home made“ — „made in Germany“, Heimerzeugnisse aus den Rohstoffen Kohle und Braunkohle, die sie in unerschöpflichen Mengen besitzt, und zweitens führt Grossdeutschland jetzt während des Krieges mehr Treibstoff ein als zuvor, so dass die deutsche Treibstoffbilanz nicht, wie Deutschlands Feinde gerechnet hatten, unzureichend ist, sondern sie ist während des Krieges fortwährend im Steigen. Und nun kommt hinzu die Sicherung von Oel durch die Inschutznahme der rumänischen Oelgebiete durch deutsche Truppen.

Doch ist dieses rumänische Oel durchaus nicht eine lebenswichtige Frage, weder für das deutsche Heer, noch für die deutsche Wirtschaft. Wie ein Sachverständiger vom Wehrwirtschafts- und Rüstungsamt im Oberkommando der Wehrmacht nun ganz treffend versichert: „Das Benzin geht Deutschland noch lange nicht aus. Auch ohne Ru-

mänien hat Deutschland genügend davon. Mit Rumänien aber hat es mehr! Und das ist eine Tatsache, die im Kriege immer angenehm ist. Denn diesmal lässt die Woge Oel Deutschland zum Siege schwimmen!“

Eine weitere Stütze unserer Treibstoffbilanz ist der äusserst sparsame Treibstoffverbrauch durch den zivilen Verkehr in der Heimat. Gemäss der Tradition unserer Rohstoffverteilung haben wir eine Skala für die Zuteilung von Treibstoff entwickelt, an deren Spitze die Kraftfahrzeuge stehen, die der lebenswichtige Wirtschaftsverkehr braucht. Dennoch sieht man noch viele Personenfahrzeuge z. B. in Berlin fahren, und es muss zugegeben werden, sogar noch manches Auto, dessen Betrieb keineswegs kriegswichtig ist und dessen Insasse gut und gern auch mit der Untergrund fahren könnte. Ich füge das an, nicht um zu hetzen, sondern um zu unterstreichen, wie sicher wir uns in unserer kriegsnotwendigen Treibstoffversorgung fühlen.

Dann haben wir in starkem Masse Treibgas im Kraftwagenverkehr eingesetzt. Die Gasflaschen an der Rückseite der Autos sind bereits ein gewohnter Anblick. Es sind Gase, die in den Prozessen der Chemie und der Schwerindustrie als Nebenprodukt anfallen und als Treibgas nützlich verwandt werden, oder Generatorgas, das aus Abfallholz, Torf und Kohle gemacht wird. Diese Stoffe sind bei uns in unerschöpflichen Mengen vorhanden.

Im mobilen Verkehr arbeiten wir vor allem mit Generatorgas aus Holzabfall und Torf, während Kohlengeneratoren sich besser für den feststehenden, den stationären Antrieb von Motoren, z. B. in Fabriken, eignen. Hier ersetzen sie dann das Treiböl und entlasten somit ebenfalls unsere Treibstoffbilanz. Wir sind dabei, wie vor kurzem General von Schell in der Zeitschrift „Der Vierjahresplan“ ausführte, Generatoren im grossen Stil bei Lastkraftwagen und Zugmaschinen, aber auch in der Binnenschifffahrt einzusetzen.

Chemie vernichtet Krankheiten

Große Erfolge der Seuchenmedizin

Zu dem gewaltigen Arbeitsgebiet der Chemie und wohl zu den schönsten, aber auch schwierigsten Aufgaben derselben gehört die Entdeckung und Herstellung neuer Heilmittel. Die Erfolge, die hier errungen wurden, gehören zu den wertvollsten, weil sie das Leben des Menschen direkt angehen, seine Gesundheit, seine Leistungsfähigkeit und Lebensfreude. Kein Gebiet ist aber auch so ernst und so voller Verantwortung wie diese. Immer wieder sind furchtbare Lücken durch Seuchen und Krankheiten in das Menschengeschlecht gerissen worden, das ihnen früher hilflos gegenüberstand. Meilensteine solcher Vernichtung stehen überall in der Welt.

Bakterientod durch chemische Mittel

Auf dem Prinzip der Chemotherapie, der Vernichtung der Erreger durch chemische Körper im Organismus, beruht die Wirkung einer grossen Anzahl von Tropenheilmitteln. Dass Deutschland auf diesem Gebiet führend ist und der Welt eine grosse Anzahl von Tropenheilmitteln geschenkt hat, muss ganz besonders hervorgehoben werden. Denn Deutschland war seiner Kolonien beraubt und konnte also, vom rein nationalen Standpunkt aus betrachtet, an sich kein Interesse an der Klärung der kolonialen Schwierigkeiten haben. Die Arbeiten und Leistungen der deutschen pharmazeutischen Industrie beweisen aber, dass die Wissenschaft nicht an den Grenzen des Reiches Halt macht, sondern bemüht ist, ihre Entdeckungen der ganzen Menschheit zugute kommen zu lassen. Wenn man bedenkt, dass es heute noch 700 Millionen Krankheitsfälle an Malaria gibt, dass die Schlafkrankheit ganze Volksstämme in Afrika dezimierte und erfährt, dass die Kala Azar, die Schwarze Krankheit, die früher in Asien in eineinhalb bis zwei Jahren unweigerlich zum Tode führte, dass die Bilharziosis und viele andere Tropenkrankheiten heute durch deutsche Heilmittel heilbar geworden sind, so wird man erimmen, welche segensreichen Leistungen von Deutschland ausgegangen sind. Ebenso bahnbrechende Erfolge waren den deutschen Forschern und der deutschen Industrie auf dem Gebiet der Hormon- und Vitaminforschung beschieden. Stammt doch die erste Synthese eines Hormons, das also auf chemischem Wege hergestellt wurde, das der Nebenniere, aus Deutschland. Besonders erfolgreich war Deutschland auf dem Gebiet der Synthese der Geschlechtsdrüsenhormone. Darüber hinaus haben Industrie-Laboratorien jetzt sogar chemische Körper der Therapie zur Verfügung gestellt, die die gleiche Wirkung wie die weiblichen Sexualhormone haben, aber

Interessant ist, dass die deutsche Landwirtschaft bereits im nächsten Jahr über eine stattliche Anzahl von Gasschleppern verfügen wird.

Sie sehen, wir legen auch auf diesem Gebiet die Hände nicht in den Schooss, sondern nutzen alle Möglichkeiten zur Ausweitung unserer Treibstoffbilanz aus, obwohl sie nicht gefährdet ist. Wir gehen in diesen lebenswichtigen Dingen ganz auf Nummer sicher! Dabei leisten wir bereits Entwicklungsarbeit für die Friedenszeit. Denn es steht schon jetzt für jeden Fachmann fest, dass auf weitere Sicht allein mit flüssigen Treibstoffen der grosse Energiebedarf der Motorisierung im Frieden nicht gedeckt werden kann.

Wir sind in der Entwicklung des Gasgenerators der übrigen Welt ein gutes Stück der Entwicklung voraus. Das wird sich auch in der künftigen Friedenswirtschaft bezahlt machen. Hier stossen wir immer wieder auf den schöpferischen Zusammenhang von Kriegsproduktion und Friedensarbeit, den der Pazifist und auch der liberale Nationalökonom nicht sieht, in dessen Ausnutzung Deutschland inzwischen zum Meister geworden ist. Was aber die Erzeugung von synthetischem Treibstoff angeht, so folgt heute bereits die ganze Welt unserem Beispiel und niemand spottet mehr über „Ersatzbenzin“. Die Erdölquellen der Welt sind nämlich weder unerschöpflich, noch von jeder Macht und zu allen Zeiten zu erreichen. Dieses Bewusstsein hat sich durchgesetzt.

Zusammenfassend lässt sich sagen: Deutschlands Treibstoffversorgung, eine der wichtigsten Grundlagen der aktiven Kriegführung, funktioniert ausgezeichnet.

Ich bin ja nur eine Frau — aber für mich besteht folgender Unterschied zwischen den demokratischen Mächten, welche den Krieg „a tout prix“ haben wollten, und den zwei Achsenmächten, welche ihre eigenen Länder auf friedlichen Wegen zur höchsten Kultur und zum höchsten Lebensstandard ihrer Völker bringen wollen, die jedoch in den Krieg gezwungen wurden: die Demokratien waren von Durchschnittspolitikern geführt — verführt. Zwei in der Welt noch nie dagewesene Genies hat der liebe Gott Deutschland und Italien, den zwei Ländern, welche unter ihrer Führung zu Kraft und Glück kommen sollen, als Schutzgeister gegeben.

Wie ein Uhrwerk...

Die deutschen Eisenbahnen und ihr Einsatz im befestigten Gebiet

In einer Stadt Nordfrankreichs streben zwei deutsche Eisenbahner dem Bahnhof zu. Beide tragen ihre Dienstaschen mit den Signallaternen, und nur die gelbe Armbinde mit der Aufschrift „Deutsche Wehrmacht“ erinnert daran, dass sie als „Fachsoldaten“ in Feindesland ihren Dienst erfüllen. Wir schliessen uns ihnen an, um von ihrer Arbeit und von ihrem Einsatz etwas zu hören. Während wir uns unterhalten, kommen wir zum Bahnhofsgebäude, d. h. heute sind es nur noch Ruinen. Unsere Bomber und Stukas haben hier bei der grossen Schlacht in Nordfrankreich und Flandern ganze Arbeit geleistet. Die Mauern der ausgebrannten Gebäude und das nackte Eisengerippe der Bahnsteigüberdachung ragen gespenstisch in den abendlichen Himmel, und doch pulsiert hier, von deutschen Beamten geleitet, ein lebhafter Zugverkehr.

Der Bahnhofsvorsteher selbst ist ein alter Weltkriegssoldat, der das Eisenerne Kreuz I. Klasse auf seinem Uniformrock trägt. In primitiv eingerichteten Räumen und Baracken sind die Dienststellen des Bahnhofsvorstehers, der Fahrleitung und die sonstigen Büros untergebracht. Hier wird bei Tag und Nacht gearbeitet. Ungeheure Schwierigkeiten sind zu überwinden. Grosse Verantwortung liegt auf jedem. In kürzester Zeit haben unsere Eisenbahner einen Betrieb eingerichtet, der sicher und zuverlässig wie ein Uhrwerk läuft.

Als sie mit nur wenigen Männern hier ankamen, standen sie vor einem wüsten Trümmerhaufen, die Schienen durch Bomben aufgerissen, die Stellwerke zerstört, Drehscheiben, Telefonverbindungen und sonstige technische Einrichtungen absichtlich unbrauchbar gemacht. Bahnhöfe waren durch Züge aller Art verstopft, Lokomotiven in die Kuhlen der Drehscheiben hineingefahren worden, die Kohlenbestände zur Befuerung der Maschinen von der Zivilbevölkerung restlos verwendet. Aber Schwierigkeiten sind nur dazu da, überwunden zu werden, sagt uns der Bahnhofsvorsteher. „Wir haben deshalb auch nicht lange beraten, sondern uns an die Arbeit gemacht und zunächst einmal mit Arbeitern aus der Bevölkerung, so gut es ging, Ordnung geschafft. Nach fünf Tagen waren wir wieder so weit, dass die ersten Züge im Nahverkehr fahren konnten. Systematisch haben wir dann den Betrieb nach deutschem Muster ausgebaut. Ein besonderes Problem für unsere Männer war die Umstellung auf den Linksverkehr, auf die französischen Signale und auch die Verständigung mit den französischen Eisenbahnen.“

Der Vorsteher entwickelt das Bild einer wunderbaren, vielfach geästelten Organisation, die in der Heimat selbstverständlich, hier aber aus dem Nichts geschaffen werden musste. Diese Männer, von denen so wenig gesprochen wird, haben auf ihren Plätzen Leistungen vollbracht, die sich würdig den grossen Taten des Krieges anreihen.

Inzwischen sind mehrere Züge ein- und abgefahren. Transportzüge, Nachschubzüge und Urlaubszüge. Im Büro des Bahnhofsvorstehers ist ein ständiges Kommen und Gehen. Er muss auf vieles Antwort wissen; auch unsere Landsler wenden sich vertrauensvoll an ihn. Auf seine Einladung machen wir nun einen Rundgang durch den Bahnhof. Im Büro der Fahrleitung, das wir zunächst betreten, rasseln zugleich mehrere Telephonapparate, Züge werden angemeldet, abgerufen, geleitet. Lokomotiven werden angefordert, dazwischen Anrufe vom Stellwerk, hier Kabine genannt. Der Nebenraum ist die Telephonzentrale. Alle Leitungen sind vom Eisenbahnbauzug gelegt worden.

Dann sind wir an einem Stellwerk. Es ist von einer Seite offen. Bomben haben die halbe Kabine weggerissen. Hier versieht ein deutscher Beamter mit zwei Franzosen seinen verantwortungsvollen Posten. Die Verständigung klappt vorzüglich, wenn auch die Hände dabei reichlich zu Hilfe genommen werden müssen. „Bon, j'ai compris!“ sagt der Franzose, die Hebel fliegen herum und geben den Zügen die Strecke frei.

Weiter geht es zum Betriebswerk, zu den Maschinen und Schuppen, zur Güterabfertigung — überall wird unter Leitung der deutschen Eisenbahner fleissig gearbeitet. Im Maschinenschuppen zeigt uns der Betriebsleiter ehemalige deutsche Lokomotiven, die noch aus den Reparationslieferungen stammen. „Auf diese kann man sich noch heute verlassen“, sagt er.

Unsere Eisenbahner sind Frontsoldaten wie wir. Sie stehen eisern auf ihrem Platz und dürfen ihn auch bei Angriffen der feindlichen Luftwaffe nicht verlassen. Auf einer Nachtfahrt zur Küste lernen wir den ganzen Umfang ihrer Verantwortung kennen. Der Zug rollt durch gänzlich verdunkelte Bahnhöfe über unzählige Weichen. Keine Laterne zeigt die Weichenstellung an, wie bei uns in der Heimat. Man muss sich aufeinander verlassen; es können deshalb auch nur die besten Männer sein, die die Heimat auf diese verantwortungsvollen Posten stellt, denn unser bestes Gut an Menschen und Material ist ihnen anvertraut.

Zu den
Mahlzeiten...



Ganz gleich ob zum Frühstück oder zum Abendbrot. Trinken Sie zu Ihren Mahlzeiten das vorzügliche

Malzbier da Brahma

MALZBIER DA BRAHMA ist Ihrem Organismus dienlich, jederzeit, zu jeder Stunde.

TECHNISCHE ABTEILUNG:
Krupp-Stühle zur Herstellung von Federn, Matrizen jeder Art, Drehstäbe, WIDIA-Metall, Qualitäts-Schneidwerkzeuge, Bohrer, Schneidisen, Fräser, Gewindebohrer usw., Messwerkzeuge jeder Art, Schleiflehren, Zirkel, Tourenzähler, Gewindemesser, Mikrometer, Dampf-Armaturen wie Kondensröhr, Stahlhülsen, Dampfpackungen, KLINGERIT Dichtungsplatten, Zylinderschmier-Apparate, Tropföler, Manometer, Ventile, Wasserstandsgräser, Transmissionsgeräte, Lederriemen, Gummiriemen der bekannten Marken BULLDOG und O PODEROSO, Riemenverhinder, Lagermetalle, Riemenwachs, Holz- und Stahlriemen-Scheiben, Ringschmier-Lager, Kugellager, Glasserel-Artikel wie Schmelztiegel, Graphit, Stahlbürsten usw., Mechanische Werkstätten-Werkzeuge und Zubehörteile, Schmirgelscheiben Marke ALEGRITE, Schmirgel-Leinen und -Papier in Blättern und Rollen, Schweißapparate mit sämtl. Zubehör, Metallschlägler für Hand- und Maschinenbetrieb, Staufferbüchsen, Stahldraht-Seile, Drehhankfutter, usw., Galvanoplastik-Artikel wie Nickelanoden, Filzschleiben, usw., Holzindustrie-Zubehör, Kreis-, Band- und Gattersäge-Blätter Marke HUNDEKOPF, Schmirgelpapier Marke RUBINITE, Bohrer usw.

Eisenwaren-Abteilung: Klein-Eisenwaren und Werkzeuge aller Art, Feilen Marke „TOTENKOPF“ und „KRIEGER“, Bau- und Möbelschächte, Haus- und Küchengeräte, sanitäre Artikel, Fittings, Röhren, Bleche, Drähte, Schädlingsbekämpfungsmittel, Arsenik, Bismutarsenik, Marke „BROMBERG“, Oel- und Trockenfarben, Zinkweiß, Leinöl usw. — **Elektrische Abteilung:** Drehstrommotoren und Dynamos in jeder Größe, Isolierte Drähte und Kabel jeder Art für Hoch- und Niederspannung, Zählapparate, Voltmeter und Amperemeter, tragbar und für Schalttafeln, Elektrische Heiz- und Kochapparate Bügeleisen und Lötöfen, Widerstandsdrähte für Heizapparate, Konstantan und Chromnickel, Material für Inneneinrichtungen und Freileitungen, Isolierrohre, Isolatoren, Blitzableiter und blanke Kupferdrähte, Anker-Isoliermaterialien, Pressspan und Vulkanfaser in allen Stärken, Lacke, Löt-paste und Isolierhand, Material zur Installation von Motoren, Stern-dreieck-Schalter, autom. Schalter und handbetätigter Diazed-Sicherungen. — **Abteilung landwirtschaftl. Maschinen:** Traktoren „LANZ-BULLDOG“, Schleppergeräte, Pflüge, Pferdehacken, Säemaschinen „RUD. SACK“, Mähmaschinen und Heurichter „KRUPP“, Milchzentrifugen „LANZ“, Amseisenbör, Pflanzenspitzen, Dreschmaschinen, Windfegen, Futtermaschinen, Pumpen und sonstige zur Landwirtschaft gehörenden Geräte und Maschinen, Marken „BROMBERG“, „O PODEROSO“ und „COLONO“.

— **Oel-Abteilung:** Oel und Fette „SUNOCO“ der Sun Oil Company, Philadelphia (USA.) Oele für Automobile, Lastwagen und Traktoren, Oele für Dynamos, Motoren und Turbinen, Oele für allgemeine Maschinen-Schmierung, Oele für besondere Zwecke; Bohrlö, Eismaschinen-Oel usw. Fette in allen Arten. — **Maschinen-Abteilung:** Maschinen für Eisen-, Blech- und Holzbearbeitung, Komplett-Einrichtungen für jede Industrie. — **Ingenieur-Abteilung:** Fried. Krupp A. G., Gußstahlfabrik, Essen; Fried. Krupp A. G., Friedrich-Alfred-Hütte, Rheinhausen; Fried. Krupp Germanlawerit A. G., Kiel; Bleichert, Transportanlagen G. m. h. H., Leipzig. Drahtseilbahnen, Transportanlagen usw.; Maschinenfabrik Buckau R. Wolf A. G., Magdeburg, Lokomotiven, Dieselmotoren; Bayerische Maschinenfabrik F. J. Schlageter, Regensburg, Gerberel-Maschinen.

BROMBERG & CIA.

SÃO PAULO

AV. TIRADENTES NR. 32

CAIXA POSTAL 756

TELEFON: 4-5151

Dienst am Kunden!

Jedem Wunsch nach Möglichkeit gerecht zu werden, ist Grundidee unserer Organisation und unseres geschulten Personals.

Banco Germanico da America do Sul

São Paulo

Rua Alvares Penteado 121 (Ecke Rua da Quitanda)

Rio de Janeiro: R. da Alfandega 5 Santos: Rua 15 de Novembro, 114

Zum Hirschen Hotel und Restaurant

Rua Victoria 186 — Tel. 4-4561 São Paulo Inh.: Emil Russig

Dres. Lehfeld und Coelho

Dr. Walter Hoop

Rechtsanwältin

São Paulo, Rua Libero Badaró 443, Tel: 2-0804, 2. St., Zim. 11-16/ Postfach 444

Vor

Annahme falschen Geldes schützt der bargeldlose Zahlungsverkehr

Eröffnen Sie ein Konto beim

Banco Alemão Transatlantico

RUA 15 NOVEMBRO 268

und zahlen Sie ihre Rechnungen

per Scheck!

Zu jeder gewünschten Zeit erhalten Sie von uns einen Auszug ihrer Rechnung, um Ihnen die Kontrolle über Ihre Zahlungen zu erleichtern.

Die Waffenbrüder / Novelle von Rudolf G. Binding

(1. Fortsetzung.)

Aber Daniel war anderen Sinnes. „Man kann doch nicht ohne Säbel in der Welt herumreiten“, rief er dem wartenden Gefährten ärgerlich zu und warf den Korb verächtlich dahin, wo er die Klinge vermutete, die ihn so schwachvoll im Stich gelassen hatte. Thomas wusste von den seltsam ritterlichen Grundsätzen Daniels schon genug, um zu erkennen, dass er ihn nicht leichten Kaufs waffenlos von der Stelle kriegen würde. Er sah sich also, ebenso wie Daniel, nach etwas um, das einem Reitersäbel ähnlich war, denn die geraden schlechten Bewehrungen der gefallenen französischen Kanoniere betrachtete Daniel nur mit Missbilligung. Weiter rückwärts hätten sie freilich genug preussische Reitersäbel aufgefunden; aber daran dachten sie nicht, sondern langsam und niedergeschlagen, mit den Augen umherschauend, gingen sie schrittweise zurück, wie zwei Müde; Thomas im Sattel, Daniel zu Fusse, sein Pferd am langen Zügel führend.

Thomas sprang ab; er hatte an der Erde eine schön geschwungene Klinge bemerkt, die einem vornehmen französischen Reiteroffizier aus der getroffenen Hand entfallen sein mochte, und als er sie aufhob, sah er alsbald, dass er selbst mit seiner besten Kunst keine bessere hätte aus dem Feuer ziehen können. Und wie er den starken Stahl, auf einen Feldstein aufgestemmt, prüfend zum Kreise bog, erwiderte er seine Kraft mit einer gleichen, scheinbar unwiderstehlich wachsenden und schnellte kraftvoll in die schnurgerade Linie seiner Schneide zurück. Wohlgefällig bemerkte Thomas die ihm bekannte Erscheinung und reichte den Säbel befriedigt seinem Waffenbruder.

„Da nimm“, sagte er; „dieser wird dich nicht verraten.“ — Daniel empfing die Klinge aus der Hand des Freundes beinahe wie etwas Heiliges, und kaum hatte er gefühlt, wie ihr ausgeglichenes Gewicht in seiner Rechten lag, als er in den Sattel sprang, ein paar

lustige Lufthiebe tat, dann aber fast betroffen die Waffe in die breite Scheide seines alten Säbels barg, als ob er sich darüber schäme, sie zu einer Spielerei missbraucht zu haben. Darauf setzten sie ihre Pferde, die neue Kraft gesammelt hatten, in Galopp zur Suche nach den Resten ihrer Schwadron; und in ihr Schweigen klirrte mit hellem Ton die erbeutete Klinge in ihrem zu weiten Behältnis.

Am folgenden Morgen musste Daniel den Besitz seiner neuen Waffe gegen den Wachtmeister verfechten, der nach dem schweren Tag genug Säbel von Schwerverwundeten übrig

te Daniel noch einige unruhige Stunden; aber Thomas wusste Rat und zog mit kundiger Hand die beiden Späne, welche die Klinge in ihrem Behältnis federn festhalten, ein wenig enger an; und sie klirrte nicht mehr eigenwillig darin herum und brauchte sich ihres Platzes an des Fechtmeisters Seite nicht zu schämen.

Aber, als ob sie von Stund an einer anderen Bestimmung vorbehalten bleiben sollte: Daniel hat sie in keinem Gefecht mehr auf das Haupt eines Franzmannes geschwungen. Denn seine Schwadron kam nicht mehr an den Feind, und die ferneren Kriegsergebnisse

Confeitaria

EIGENE BÄCKEREI
EIGENE KONDITOREI

LIEFERUNGEN ins Haus
gewissenhaft und pünktlich

Separater Salon für kleinere Festlichkeiten (bis ca. 50 Personen) kann auf Bestellung reserviert werden

MARZIPAN und PRALINÉS eigener Fabrikation / Beste Qualität

RUA BARÃO DE ITAPETINGA Nr. 239 / TEL. 4-9230



Viennense

CAFE - BAR

Nachmittags und abends

KONZERT

Maestro Maurício

hatte, um zu vermeiden, dass sich seine Reiter mit Waffen begnügen müssten, die nicht der preussischen Vorschrift entsprachen und also ganz und gar unbrauchbar waren. Aber der kurze Rittmeister dachte anders; er betrachtete die Klinge von oben bis unten und dann seinen Reiter von oben bis unten und schien zu meinen, dass sie einander wert seien. Und er gab sie ihm ruhig zurück; denn er hatte ein Gefühl für Zusammengehörigkeiten. Nur die sichere Rettung seines neuen Schatzes in der nicht dafür gebauten Scheide mach-

der Freunde waren die ihrer Truppe, deren Geschichte jedermann kennt oder nachlesen mag, wenn er sie nicht kennt.

Der Friede war gemacht, und Thomas zog heim; aber mit ihm in stillschweigendem Einverständnis liess sich Daniel von der lächelnden Stadt an dem raschfließenden Strom aufnehmen, in der er seine Kunst ebenso üben konnte wie in irgendeiner andern, wo es Studenten gab; und seine Kostbarkeiten, die

erbeutete Waffe ohne Koppelriemen unter dem Arm, und das Rasiermesser mit dem schreitenden Hahn in der Rocktasche, nahmen ebendahin ihren Einzug.

Thomas Woller war die Fortdauer ihrer Waffenbrüderschaft ebenso selbstverständlich wie Daniel Roux, und jeder hielt sich gebunden, die guten und bösen Stunden des Friedens so miteinander zu teilen wie die Gefahren des Krieges. Und so hätte Thomas keine Sorgen zu haben brauchen, dass einmal der mächtige Wandertrieb bei Daniel die Oberhand über jene erringen könnte. Es war deshalb nicht aus diesem Grunde, dass er ihn bestimmte, einen eigenen Fechtboden einzurichten und sich selbst als Meister aufzutun.

Daniel mietete also, beinahe gehorsam und etwas in Angst, wie er sich sesshaft ausnehmen würde, ein paar hohe leere Zimmer mit vergitterten Fenstern in einem altertümlichen schmucklosen Hause, das halb in die Stadtmauer eingebaut war und für menschliche Wohnungen nicht mehr benutzt wurde; denn es sollte schon damals mitsamt der Mauer, deren Teil es geworden, niedergeworfen werden, und so fand es sich, trotzdem es sozusagen um nichts zu haben war, niemand, der hinein wollte, um vielleicht am nächsten Tage wieder hinaus zu müssen. Auch Daniel bezog es unter dieser Gefahr, die ihm indes in seiner Leichtbeweglichkeit nichts ausmachte; aber das alte Haus überdauerte sie beinahe zwanzig Jahr, wie die meisten Dinge, die dem Untergang geweiht sind, daraus die Berechtigung zu schöpfen scheinen, erst recht langlebig sich aufzuführen.

Als Daniel die Einrichtung seines Fechtsaals durch Befestigung seines Beutesäbels in gehöriger Höhe an der schönsten Wand beendet und einen anderen Raum durch Niederlegung seines Rasierrmessers auf der Fensterbank als Schlafkammer gekennzeichnet hatte, übernahm der häusliche Thomas, dem diese Ausstattung unzulänglich schien, das übrige. Daniel sträubte sich nicht dagegen, dass eine kleine Wohnlichkeit aus des Waffenschmieds Haus in das seine verbracht wurde; denn er hatte die unbefangene Empfindung, dass jeder für den anderen leiste, was er könne, und Bitte und Dank waren bei ihnen unförderliche Überanstrengungen. Nur als Thomas auch eine Anzahl von Waffen aller Art, Ra-

Aços Roechling

Der gute deutsche Stahl!



Qualitätswerkzeuge!



Eigene Härtestuben

mit modernsten Einrichtungen zur Verfügung unserer Kundschaft

Aços Roechling Buderus do Brasil Ltda.

São Paulo

Rua Augusto de Queiroz 71-103

Rio de Janeiro

Rua General Camara 136

Porto Alegre

Avenida Julho de Castilho 265

Vertretungen in Brasilien:

Manaus — Belem do Pará — Bahia — Bello Horizonte — Curitiba — Joinville — Blumenau — Florianopolis

In anderen südamerikanisch. Ländern:

Buenos Aires — Montevideo — Santiago de Chile

VIGOR-MILCH

Die beste Milch in São Paulo

S. A. **Fabrica de Productos Alimenticios "VIGOR"**

Rua Joaquim Carlos 178
Tel.: 9-2161, 9-2162, 9-2163

Die besten Schuhe bekommen Sie nur im bekannten

Casa Brasil

Damenschuhe bis zur Nr. 40

Abfag Louis XV., jap. Form 40\$000, 45\$000 Das Haus, welches best. bedient u. reelle Preise hat

Rua Sta. Efigenia 285 nahe der Rua Aurora

Hugo Lichtenthaler

Rua Aurora Nr. 135

Aelt. deutsches Möbelhaus

Grosse Auswahl

in kompl. Zimmern und Einzeilmöbeln. - Auch TAUSCH u. KAUF von gebrauchten Möbelstücken

DER ERFOLG EINER SCHUTZMARKE:

VERTRAUEN DES VERBRAUCHERS ZU DER FÄHIGKEIT UND EHRlichkeit DES FABRIKANTEN, DER SEINE ERZEUGNISSE MIT SEINEM NAMEN KENNZEICHNET

Johann FABER

STELLT SEIT JAHRZEHNTE BLEISTIFTE HER UND VERSIEHT SIE MIT SEINEM NAMEN

Deutsche Edelstein-Schleiferei
R. Krüninger
Größte Auswahl in gefassten und ungefassten Edel- und Halbedelsteinen
Rua Xavier de Toledo 54 (em frente da Light) Telephone: 4-1083 und privat 4-2240

CONSERVAS FINAS
Stein
PALMITO natural
CAMARAO
tipo Salmoura e tipo Americano
Repolho em Conserva
Pepinos
Molho de Abella
Mostarda e Canela
GERMÃO STEINSA
JOINVILLE - SANTA CATARINA - BRASIL

KRANK?
Dann lassen Sie sich

homöopathisch

behandeln. — In dem

Dispensario Homöopathico S. Paulo
Praça João Mendes 130

stehen Ihnen von 8-18,30 Uhr die besten homöopathischen Ärzte São Paulos

unentgeltlich
zur Verfügung. Denken Sie daran, dass jede leichte Erkrankung in eine schwere Krankheit ausarten kann. Die Homöopathie heilt auch in schwersten Fällen auf eine milde Weise und mit recht geringen Spesen. Man spricht deutsch.

(Neben der homöopathischen Apotheke
Dr. Willmar Schwabe Ltda.)

Lacke Pinsel Farben

und alle übrigen Bedarfsartikel für Hausanstrich und Dekoration

EMILIO MÜLLER / Rua José Bonifacio Nr. 114

Livraria Delinee

Älteste deutsche Buchhandlung
Rua São Bento 541 - Caixa Postal 2-V São Paulo
Reichhaltigstes Sortiment. Bestellungen werden rasch und gewissenhaft ausgeführt.

Deutsche Hellkrauter und Spezialitäten

Farmacia Germania

HEINRICH HÜLSKEMPER
Rua Libero Badaró Nr. 429

Deutsche Parfümerien und Toilette-Artikel

GEWISSENHAFTE ANFERTIGUNG
SÄMTLICHER IN- UND AUSLÄNDISCHER REZEPTE

AO PINGUIM

Alexandre Balbis
São Paulo
Telefon:
Bar 4-5507
Gruta 4-2626

RESTAURANTE: AV. SÃO JOÃO 128
E TAVERNA: RUA ANHANGABAHÚ, 2

Ausgezeich. Küche. Jeden Sonnabend: Feijoada completa
Allabendlich Künstlerkonzert, 7-1 Uhr; Sonn- u. Feiertags: Frühkonzert

piere, Schläger und Säbel in allen Formen, und dazu noch Fächthauben und Kettenbinden aus seiner Werkstatt auf dem neuen Fechtboden unterbringen liess, redete Daniel drein und sagte, er werde diese Dinge nicht ohne Entgelt annehmen; denn sie gehörten zu seinem Geschäft. Da lachte Thomas und erwiderte, vom Geschäft verstehe Daniel nichts und werde nie etwas davon verstehen; und wenns denn durchaus vergolten sein müsse, so könne er ja dereinst seinen Sohn in der Fechtkunst unterweisen; dafür, so habe er sich vorgenommen, werde er ihn ganz sicherlich nicht entgelten. Indes sagte er das nur so und dachte gar nicht daran, eine Frau zu nehmen, geschweige denn, dass er einen Sohn aufzuweisen vermocht hätte.

Allein es schien, als ob Thomas mit diesen beiden Bemerkungen den Teufel oder, wenn man will, zwei Teufel an die Wand gemalt hätte; denn nicht nur, dass Daniel es wirklich zeit seines Lebens nicht zu einem der Grösse seiner Kunst und seines Rufs angemessenen Erwerb brachte — was nicht zu verwundern war, da es ihm im Grunde gleichgültig schien, ob man ihn bezahle, und unangenehm, wenn man ihn bezahlte; es vergingen auch keine vier Wochen, da war Thomas Woller verliebt wie ein Schüler und, nach weiteren sieben Tagen, zu heiraten entschlossen, wie ein Mann.

Thomas ging, um seinem Waffenbruder diese unangenehme Verschiebung seines Innern mitzuteilen. Worauf Daniel sich alsbald, mit leichten Schritten auf seinem Fechtboden auf und nieder gehend, rasierte wie für seinen besten Feind, sich sorgfältig ankleidete und, nachdem er mit diesen Prozeduren fertig war, zu Thomas sagte: „Ich werde also für dich

freien gehen.“ Thomas schien dieses Vorgehen zwar etwas rasch, da er selbst noch gar nicht mit dem Mädchen darüber gesprochen, sondern nur, wie Daniel wisse, beim Waldfest der Bürgervereinigung mit ihr allein die ganze Nacht getanzt habe. Da er indes sehr für Deutlichkeit war, schien es nichts zu verschlagen, wenn Daniel für ihn bei dem Mädchen eine Botschaft ausrichtete, welche in dieser Beziehung nichts zu wünschen liess.

Gertrud Lenz, welcher Thomas' Gedanken und Daniels Gang galten, war nicht eingeboren in dieser Stadt, sondern vor einigen Jahren zur Unterstützung ihres um vieles älteren Bruders zugezogen, der ein wenig stromaufwärts, wo die Weinberge schon begannen, für die Stadt die Posthalterei betrieb. Mit dieser war von alters her eine grosse Weinwirtschaft verbunden gewesen, wo man den besten Landwein der ganzen Gegend bekam und frische Fische aus dem Fluss dazu. Daher die Studentenschaft ihre abendlichen Ausflüge oft und gern „in den Lenz“ richtete, wie sie den Ort nach seinem Besitzer nannten, wobei denn der Name und die Vorstellung auch etwas tat, um ihn angenehm zu machen. Doch hatte Lenz, der Bruder, schon seit geraumer Zeit wegen Krankheit die Wirtschaft pachtweise abgeben müssen, und am Ende wäre die Posthalterei dem nämlichen Schicksal nicht entronnen oder ihm gar entzogen worden, wenn er nicht in der Person seiner tapfern und klugen jungen Schwester sich rechtzeitig einen brauchbaren Stellvertreter herangezogen hätte. Und da der ganze Betrieb gut im Gang war, brachte sie es auch fertig, ihn ohne den Bruder fortzusetzen, den ein sich steigendes Atemleiden fast das ganze Jahr hoch hinauf in die Berge trieb. Aber wenn er ab und zu auf einige Wochen ins Tal kam, um nach dem Rechten zu sehen, konnte er ihm immer wieder alsbald den Rücken kehren, denn Gertrud wirtschaftete mit einer unverbrauchten Kraft darauflos, dass dem Bruder, sooft ers ansah, erst recht der Atem ausging; und wenn sie wohl manchmal auch eine Anordnung traf und einen Befehl gab, über den er den Kopf geschüttelt hätte, so merkten doch die Postkutscher, Knechte und Stalleute, dass kommandiert wurde und die Zügel in festen Händen seien; und in dieser Gewissheit fühlten sie sich am wohlsten. Da Gertrud so mit genügender Selbstherrlichkeit nach unten auftrat, um sich Achtung zu verschaffen, nach

oben aber wohlweislich alles im Namen ihres Bruders zu vertreten wusste, liess man sie gewähren. Denn Lenz war ein geachteter Mann, den man ungern verloren hätte.

Zu dieser kleinen Herrscherin machte sich nun Daniel mit der Botschaft seines Freundes auf und fand sie, wie sie gerade gefolgt von ihrem Wagenmeister und ihrem ersten Stallaufseher ihr Reich befuhr, das mit den mancherlei weiten Höfen, langen Ställen, Scheunen und Wagenunterständen ein umfangreiches Gebiet darstellte. Da sie ihre Reise bei dem Erscheinen Daniels in dem breiten Torweg nicht zu unterbrechen für gut befand, bat sie ihn, drüben in den platanenbeschatteten Garten der Weinwirtschaft zu treten und eine kurze Weile auf sie zu warten; denn sie hatte sein etwas feierliches Auftreten in so früher Vormittagsstunde sogleich auf sich bezogen.

So sass denn Daniel vor einem Viertel Roten in dem jetzt ganz stillen Garten und setzte sich in Gedanken die schönste Rede für seinen Schützling zusammen. Die Bienen summten unaufhörlich ihre eintönige, vergesemmachende Weise über seinem Kopf, und durch das Laubdach blinkten dreieckige schwankende Sonnenlichter in sein Glas, neckten ihn mit ihrem Farbenglanz und störten ihn im Memorieren. Und je mehr er sich sagte, dass er für Thomas sprechen wolle wie für sich selbst, desto schlimmer wurde es, und die deutsche Sprache schien ihm eine recht stachlige und unzulängliche Erfindung zu sein. Seine Sendung, die er in so gutem Glauben übernommen, kam ihm auf einmal verfrüht, schief, unhöflich, lächerlich und was nicht alles vor, und das erstmal in seinem Leben dachte er an so etwas wie einen Rückzug.

Da trat auch schon Gertrud in den Platangang und setzte sich freimütig an den schmalen Tisch ihm gegenüber, was Daniel für einen Angriff beengend nahe fand; denn es war sehr viel näher die Länge eines ordentlichen Ausfalls. Aber da das Mädchen ihn offen und aufmerksam ansah, fasste er sich und brachte seinen Auftrag mit Worten, die ihm gerade kamen, so warm und ursprünglich vor, wie er es mit wohlgesetzten gar nicht vermocht hätte. Da merkte Gertrud freilich, dass die Werbung ernst war, und die Worte gingen ihr süß ein. Denn auf

jenem Waldfest hatte alle Welt von den beiden Freunden als zwei wackeren jungen Männern gesprochen, auf die man stolz sein dürfte, und jedermann wusste, dass sie den Tag von Vionville mitgemacht hatten. Wenn ihr also an sich schon ein Antrag von solcher Seite schmeichelhaft erscheinen durfte, so kam er ihr auch keineswegs unerwartet, wie Thomas wähnte. Denn sie hätte kein helläugiges Weib sein müssen, um nicht nach einer Sommernacht voll langer Tänze, vieler Blicke und scheinbar gleichgültiger Reden zu wissen, wohin eines Mannes Gedanken gingen; und zu dem hatte sie ein wenig an ihrem eigenen Herzen, das nicht unbewegt geblieben war, ermessen können, wie es in dem von Thomas aussah.

Aber ihr Herz war das einer Frau; mit all dem wunderbaren Sich-ergeben-Wollen und all dem wunderbaren Sich-weigern-Müssen. Das sprach zu ihr in diesem Augenblick. Und von einem süßen Stolz durchströmt, fühlte sie in sich das Verlangen erstehen, erst diese ernstschmeichelnden Worte der Liebe auch aus dem Munde desjenigen, der sie ihr bot, als ein unterwürfiges Geständnis wiederholt zu hören, ehe sie sich ihnen ergab.

„Ja, ja!“ sagte sie seufzend nach einer kleinen Weile der Nachdenklichkeit. „Es wird wohl wieder so sein, dass der ‚junge Lenz‘ einen der Herrlein den Kopf verdreht hat; wenn er es ernsthaft meinte, käme er wohl selbst und sagte es mir. Aber so weiss er wohl noch nicht, wie's mit ihm steht, da er einen anderen vorschickt, der für ihn sprechen muss.“

Gertrud durfte freilich solche Reden führen; denn seit sie in der Posthalterei einge- zogen, war sie der Grund manches Liebes- schmerzes unter den jungen Studenten geworden, bei denen sie, zur Unterscheidung von ihrem Bruder, „der junge Lenz“ genannt wurde, was sie sich gern gefallen liess. Da-

„Sublime“

die beste Tafelbutter

Theodor Bergander

Al. Barão Limeira 117, Telefon 4-0620

Evamarie Machemer
Walter Japp
zeigen ihre Verlobung an

Oktober 1940 — Burghausen a. S.,
Marklerstrasse 30 — Oberbayern

Deutsche Färberei und chem. Waschanstalt
„Saxonia“
 Annahmestellen: R. Sen. Feijó 50. Tel. 2-2396
 u. Fabrik: Rua Barão de Jaguará 980. Tel. 7-4264

Deutsches Farbenhaus
Henrique Zuehlke & Cia.
 S. Paulo, R. Christovam Colombo 1, Tel. 2-0671
 Alleiniger Vertrieb der bekannten
TEMPEROL-FABRIKATE
 (Lacke - Oelfarben - Lackfarben)
 Reichhalt. Sortiment in: Pinseln, Buntfarben, Oelen,
 Schablonen und sonstigen Malerbedarfsartikeln.

Eine Bäckerei mit allem Inventar, Wagen
 und Pferde zu verkaufen. Monatlicher
 Umsatz Rs. 12:000\$000. In der besten
 Verkehrsstelle gelegen. Auskunft erteilt:
Franz Baumier, Castro/Paraná,
 Caixa Post. 24, Rua 15 de Novembro 501.

Kriegshilfswerk
des Deutschen Roten Kreuzes
Arbeitsausschuss S. Paulo
Jeden Dienstag von 3-5.30 Uhr Spenden-Ausnahme
und Arbeits-Ausgabe in der Rua Arthur Prado 492

José Hüls
 Erftkassige Schneiderei.
 Mäßige Preise. Rua Dom
 José de Barros 266, Inbr.,
 São Paulo, Tel. 4-4725

Jorge Danmann
 Deutsche Maßschneiderei
 für Herren und Damen
 Gut fortiertes Stofflager
 Av. Ipiranga 1156, 1. St.,
 (Ecke Santa Efigenia)
 Tel. 4-2320

Uhren • Reparaturen
 Deutsche Uhrmacherei
OTTO
 Rua São Bento Nr. 484
 4. Stock, Saal 25

Zu verkaufen
 ein Terrain von 32x38 m
 in Villa Guilherme. —
 Zu verhandeln mit V. R.
 Santos, R. João Pereira
 Nr. 61, Lapa — Ohne
 Zwischenhändler

Deutsche Schuhmacherei
 Umgezogen nach der
 Rua Ipiranga 225
 Empfiehlt sich weiter
 zur guten Bedienung
 seiner Kundschaft.

Hermann Radelsberger
João Knapp
 Klempner, Installateur
 Regist. Rep. de Aguas e
 Esq. Rua Mons. Bassa-
 laqua 6. Telefon 7-2211.

Drück-, Schweiss-, Hart-
 löte- und Dreharbeiten
 übernimmt
Kolbe & Cia.
 Rua Guaianazes Nr. 182
 fundos
 Telephon 4-8907.

Werner Pfeffer
 Nickelação Cambucy
 Rua Lavapés 801
 SAO PAULO

Bevorzugen
 Sie bitte
 bei Ihren
 Einkäufen
 unsere
Inferenten!

Dr. Max Rudolph
 Allg. Chirurgie, Frauenheilkunde u. Geburtshilfe
 Röntgen-Beirahlungen
 Consult.: Pr. Ramos Azevedo 16, II., Tel. 4-2576
 Wohnung: Rua Hollanda 5, Tel. 8-1337
 Sprechstunden v. 3-5, Sonnabends v. 11-1 Uhr

Dr. Mario de Fiori
 Spezialarzt für allg. Chirurgie — Röntgenapparat
 Sprechst.: 2-5 Uhr nachm., Sonnabends: 10-12 Uhr
 Rua Barão de Itapetininga 139 - II. andar - Tel. 4-0032

Dr. G. H. Nick
 Facharzt für
innere Krankheiten.
 Sprechst. täglich v. 14-17 Uhr
 R. Lib. Badaró 73, Tel. 2-3371
 Privatwohnung: Tel. 6-2263

Deutsche Apotheke
 In Jardim America
 Anfertigung ärztl. Re-
 zepete, pharmazeutische
 Spezialitäten — Schnelle
 Lieferung ins Haus,
 RUA AUGUSTA 2843
 Tel. 8-3091

Deutsche Apotheke
Ludwig Schwedes
 Rua Lib. Badaró 318
 S. Paulo, Tel. 2-4468

Dr. Erich Müller-Carioba
 Frauenheilkunde, Geburtshilfe
 Röntgenstrahlen - Diathermie
 Ultravioletstrahlen
 Konsult.: R. Aurora 1018 von
 2-4,30 Uhr - Tel. 4-6898.
 Wohnung: Rua Groenlandia
 Nr. 72. - Tel. 2-1481

Erwin Schmued
 Dentist

Largo Santa Efigenia 1
 1. Stock, App. 11
 (Eingang von der Brücke)
 Sprechstunden von
 8.30—19.30 Uhr, Sonn-
 abends: bis 12 mittags

**Das macht Freude! So recht
 was für Kinder.**
 keine nahrhafte,
 leicht verdauliche
 Mehlspeise, herge-
 stellt mit
Farinha Baby

Farinha "Baby" ist aus feinstem Mais-
 Stärkepulver hergestellt und dient zur
 Zubereitung von Suppen, Cremes, Suppen, zum Backen vieler
 Feingebäcke u. s. w. Auf Grund seiner vielseitigen Verwendbar-
 keit ist daher Farinha "Baby" in jedem Haushalt unentbehrlich.
 Farinha "Baby" sowie Dr. Oetker's Backpulver "Backin", Pudding-
 pulver, Vanillenzucker, u. s. w. sind in allen besseren Lebens-
 mittelgeschäften zu haben.

Alleinhersteller in Brasilien:
Walter Husmann — Nahrungsmittelfabrik
 São Paulo — Caixa Postal 2599

Physikalische Apparate, Vermessungsinstrumente
 und Zubehör, feinmechanische Werkstätten
OTTO BENDER
 Rua Sta. Efigenia 80 - Telefon 4-4705
 Zeichmaterial A. Nestler, Lehr und Gebr.
 Hall, Pfronten. - An- und Verkauf von
 gebrauchten Vermessungsinstrumenten.

niel aber erblickte in ihren Worten ein fast
 beleidigendes Missverstehen seiner Entscheidung,
 mit welcher die Freunde gerade ihre Achtung,
 Ernsthaftigkeit und Feiertlichkeit hatten dar-
 tun wollen. Er war schon bereit, dieser Ab-
 wehr einen scharfen Hieb folgen zu lassen,
 als er sich besann und schwieg; wodurch
 denn Gertrud Zeit gewann, sich ihrerseits ein
 kleines Mehr zu leisten, indem sie sagte: „Und
 dann kann man sich doch sagen, dass man
 mich nicht in einer Nacht gewinnt. Und: gu-
 ten Tag, Herr Roux.“

Sie war aufgestanden, knickte und schritt,
 sehr zufrieden mit sich, eilig dem Eingang
 ihres Hofes zu, als ob sie nur aufgehalten
 worden wäre und nun allerhand Wichtiges
 nachholen müsse.

Daniel hätte sich kaum viel aus ihren Wor-
 ten gemacht, wenn sie ihm gegolten hätten;
 nun sie aber Thomas angingen, legte er ihnen
 mehr und vielleicht zuviel Gewicht bei, und
 sie blieben wach in seinem Gedächtnis als
 ein leiser trübender Hauch auf dem Ehren-
 schild seines Waffenbruders, den selbst er
 nicht davor zu schützen vermocht hatte. Er
 war also ein wenig überrascht, als Thomas
 auf seinen Bericht vom Ausgang seiner Bot-
 schaft nicht allzusehr betroffen war, sondern
 sogar irgendeine Hoffnung darin zu ersehen
 schien. Denn er umwarf von nun an den
 hochgemuten jungen Lenz wie einen schönen
 Preis, den man durch Ausdauer endlich zu
 gewinnen hofft.

Gertruds Betragen schien freilich der Auf-
 fassung Daniels recht zu geben, dass sie mit
 Thomas nur ein Spiel treibe. Sie nahm zwar
 seine Aufmerksamkeiten und Huldigungen, mit
 denen er sie auszuzeichnen wusste, nicht un-
 gern entgegen; aber offenbar nur als etwas,
 das sie möglichst lang genießen und nach
 allen Richtungen erproben wolle, um gleich-
 sam die Ausdehnung ihrer Herrschaft bis an
 die äussersten Grenzen kennen zu lernen. Da
 sie sah, wie in einem grossen Betrieb alles
 nach ihrem Pfeifchen tanzte, hätte sie sich
 etwas zu vergeben geglaubt, würde sie sich
 jetzt, blind ihrem Herzen folgend, beim ersten
 Ansturm unterworfen haben; nur ein Stär-
 kerer als sie sollte sie gewinnen. So setzte
 sie Thomas einen wohlbedachten Widerstand
 entgegen, und eine einheimliche Freude er-
 füllte sie, wenn er sich nicht abschrecken
 liess, sondern die Stürme erneute, wobei Da-
 niel, so gut er konnte, die Leitern hielt.

Uebrigens hatte sie auch einen mehr äus-
 serlichen Grund, den Bewerbungen Thomas'
 nicht gleich Raum zu geben. Denn sie wünsch-
 te ihr Jawort, das er ja doch einmal erhalten
 würde, nicht hinter dem Rücken ihres Bruders
 zu geben und wäre sich fahnenflüchtig vorge-
 kommen, wenn sie die Herrschaft, in der er
 sie eingesetzt, geräumt und im Stich gelas-
 sen hätte, ohne dass er diese in aller Form
 wieder von ihren Schultern genommen. Dies
 aber stand in Bälde zu erwarten, da an dem
 bevorstehenden Fest der Weinlese Lenz, der
 ältere, wie üblich von seinen Bergen herun-
 terkommen wollte, diesmal aber sein Anwe-
 sen nicht von neuem zu verlassen, sondern
 wieder selbst zu leiten gesonnen war. Ihrer
 Obwattung entsetzt, glaubte sie dann Thomas
 freier gegenüberzustehen und wollte sich erst
 einmal ansehen, wie sich die ganze Sache in
 solchem Licht ausnehme.

Die Weinlese kam und mit ihr ein grosses
 abendliches Fest von Bürgern und Studenten,
 Winzern und Gutsherrn der Umgegend, da-
 zwischen Frauen und Mädchen jedes Standes,
 mit Tanz und Trachten in „Lenz“. Unter
 dem Platanendach der beiden weiten Terrassen,
 in die man die sanfte Flussböschung
 gebnet hatte, drängten sich an den langen
 Tischen die Menschen Seite an Seite, und
 ein ewig beweglicher jugendlicher Strom er-
 goss sich aus dem geöffneten Hausflur und
 flutete zugleich in entgegengesetzter Richtung
 in ihn zurück; denn durch ihn gelangte man
 zu dem grossen Tanzboden, wo unaufhörlich
 ein lustiger Wirbel kreiste, dessen Zufluss

und Abfluss unveränderlich zu sein schien.
 Auch Gertrud Lenz hatte ein wohlbewahrtes
 prächtiges Kostüm ihrer Heimat an, und Tho-
 mas Woller tanzte mit ihr, sooft sie wollte,
 worauf sie dann beide gemeinsam zu dem
 Tisch unter den Platanen zurückkehrten, an
 dem Gertruds Bruder eine Art Oberherrschafft
 führte. Daniel war wie immer mit ihm er-
 schienen und liess kein Mädchen aus, das
 ihm einen Tanz wert schien.

Die Nacht sank tiefer herab; die Reihen
 unter den Bäumen leuchteten sich, und die
 älteren Leute gingen nach Haus. Als Thomas
 und Gertrud einmal wieder von einem Tanz
 zurückkehrten, fanden sie ihren Tisch leer
 und setzten sich allein in das Dunkel, da die
 Windlichter schon weggetragen waren. Ein
 noch vollbesetzter Tisch in der Nachbar-
 schaft, an dem kecke Reden und Spässe jun-
 ger Winzer und ihrer Mädchen gingen, störte
 sie kaum, und Thomas, der die Tore von
 Gertruds Herzen an jenem Abend wanken
 gefühlt hatte, glaubte die Gelegenheit wahr-
 nehmen zu sollen, das Aeusserste einzuset-
 zen, sie sich zu öffnen. Und er schüttete
 ihr sein Herz aus, ehrlich und gerade, mann-
 haft und rückhaltlos; bis zu dem Gelöbnis,
 falls sie sein würde, alles für sie zu tun
 und zu wagen, was eine Frau von einem Mann
 verlangen könne.

Freude schwellte ihre Brust, als sie ihn so
 reden hörte; aber sie raufte in Gedanken
 gern ein wenig mit denen, die sie liebte,
 weil das ihrer Kraft guttat. Also sagte sie:
 „Was soll ich einem darauf antworten, der
 noch nicht einmal ein rechter Mann ist!“
 Und sie schlenkerte mit den Füssen nachlässig
 unter der Bank hin und her, dass es
 scharrte.

„Wie das?“ fragte er, und das Blut schoss
 ihm zu Kopf.

„Je nun,“ erwiderte sie und wollte ihm
 weh tun, „würdest doch nicht einmal, wie
 wohl jeder der Burschen da drüben am Tisch,
 die mit ihren Mädchen sitzen, für einen Kuss
 und auch noch für was mehr bei mir ein-
 steigen.“ Aber sie wusste dabei wohl, dass
 keiner, auch der kühnste nicht, es gewagt
 hätte, ihr auf diese oder jene Weise nahe zu
 kommen; sie hätte ihm übel heimgeleuchtet.

Da sie nun Thomas starr emporsah, sah
 da schlenkerte sie freilich nicht mehr und
 hätte gern ihre Worte ungesagt gemacht. Sie
 sah ihn sich entfernen und wollte ihn mit
 einem lieben Wort zurückrufen, aber bestürzt
 über sich selbst, fand sie es nicht. Thomas
 aber ging, und wenn er auch fühlte, dass all
 das nicht ernsthaft gemeint war, so schmerzte
 es ihn doch gerade um deswillen nach dem
 tiefen Ernst seiner Rede um so mehr. Am
 Eingang des Hauses lief er Daniel in die
 Hände, dem er in kurzen Worten sagte, was
 geschehen war, und darauf verliess er das
 Fest.

Von einer nie gefühlten Angst war Ger-
 trud an ihren Platz gebannt, als Daniel vor
 sie trat und sie einigemal von Kopf bis zu
 Fuss mit seinen Blicken aus crnstfunkelnden
 Augen bestrich. Er hatte wohl scharfe Worte
 für sie im Herzen, wie damals, als er für
 Thomas seine erste Werbung vorbrachte. Aber
 wie damals steckte er sie wieder ein wie ein
 gutes Schwert, das man nicht auf Weiber
 zückt. Starken Schrittes ging er nach dem
 Fluss hinunter und starrte abgewandt von
 dem Getriebe des Festes in die Nacht. Etwas
 musste geschehen, das fühlte er, und wenn
 Thomas das Mädchen, das er liebte, nicht
 strafen wollte, was Daniel wohl begriff, so
 war er es ihrer gemeinsamen Ehre schuldig
 und sein Handeln so gut wie das des Freun-
 des.

In der Ferne, weit hinter der Stadt, die er
 stromab an andern Ufer mit den Blicken
 suchte, flammte ab und zu ein düsterrotes
 Wetterleuchten auf, so dass ihre Türme in
 plötzlicher Schärfe dicht vor seinen Augen
 standen, und dann erleuchteten sich auch seine
 Gedanken in einer ungewissen Glut, wie Wet-
 terleuchten; aber wenn er sie, eben noch klar

gesehen, ergreifen wollte, wurde es wieder
 dunkel in ihm, und er kam zu keinem Ent-
 schluss.

Als er sich wieder umwandte, war Gertrud
 verschwunden. Heiss vor Liebe und Scham
 war sie um das grosse Wirtsgelände herum
 über den Posthalterhof nach ihrem Zimmer
 gelaufen, das über eine hölzerne überdachte
 Aussentreppe hinweg mit zwei oder drei an-
 deren Gemächern, die sie für sich zu einer
 kleinen ungangbaren Festung umgewandelt hat-
 te, zu erreichen war, mit seinen Fenstern
 aber nicht nach den Höfen, sondern nach der
 Bergwand zu schaute. Diese war hier steil
 nach den Aussenwänden der Gebäude abge-
 stoßen und liess nur in der Tiefe Raum für
 einen starken rauschenden Bach, der zwischen
 der abgedämmten Mauer und dem Hang ein-
 geschwängt dem Fluss zufließte. Dort hatte der
 Bach in früheren Zeiten ein Mühlrad getrie-
 ben, und der Radkasten stand noch, war aber
 jetzt in doppelter Weise anders nutzbar ge-
 macht worden, indem sein Inneres für aller-
 hand Stangen und Ruder, Netze und Boots-
 naken zum Aufenthalt diente, die für das
 Befischen des Stromes Verwendung fanden,
 wogegen das Dach, nun mit einem niedrigen
 Giebel versehen, vor den Fenstern des Fräu-
 leins einen geräumigen Altan abgab, den sie
 durch eine in ihren Schlafraum führende Tür
 betrat.

Von drunten spritzte ihr der weisse Fall
 des Mühlbachs Kühlung zu, und von drüben
 atmete sie die nahe Bergwand mit ihrer Fri-
 sche an. Aber das war es nicht, was Gertrud
 suchte. Sie trat in den Raum zurück, streifte
 Rock und Mieder, das brokatene Häubchen
 und die Schnallenschuhe hastig und heftig von
 sich, als müsste sie sich von etwas befreien,
 und setzte sich mit gesenkter Stirn auf den
 Rand ihres Bettes. Licht wagte sie nicht
 zu machen, als ob sie sich davor schämen
 müsse. Und so sass sie und klagte ihr Herz
 an, dass es nicht lauter gesprochen, und klagte
 ihre Sinne an, dass sie in Stumpfheit erlos-
 schen, und klagte ihren Hochmut an, der vor
 dem Fall käme. In einer tauben Verzweif-
 lung, tränenlos mit geschlossenen Augen,
 schwankend vor Mutlosigkeit, stützte sie sich
 mit beiden Händen auf das Polster und ver-
 harrte so eine lange Zeit. Das Rauschen des
 Giessbachs bemächtigte sich ihrer Sinne, und
 am Ende gingen alle ihre Gedanken in ein
 mächtiges leeres Rauschen auf, betäubend,
 grausam, nichtsachtend, wühlend in einem ge-
 fühllosen steinernen Bett.

Unterdessen hatte Daniel, der sie in dem
 Tanzsaal und auf der Platanenterrasse nicht
 mehr sah, halb unbewusst, als ob er dem
 Gegenstand seiner Gedanken näher sein müsse,
 seinen Weg jenen Bergsturz hinauf genommen,
 der, wie ihm wohlbekannt war, ihren Ge-
 mächern gegenüber lag. Es war ihm nicht
 klar, was ihm diese Nähe nutzen sollte; aber
 er suchte sie. Wie er nun auf dem rasch
 ansteigenden schmalen Zickzackpfade in Höhe
 ihrer Fenster gekommen und von dem höl-
 zernen Wandeldach nur durch den tiefen, kaum
 einige Meter breiten Einschnitt des Mühlbachs
 getrennt war, musste er an die Worte ge-
 denken, die sie zu Thomas gesagt hatte, „wür-
 dest doch nicht einmal um einen Kuss bei
 mir einsteigen“, — und ein plötzlicher Ge-
 danke durchzuckte ihn, klar und daher unter
 all den wirren, die ihn bestürmten, innerlich
 eifrig ergriffen: diese Worte an ihr Lügen
 zu strafen und ihr Tausende von Küssen ge-
 waltsam zu rauben, zum ewigen Gemahnen,
 dass man nicht leichtfertig einen Mann zur
 Erfüllung dieses Wagnisses herausfordern dür-
 fe. So, fuhr es ihm durch den Sinn, werde
 er seinen Waffenbruder rächen und zugleich
 der hochmütigen Schönen eine Lektion erteilen,
 die sie zeit ihres Lebens nicht vergessen würde.

In seinem noch nicht gemeisterten Zorn
 schien ihm plötzlich sein unbewusstes Her-
 aufwandeln zu dieser Stelle eine Bedeutung
 zu gewinnen, wie wenn er dadurch diesem

Gedanken hätte entgegenkommen sollen. Und
 er gab sich ihm um so mehr, gleichsam un-
 besorgt hin, als er sich durch die Unmöglich-
 keit der Ausführung offenbar geschützt sah;
 denn der schmale Abgrund war immerhin
 zu breit, um ihn ohne einen kräftigen Anlauf
 zu überspringen, und der Pfad gewährte ihm
 kaum einen Schritt Raum. Wie er aber die
 Vorstellung weiter spielte und dabei prüfend
 in die Tiefe sah, gewahrte er unten aus
 dem Fischereischuppen hervorragend eine An-
 zahl Stangen, wie solche zum Stossen der
 Kähne auf dem tiefen Fluss verwendet wur-
 den.

Und das Ueberspringen der Kluft begann
 ihn als körperliches Wagnis zu reizen. Er
 lief den Pfad hinab und hatte sich bald mit
 einem leichten schwippigen Bootshaken ver-
 sehen, mit welchem er auf seinen Platz zu-
 rückkehrte. Noch kaum entschlossen, stieg
 er das eiserne hakige Ende in halber Höhe
 des Hanges in den Grund; da trug er ihn in
 leichtem Schwung wie einen Jäger über den
 Bach auf die hölzerne Plattform, die ihm aus
 dem Dunkel entgegenkam.

Durchrauscht von der Einförmigkeit ihrer
 Gedanken hatte Gertrud den federnden Auf-
 schlag von ihren Fenstern als einen fremden
 Ton wohl gehört, aber er schien ihr nur eine
 Verwirklichung dessen, woran sie soeben ge-

Vom 1. Augenblick
vertraut
 und mit jedem Tage tragen Sie ihn
 lieber — den Anzug von
Renner
 Filial
RENNER
 Unsere bekannte und
 bequeme Zahlungs-
 weise erleich-
 tert Ihnen die
 Anschaffung.
RENNER
 Rua
 São Bento
 Nr. 51
 Avenida Rangel Pestana Nr. 1563
 SANTOS: Rua General Camara 15

Die Ausnahme / weitere Kurzgeschichten

von H. Klockenbusch

Tobias Genslein hätte einen sorgenfreien, behaglichen Lebensabend genießen können, wenn er nicht gezwungen gewesen wäre, ständig seine Hausangestellte zu wechseln. Herr Genslein war durchaus nicht anspruchsvoll, zahlte guten Lohn und liess es auch an freundlicher Behandlung seiner Wirtschafterin nicht fehlen. Dennoch nahm der Aerger kein Ende. Kaum eine der zahllosen Haushälterinnen, die bei ihm beschäftigt gewesen waren, hatte länger als einige Monate im Bereiche der Gensleinschen Küche gewaltet. Oft hatte es schon nach wenigen Tagen einen hässlichen Auftritt mit anschließender Kündigung gegeben und dann hatte wieder das verdrüssliche Suchen nach einer neuen Kraft begonnen. Einen weniger sanftmütigen Mann als Herrn Genslein hätten diese Dinge zum Menschenfeind machen können.

Die Ursache all dieser Misshelligkeiten bestand in einer persönlichen Eigenart Herrn Gensleins. Er empfand nämlich einen unüberwindlichen Abscheu gegen eine Untugend, die nach seiner Überzeugung nur Frauen eigen war: die Neugier! Die Feststellung, dass seine jeweilige Haushälterin in dieser Hinsicht ebensowenig eine Ausnahme darstellte wie ihre Vorgängerinnen, genügte, um seinen Zorn zu entfesseln und die obengenannten Folgen herbeizuführen. Und bislang war dieser Ausnahmefall, der allen Unannehmlichkeiten ein Ende bereitet hätte, nicht eingetreten. Herr Genslein hatte mit allen trüben Erfahrungen gemacht. Die eine schwatzte zuviel mit anderen Hausangestellten in der Nachbarschaft, die andere hatte ihn mit neugierigen Fragen belästigt, eine dritte hatte an der Tür gehorcht, und eine vierte war ertrapt worden, als sie in seine, auf dem Schreibtisch herumliegenden Papiere Einblick nahm. Jeden einzelnen Fall hatte Herr Genslein mit Angabe des Grundes der zur Kündigung geführt hatte, in ein Heft eingetragen, das er in der Schublade seines Schreibtisches aufbewahrte. Er gedachte diese Eintragungen als Beweismaterial zu verwenden, falls einmal einer seiner Bekannten die Vermutung aussprechen sollte, er sei vielleicht an seinem Missgeschick doch nicht ganz schuldlos.

Wieder einmal hatte eine „Neue“ ihren Einzug gehalten. Sie hiess Adele Kluge und machte einen vortrefflichen Eindruck. Nach wenigen Tagen bereits war Genslein davon überzeugt, eine tüchtige Kraft gefunden zu haben. Ihr Fleiss, ihre Ordnungsliebe und Sauberkeit übertrafen alle Erwartungen und ihre Kochkunst war über jedes Lob erhaben. Mit Schauern dachte Genslein an den Tag, da sich herausstellen würde, dass auch dieses

Muster an Tüchtigkeit, diese Verkörperung aller hauswirtschaftlichen Tugenden, nicht frei war von jener Eigenschaft, gegen die er nun einmal eine fast krankhafte Abneigung hatte. Genslein wusste, dass es ihm trotz allem nicht gelingen werde, über eine solche Entdeckung hinwegzusehen. Und er wusste, dass dieser Tag kommen würde, denn er hatte es aufgegeben, an die Möglichkeit einer Ausnahme zu glauben. Auch die Tatsache, dass er im Verlaufe der nächsten Wochen nicht den geringsten Anlass fand, Fräulein Adele Kluge der verhassten Untugend zu verdächtigen, vermochte seine Überzeugung nicht zu erschüttern. Seine Freude darüber, dass ihm diese tüchtige Kraft so lange erhalten blieb, wurde durch die Gewissheit, eines Tages doch eine Enttäuschung zu erleben, erheblich beeinträchtigt. Schliesslich begann dieser ganz und gar ungewohnte Zustand sogar, ihn ein wenig zu beunruhigen, so dass er beschloss, sich um jeden Preis Gewissheit zu verschaffen. Genslein ging, wenn er Besuch hatte, bisweilen plötzlich zur Tür und öffnete sie blitzschnell. Aber nie stand Adele Kluge horchend davor. Genslein liess Neugier reizende Papiere auf dem Schreibtisch liegen, die er kaum merklich ein wenig auf der Schreibtischplatte festgeklebt hatte. Die Papiere blieben, wie sich auf diese Weise leicht feststellen liess, unberührt. Genslein fragte Adele beiläufig, ob sie auch schon bemerkt habe, dass Kühnemanns im zweiten Stock recht unfreundliche Leute wären. „Das weiss ich nicht“, sagte Adele darauf. „Ich bin nicht neugierig und kümmere mich nicht um die Angelegenheiten anderer Leute!“

Seit diesem Tage begann Genslein einzusehen, dass es allen Erfahrungen zum Trotz doch hier und da eine Ausnahme zu geben scheine. Es ereignete sich auch weiterhin nichts, was ihn hätte bewegen können, dieses Zugeständnis als übereilt zurückzunehmen. Bis eines Tages Herr Genslein ganz gegen seine Gewohnheit spät am Abend noch eine Tasse Kaffee zu trinken wünschte. Und Adele trotz wiederholten Klingelns nicht erschien.

Aergerlich begab er sich in die Küche. Das Licht brannte, aber Adele war nicht da. Auf dem Küchenschrank stand Tinte und Schreibzeug und da lag auch, von einer Zeitung nur halb verdeckt, der Brief, an dem sie offenbar geschrieben hatte. Eben wollte sich Genslein taktvoll entfernen, da fiel sein Blick noch einmal auf den Briefbogen. Da stand in ungelassenen Buchstaben sein Name. Nun ja, was kümmerte es ihn, was Adele Kluge über ihn schrieb? Er hatte sie stets äusserst freund-

lich behandelt und sie würde nur Gutes über ihn sagen können.

An der Tür aber zögerte er. Der unwiderstehliche Wunsch, zu erfahren, wie Adele über ihn dachte und urteilte, liess ihn umkehren. Vielleicht kam er hier Dingen auf die Spur, die ihm unerklärlich schienen.

Und Herr Tobias Genslein las: „Der Herr, bei dem ich jetzt in Stellung bin, Genslein heisst er, ist ein sehr netter und freundlicher Mann. Nur schade, dass er an der fixen Idee leidet, alle Frauen wären neugierig. Deswegen hat er wahrschein-

lich auch nicht geheiratet. Lächerlich! — Als ob es nicht auch neugierige Männer gäbe! Na, mir kann er jedenfalls nichts nachsagen. Gleich in den ersten Tagen geriet mir nämlich zufällig ein Heft in die Hände. Alle meine Vorgängerinnen standen darin. Denke Dir nur, er hat sie alle wegen angeblicher Neugier rausgeworfen! Adele, sagte ich mir...!“

Hier entfloh Herr Genslein in völliger Verwirrung und beschloss nach rüflicher Ueberlegung, in diesem Fall eine Ausnahme zu machen und von einer Kündigung abzusehen.

Der Vater / Eine heitere Schulgeschichte / Von Adolf Neß

Er war der Humorist unter den Lehrern unseres kleinen Gymnasiums. Durch seine launigen Einfälle und treffenden Antworten verschaffte er seinen Kollegen manche bittere Stunde. Seine meisterhaft erzählten Schurken hatten Stadtherühmtheit erlangt, und davon, dass sein Humor auch seinen Vorgesetzten gegenüber stets siegreich das Feld behauptete, gäbe es manches lustige Stückchen zu erzählen.

Kaum jemand in der Stadt nannte den Lehrer bei seinem richtigen Namen, bei allen hiess er kurz hin „der Vater“. Nur diejenigen, die Näheres von der lustigen Begebenheit wussten, der er diesen Ehrennamen verdankte, sagten „der Vater bin ich“. Zu diesen Wissenden gehörten vor allem wir rund dreissig ehemaligen Quintaner, die die Geschichte miterlebt hatten.

So war es gewesen: Eines Tages erschien unangekündigt der Herr Schulinspektor im Klassenzimmer, in dem unser Oberlehrer T. sich verzweifelt bemühte, uns etwas von den Geheimnissen des Doppelbruchs beizubringen. Zu seinem Entsetzen musste der hohe Herr sehen, wie der Lehrer gerade dabei war, einem seiner Schüler die Kunst des Bruchrechnens in einer Weise beizubringen, die nach den Verfügungen der Schulbehörde gar nicht, oder doch nur bei ganz groben Verstössen gegen die Schulordnung erlaubt war. Die Gegenwart des Vorgesetzten schien für den schlagkräftigen Erzieher nicht von Bedeutung zu sein. Ruhig prügelte er weiter. Und als wollte er noch seine Missachtung der Vorschriften besonders eindeutig zum Ausdruck bringen, beauftragte er zum Schluss den heulenden Jungen: „So, und jetzt schere dich nach Hause und vergiss ja nicht, deiner Mutter zu erzählen, wie es dir ergangen ist!“

Da aber nahm der Schulinspektor Veranlassung, einzuschreiten. Mit erhobener Stimme machte er dem Kollegen klar, dass er kein

Recht habe, einen Schüler in dieser Weise zu erziehen, und dass er es als eine unerhörte Missachtung der vorgesetzten Behörde ansehen müsse, dass er die handgreifliche Massregelung in seiner, des Schulinspektors Gegenwart vorgenommen habe.

Doch diese ganze Strafpredigt schien auf den Oberlehrer T. keinen Eindruck zu machen. Mit listig zwinkernden Augen betrachtete er den sich ereifernden Vorgesetzten, dessen Gesicht eine blaurote Färbung angenommen hatte. Ob sonst noch etwas zu dem Fall zu sagen sei, wollte er wissen.

Der Herr Schulinspektor schnappte nach Luft. Dann donnerte er los. Ob sich denn der Herr Kollege gar nicht überlegt habe, welche Folgen ein solches Verhalten im Amt haben könne? „Was zum Beispiel soll geschehen, frage ich Sie, wenn die Mutter des Jungen bei mir erscheint und sich mit gutem Recht beschwert?“

„Hinauswerfen, Herr Schulinspektor, einfach hinauswerfen, möglichst schnell!“ lautete die gemütvollte Antwort.

„Hinauswerfen?“ Dem Herrn Schulinspektor wollte es die Sprache verschlagen. — „Hinauswerfen, Jawohl!“ — Der hohe Herr führte noch einmal alle Gründe an, die ihm den Fall besonders schwerwiegend erscheinen liessen. „Ich bitte Sie, um alles in der Welt. Und wenn dann der Vater kommt und verlangt von mir Rechenschaft über die Behandlung seines Sohnes?“

Dem tüchtigen Erzieher blitzte der Schalk aus den Augen: „Der Vater? Herr Schulinspektor, der kommt nicht. Der Vater ist viel zu vernünftig, als dass er sich wegen dieser paar Hiebe aufregen würde. Er weiss, was seinem Sohn gehört. Der Vater nämlich — bin ich!“ — Wir haben nicht gehört, dass dieser Vorfall noch irgendwelche Folgen gehabt hat. Aber seit diesem Tage führte Oberlehrer T. den Beinamen „der Vater“.

dacht. Das Herz schlug ihr bis an die Kehle, ohne Angst, denn die kannte sie nicht, aber doch voller Zagen. Und unter dem zur Seite geschlagenen Vorhang sah sie durch die offene Altantüre die hohe Gestalt eines Mannes in das Dunkel des Raums treten.

Alle ihre Vorstellungen waren bei Thomas, all ihre Reue hatte nur ihm gegolten, alle ihre Gefühle schienen zu ihm hin zu fliehen. Nur er konnte es, durfte es wagen, bei ihr einzudringen, nur er sie strafen, nur er ihr verzeihen. Auf Gnade und Ungnade sich dem zu ergeben, den sie herausgefordert, das war alles, was sie noch wünschte. Und langsam und demütig schritt sie auf die Gestalt zu, die sie im Rahmen der Tür zu erkennen glaubte.

Wortlos stand Daniel, jetzt, wo das Nichtmehrzurückkönnen ihn vorwärts trieb, nur darauf bedacht, sie seine Ueberlegenheit fühlen zu lassen und die Rache für seinen Freund an ihren Lippen zu nehmen. Er fühlte ihre Nähe, und mit raschem Griff wollte er sich ihrer versichern. Gertrud, nicht darauf vorbereitet, Gewalt zu finden, entzog sich seiner Hand. Als Daniel aber ungestüm nachdrängte, widersetzte sie sich; denn einem Angreifer gedachte sie sich nicht zu unterwerfen.

Und ein schweigender Kampf begann. Nur einmal, fast gehaucht, halb fragend, halb drohend, kam es von ihrem Munde: „Thomas?“ Da aber Daniel nicht antwortete, sollte Thomas erfahren, dass sie sich keinem füge, der sich nicht zu erkennen gab. Sie wusste wohl, dass eine Frau, die sich wehrt, nicht leicht zu überwinden ist, und während sie freiwillig alles gegeben hätte, nicht das Leiseste sollte der Eindringling ihr abtrotzen können.

In der Tat wäre wohl die Kraft jedes Mannes am Ende an dem beharrlichen Widerstand der starken Mädchens erlahmt, und er hätte den Rückzug antreten müssen, den sie ihm aufwies. Aber Daniels Ausdauer und Gewandtheit war in seiner Kunst gestählt, und schliesslich, nach langem heissen Sträuben, ging ihr in seinen unablässigen Angriffen der Atem aus. Ohne ihr Schmerz zu bereuen, zwang er ihr die Hände auf den Rücken und beugte ihr Rumpf und Kopf über sie nach rückwärts. Er setzte seinen Mund auf den ihren und begann seine Rache.

Aber: o Wunder! In diesem Augenblick der Not erstand ihr ein unerwarteter Bundesgenosse. Die Natur, welche das Weib zu ihrem Liebling erkoren und jede seiner Niederlagen in einen Triumph zu verkehren weiss, mischte sich in den Kampf. Und Daniel fühlte, wie Gertrud, kaum merklich zuerst und verstohlen, die Küsse zu erwidern begann, mit denen er sie bedeckte. Er löste, wie erschrocken, seine Hände von den ihren und liess sie frei. Sie aber wahrte ihren Vorteil. Zwei Arme schlangen sich um seinen Hals, ein klopfendes Herz schlug an seiner Brust, und ein heisser Atem verströmte sich mit dem seinen. Die Jugend sang und loderte in ihrem Leib und ergriff auch die Kraft des Mannes. Sie zog ihn zu sich nieder, zwanglos und doch mit zwingender Ge-

walt, und über beiden schlugen Wogen und Flammen zusammen.

Gertrud lag noch in einem ruhig atmenden Gefühl der Beglückung und beinahe des Stolzes, dass sie für den Schmerz hatte büssen dürfen, den sie dem Geliebten zugefügt hatte, als Daniel sie verliess. Er fand die Türe ihres Zimmers unverschlossen, und ein erster dämmernder Schein der Frühe zeigte ihm den Abstieg nach dem Hof. Der Hund drunten an der Schwelle bellte nicht nach dem, der aus den Gemächern seiner Herrin kam. Ruhig lag der weite Hof, nur von den Ställen raselnden gedämpft die Ketten. Durch die offene Einfahrt gewinn' er die verlassene Strasse und wandelte langsam den Fluss hinab der Stadt zu. Ein strahlender Morgen erhob sich über ihr und grüsste sie wie eine Geliebte. Aber sein Gruss galt nicht auch ihm. Er wusste nicht, ob es Morgen um ihn war oder Nacht, und von seinen Gedanken umhüllt wie von einer Wolke schritt er dahin. Da kamen ihm im Wallen entlegener Empfindungen jene Worte in den Sinn, die Gertrud einst zu ihm gesagt hatte: „Und dann kann man sich doch sagen, dass man mich nicht in einer Nacht gewinnt.“

„Was für ein seltsames Wesen ist doch der Mensch,“ sagte Daniel, „was für ein seltsames Wesen!“

Er ging in sein Haus, legte sich nieder und gab sich dem Schlaf, wie einer Zuflucht.

Gegen Abend machte Daniel sich auf, um Thomas sein Erlebnis zu berichten. Als er bei ihm eintrat, fand er dort Gertruds Bruder, der eine Botschaft von ihr an den Waffenschmied zu bestellen hatte. Sie stammte aber nicht von heute (denn Gertrud hatte ihn an dem Tage noch nicht gesehen); vielmehr hatte sie schon vor dem Feste mit ihm von Thomas' Werbung gesprochen und ihre Neigung zu diesem dem Bruder nicht vorenthalten. Mit aller Absichtlichkeit hatte sie auch deswegen Thomas am verflossenen Abend zu ihrem Tisch unter den Bäumen gezogen und ihn damit öffentlich vor den Leuten ausgezeichnet. Sie war glücklich zu bemerken, dass er auch ihrem Bruder gefiel, und ihre herausfordernden Reden waren nur ihrem Uebermut darüber und ihrer Rauflust entsprungen, denen sie die Zügel liess; fühlte sie sich doch im Besitz des Geliebten sicher und glaubte sie doch, sich jederzeit Einhalt tun zu können, wenn sie's zu weit triebe. Da war nun Lenz, um seiner Schwester Antwort auf die Frage zu bringen, die Thomas einst durch Daniel Roux an sie hatte stellen lassen, wenn er diese Antwort noch als solche annehmen wollte: denn sie liebe ihn, wenn sie es auch in einem noch kindlichen Stolz nicht übers Herz bringen könne, solches mit Worten zu sagen, und werde ihm in sein Haus folgen, sobald er wolle, da sie frei sei und die von ihrem Bruder übernommenen Pflichten in seine Hände zurückzugeben habe.

(Schluss folgt)

Die Analphabetin

Sie ist völlig gesund und zählt mühsam fünfundzwanzig Lenze. Sie ist eine Deutschblütige und sie ist von ihrer Zugehörigkeit zu unserem Volk überzeugt — sie kann nur nicht lesen und schreiben! Noch kann sie ihren Namen nicht zu Papier bringen, ihm gedruckt oder deutlich aufs Papier gemalt als ein „Ding“ erkennen, was sie persönlich angeht. Sie ist aber fleissig in einem Werk zwischen vielen Arbeiterinnen, „begreift“ die Maschinenteile und führt mit Geschick das aus, was man ihr einmal vorgemacht hat.

Unglücklich ist sie nicht, obwohl sie doch im nicht selbstverschuldeten Missgeschick drinnen steckt. Sie kennt das Glück der Bescheidenheit, sie freut sich über das kleine Geschenk, sie begehrt nicht — was andere, die längst lesen und schreiben können, als „selbstverständlich beanspruchen!“

Sie ist geduldig, sie kann besser als wir „Forgeschrittenen“ warten. Sie ist einsichtig, kann gut und böse gar nicht besser unterscheiden als viele, die lesen und schreiben können. Sie lehnt — fast etwas beleidigt — die Ausrede ab im gesunden Erfühlen, dass diese nicht weit von der Lüge zu Hause ist.

Ihr Auge ist scharf, feinste Abhebungen am Horizont kann sie erkennen und klar beschreiben; natürlich mit einfachen Worten tut sie dieses, aber sie trifft damit eher ins Schwarze als es anderen mit Fremdworten zu gelingen dünkt. Sie ist mit Verlaub hellhörig, man könnte sie darum beneiden! Und erst die vielen Farben! Aus einem grossen Bündel von mannigfarbigen Wollfäden soll sie die gleichartigen herausuchen und dann nach den Tönungen des Regenbogens, — den sie als echtes Naturkind besser im „Sinne“ hat als das Gros der Stadtmenschen — auf blanker Tischfläche aneinanderreihen. Meisterhaft ist es ihr gelungen!

Sie weint aber bittere Tränen, als ich sie frage, warum sie nicht lesen und schreiben kann? Jetzt klagt sie mit beschreibenden Worten den versunkenen Staat der Polen an, der es sogar bewusst verhindert hat, dass sie als Volksdeutsche aus Volhynien (einem Dorf bei Luzk) eine, wenn auch polnische Schule besuchen konnte.

Sie lacht aber gleich wieder, als ihr gesagt wird, dass sie in einem kostenlosen Abendunterricht nachholen kann, was ein Staat an einem deutschen Menschenkind verbrochen hat.

Als bald wird sie uns im Lesen und Schreiben einholen ... Walter Mühlbacher.

Humor

Speck

Ein General tritt an die Gulaschkanone und fragt: „Nun, was gibt's heute Gutes?“ Der Küchenbulle, durch den hohen Besuch

in Aufregung, antwortet: „Erbsen mit General, Herr Speck!“

Der Stabsarzt

„Na, und was fehlt Ihnen?“ — „Ach, Herr Stabsarzt, ich fühle mich gar nicht wohl, meine alte Zuckerkrankheit ...“ — „K. v., mein Süsser!“

Die Gebrüder

Meyer ist eingezogen und befindet sich in der Ausbildung. Als er zum erstenmal ausgeht, begegnet er seinem Bataillonskommandeur und macht eine schauerhafte Ehrenbezeugung, sodass dieser ihn zu sich heranzinkt: „Wie heissen Sie?“ — „Meyer, Herr Major!“ — „Kompanie?“ — „Nein, Gebrüder!“

Chiffrierdepesche

Das Oberkommando telegraphiert an die Division: „Nummern verfügbarer Kraftfahrzeuge sofort mitteilen.“ — Die Division antwortet prompt: „11.801, 13.939, 27.551, 44.007, 69.490 Divisionskommando.“ — Diese Depesche gerät natürlich dem in die Hände, der alle Depeschen zu dechiffrieren hat, und dann liest Exzellenz eine Stunde später voll Erstaunen: „Koreanische Kaiserfamilie durch Torpedovolltreffer nächst Steier in Oberösterreich mit Rindschmalz verlobt.“

Im Dunkeln

„Hier muss irgendwo ein Wassergraben sein!“ — „Ich lieg' schon drin!“ — „Gott sei Dank, dann sind wir auf dem richtigen Weg!“

Die Knödel

Im Rekrutendepot hält der Herr Oberst „Kasernensite“ ab und wünscht, sich auch über die Güte der Verpflegung bei den ihm anvertrauten Söhnen Kärntens zu unterrichten. Er fragt also einen Sohn des Mölltals: „Was hab's denn heut zu Mittag g'habt?“ — „Knödel, Herr Oberst!“ — „Hinlänglich?“ — „Na — mehr rundlich!“

Im Eifer des Gefechts

Nach einem erfolgreichen Angriff sitzt ein Landwehrmann bekümmert im Schützengraben und berichtet in abgerissenen Sätzen sein Pech: „Paket mit Schinken erhalten, Schinken neben mir gelegen nebst Handgranaten; Alarm, Sturm — Schinken statt Handgranate in einer Hand — meisterhafter Wurf — Schinken im feindlichen Graben ...“ — Wer wäre da nicht betrübt!

Mißbrauch wissenschaftlicher Lehren in Politik und Völkerleben

Die „Mathussche Bevölkerungslehre“, die „Darwinsche Selektionstheorie“ mit dem Kampf ums Dasein, dem Untergang der Schwachen und Fortbestand der Starken, „das freie Spiel der Kräfte“ und das „eherne Lohngesetz“, diese und manche andere Begriffe aus Naturwissenschaft und Volkswirtschaft, die ihre relative Bedeutung haben, sind in der Politik als absolut gültige Schlagworte zu verhängnisvoller Auswirkung missbraucht worden.

Sie haben besonders dazu gedient, für die Bestrebungen der englischen Machtpolitik die Legitimation abzugeben und den kapitalistischen Ausbeutern der Arbeitskraft das Gewissen zu beschwichtigen. Die Tatsache, dass die Volksvermehrung immer schneller anstieg, als der Bedarf an Arbeitern, schuf jene den Unternehmern dienliche Auffassung, dass es einem Bevölkerungsgesetz entspreche, wenn immer eine grössere Reserve von Arbeitslosen vorhanden sei, die mit ihrem steten Angebot billigster Arbeitskräfte die Löhne auf dem niedrigen Stand erhalte, auf demjenigen Lohnstand, der gerade zureichend ist, um die notwendige Arbeitsleistung zu ermöglichen.

Viele Wissenschaftler und Politiker haben dieses grausame Ergebnis des „freien Spiels der Kräfte“, von „Angebot und Nachfrage“, als unabwendbar betrachtet. Sie haben nicht erkannt, dass gerade durch die Art, wie die demokratischen Prinzipien in der Praxis gehandhabt wurden, aus dem freien Spiel der Kräfte diejenigen Faktoren ausgeschaltet wurden, die berufen sind, den Freiheitsbegriff vor mechanischer Entartung zu bewahren, während durch Einschaltung der besten seelischen Kräfte, durch soziales Wollen und soziales Handeln, erst die höchsten Kulturleistungen vollbracht werden.

In dem gleichen Sinne war es für die englische Kolonialpolitik ein gegebenes System, die unterworfenen Völker nicht kulturell weiter zu entwickeln, sondern auf Tiefstand zu erhalten, damit aus billigsten Arbeitskräften höchste Dividenden erzielt werden können. Und aus derselben Tendenz entstand für die englische Weltpolitik das Prinzip, keinen europäischen Staat auf einen so hohen Grad politischer Macht, finanzieller Kraft und Industrieleistung gelangen zu lassen, dass er der Machtstellung Englands, seinem Welthandel und seiner Industrieproduktion ein erster Konkurrent werden könnte.

Diese unbequeme Konkurrenz glaubte England vom Deutschen Reich erwarten zu müssen, das nach seiner 1871 vollzogenen Einigung in starken Aufstieg gelangte, so dass in den Jahren vor dem Weltkriege Deutschlands prozentualer Anteil am Welthandel stetig anstieg, der englische Prozentsatz aber zurückging. Diese Tatsache nahm England aber nicht zum Anlass, die inneren sozialen und Wirtschaftsverhältnisse nachzuprüfen, sie umzustellen und zu höherer Leistung zu bringen, sondern sah nur das eine Ziel, den heranwachsenden Konkurrenten durch Vernichtung auszuschalten. So entstand die weitangelegte Einkreisungspolitik gegen Deutschland, die zum Weltkriege und zum Gegenwartskriege führte.

Eine durch Jahrhunderte andauernde günstige Konjunktur mit grossen politischen und wirtschaftlichen Ergebnissen hatte bei den Engländern eine Selbstsuggestion entstehen lassen und den Glauben erzeugt, dass sie wirklich vom Schicksal besonders begnadet und zur Weltherrschaft berufen seien. Durch die lange Periode günstiger Entwicklung befand sich England in der Lage eines Spielers, der nach einer langen Glücksserie glaubt, nunmehr das sichere System gefunden zu haben, um dieses Spiel mit verdoppeltem Einsatz fortführen zu können. Darum wagte es ohne die geringste Notwendigkeit das grosse Hasardspiel von 1914 mit der Konsequenz 1940.

Rein äusserlich, aller Welt sichtbar, entstand der Krieg von 1914, weil ein verrückter oder irregeleiteter Serbe einen österreichischen Erzherzog erschoss. Mussten darum Millionen Menschen geopfert werden? War die europäische Diplomatie unfähig, auch diesen Vorfall, wie so manchen anderen, in normaler Weise zu begleichen, konnte sie die zwischen Oesterreich und Serbien bestehenden wirtschaftlichen und politischen Reibungen, die ganz lokaler Natur waren, nicht auch international lokalisieren? Es wäre ein leichtes gewesen, aber es fehlte der Wille. Denn jener Reibungszustand auf dem Balkan war für diejenigen Mächte, die bereits seit Jahren mit der Minenlegung begonnen hatten, ein verwertbarer Zündapparat.

Schon der russisch-japanische Krieg im Jahre 1904 war das Werk Englands. Es sollte die heranwachsende Macht Japans in Ostasien, die Englands Vorherrschaft bedrohte, wieder heruntergedrückt werden. Der Schlag kam zu spät, die japanische Macht war bereits zu stark entwickelt und mit Russland verlor auch England den Krieg. Die gewaltige Entfernung vom russischen Machtzentrum in Europa bis an den Stillen Ozean war ein zu grosser militärischer Nachteil gegenüber

den nahe dem Kriegsschauplatz konzentrierten japanischen Streitkräften. Der Faktor Russland musste von England anders ausgewertet werden, nicht gegen den fernen Rivalen in Ostasien, sondern gegen den überlegener werdenden Konkurrenten in Europa, gegen Deutschland. Zu diesem Zwecke wurde in weitangelegter Propagandaarbeit unter Einsatz des Secret Service, von dem auch führende russische Zeitungen im Geheimen angekauft wurden, die Schuld an der Herbeiführung jenes für Russland so schädlichen Krieges Deutschland zugeschoben. Es wurde die Auffassung verbreitet, dass Deutschland hierdurch eine eigene Entlastung herbeiführen und einen möglichst grossen Teil der militärischen Kräfte Russlands von der deutschen Grenze nach dem fernen Osten verlegen wollte. So gelang es, das gute Verhältnis zwischen Russland und Deutschland zu stören, den russisch-französischen Pakt zustande zu bringen, und hiermit die Grundlagen zur Einkreisung Deutschlands zu schaffen, welche durch den serbisch-österreichischen

Die Verpflegung der deutschen Wehrmacht

Der englische Rundfunk hat kürzlich in einer für Deutschland bestimmten Sendung gesagt: „Eine Armee marschiert auf ihrem Magen“ und an diese Feststellung die Behauptung angeknüpft, dass die deutsche Wehrmacht schlecht und nicht ausreichend verpflegt und dadurch in ihrer Kampfkraft immer mehr geschwächt werde. Diese Behauptung ist falsch, denn unzweifelhaft wird die deutsche Wehrmacht auf dem Ernährungsgebiet glänzend versorgt. Dies gilt sowohl für die Menge und Qualität der Lebensmittel als auch für die Pünktlichkeit und Zuverlässigkeit, mit der die Verpflegungsorganisation der deutschen Wehrmacht arbeitet. Die Arbeit dieser Verpflegungsorganisation ist im gegenwärtigen Kriege so interessant, dass sie eine ausführliche Darstellung verdient.

Die Tätigkeit der Verpflegungsorganisation des deutschen Heeres vollzieht sich keineswegs nur in rein militärischen Bezirken; sie erstreckt sich auf wirtschaftliche und kaufmännische Arbeitsgebiete, berührt nicht selten die wissenschaftliche Forschung und ihre Auswertung und setzt die ständige lebendige Fühlung mit der staatlichen Ernährungspolitik und Verbrauchlenkung voraus. In einem Staat, wie dem deutschen, in dem alle Ernährungsfragen in Hinsicht auf das gegebene Verhältnis von Erzeugung und Verbrauch mit einem besonderen Mass von Geschick, Vorsorge und Umsicht behandelt werden müssen, ist schon die friedensmässige Sicherstellung des Bedarfs der Wehrmacht keine einfache Aufgabe, im Kriege wird sie sowohl in bezug auf ihren äusseren Umfang als auch auf ihr Gewicht noch grösser und schwerwiegender. Es kommt hinzu, dass in diesem Kriege die Verpflegungsorganisation, die Abteilung IVa der deutschen höheren Stäbe, ebenso nach völlig neuen Grundsätzen arbeiten, mit bisher unbekanntenen Methoden und ungewohnten und ungewöhnlichen Zeiten rechnen musste wie der operierende I a.

Die friedensmässige Vorarbeit wurde von der deutschen Wehrmacht mit einem im Verhältnis zur Grösse, Vielfältigkeit und Bedeutung der Aufgabe recht klein erscheinenden Aufwand an Menschen bewältigt. Dass dabei die Einrichtungen der Verpflegungsnachschuborganisation, deren Hauptträger die dezentralisierte auf ganz Deutschland verteilten und den einzelnen Armeen zugeteilten Ersatzverpflegungsmagazine sind, mit den modernsten technischen Einrichtungen ausgestattet wurden, entsprach der bewusst jedem echten und erprobten Fortschritt zugewandten Haltung der deutschen Wehrmacht. Die moderne Ausrüstung der deutschen Verpflegungsorganisation, die von der eigenen grosszügigen Gleis- und Verladeeinrichtung bis zur motorisierten Teigknetmaschine und zum Spezialhochleistungslüfter für Dauerfleisch reicht und sich ebenso auf die genaue wissenschaftliche Kochmethodenuntersuchung erstreckt, sicherte ihr von vornherein die totale Ueberlegenheit über die feindliche Verpflegungsorganisation. Die französische Heeresverpflegung arbeitet, wie der Augenschein das in einem gar nicht erwarteten Ausmass erwies, demgegenüber nicht nur veraltet, sie versagte auch in den kritischen Tagen in einer Weise, die dem Zusammenbruch der französischen Armee durchaus angepasst war und ihn wahrscheinlich zu ihrem Teil beschleunigt hat.

Wenn auch Einzelangaben über die zu beschaffenden und zur Truppe zu transportierenden Mengen zurzeit nicht möglich sind, erhält man durch die ja bekannte Tatsache, dass jeder Soldat pro Tag rund 2 Kilo Verpflegung verbraucht, eine ungefähre Vorstellung von den zu befriedigenden mengenmässigen Anforderungen. Die Berührungspunkte mit der Nahrungsmittelwirtschaft sind

Konflikt zum Ausbruch gebracht wurde. — Genau nach dem gleichen Rezept wurden vor einem Jahr von England die grössten Anstrengungen gemacht, um abermals Russland in Gemeinschaft mit Frankreich gegen Deutschland in Krieg zu führen, und statt von Serbien sollte diesmal der Zündapparat von Polen aus in Szene gesetzt werden.

Es ist wichtig, diese planvollen Arbeiten der englischen Politik zu verfolgen, der es erstaunlicher Weise gelang, neutrale Staaten wie Norwegen, Holland und Belgien gegen ihr eigenes Interesse in den Krieg zu verwickeln. Es ist für alle Völker wichtig, dieses seit Jahrhunderten zu höchster Vollkommenheit entwickelte System zu erkennen und in den Einzelheiten klar zu legen, damit in Zukunft ihr Dasein von den planmässigen, friedensstörenden Eingriffen der englischen Politik bewahrt werde.

Der Ausgang des gegenwärtigen Krieges wird England zeigen, dass auch die religionswissenschaftlichen Fiktionen ihrer Kardinäle, wonach das englische Volk als „Auserwählte“ zum Herrschen über den Erdball berufen sei, ebenso ihr Ende erreicht haben, wie der Missbrauch der wirtschaftlichen Lehren im Kampf zwischen Gold und Arbeit.

Die Neuordnung übernimmt „das neue Europa“.

ausserordentlich zahlreich. Dabei kann die Wehrmacht angesichts des erzielten Erfolges nicht ohne Stolz auf die Bewährung ihres Prinzips verweisen, die Einrichtung von Regiebetrieben, wo das nur angängig ist, zu vermeiden und sich dafür einen möglichst umfangreichen, möglichst leistungsfähigen Lieferantenbestand unter Einbeziehung auch der mittelständischen Firmen zu schaffen. Manches Werk der Nahrungsmittelindustrie verdankt den Ausbau seiner Produktion bezw. die Erweiterung seines Produktionsprogrammes der Anregung einer Verpflegungsstelle des Heeres.

Diese Stellen sind zur Weitergabe solcher Anregungen in der Lage, weil die Forschungen und Erkenntnisse der Ernährungswissenschaft bewusst und planmässig in den Dienst der Soldatenverpflegung gestellt werden. So hat die Wehrmacht ernährungsmässige Neuerungen geschaffen, die sich, wie z. B. die Auswertung der Sojabohnen, sehr schnell auch in der allgemeinen Volksernährung durchsetzen.

Die umfassende Vorbereitungsarbeit erhält aber, so eindrucksvoll sie durch ihren Umfang und ihre Intensität erscheinen mag, ihren letzten Wert erst durch die Bewährung beim Einsatz im Kampf. Dass die Verpflegungsorganisation des deutschen Heeres in einem „normalen“ Krieg zuverlässig arbeiten würde, war als selbstverständlich vorauszusetzen. Worauf es im Feldzug im Westen aber ankam, war, dass die Heeresverpflegung auch unter bisher unbekanntenen Bedingungen funktionierte, dass dem Blitzkrieg die „Blitzverpflegung“ zur Seite stand. So verlagerte sich auch in der Sphäre der Heeresverwaltungsarbeit das Schwergewicht der Tätigkeit auf die entschlossene Tatkraft verantwortungsfreudiger Männer.

Die grösste Schwierigkeit bei der Durchführung der Heeresverpflegung war das Schritthalten mit dem beispiellosen Tempo des Vormarsches. Die Ablieferungsorte für

Das Oberkommando der Wehrmacht gibt bekannt...

Berlin, 7. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht teilt am Donnerstagnachmittag mit:

„Kampffliegerverbände setzten im Laufe des Tages und besonders während der Nacht mit starken Kräften die Vergeltungsangriffe gegen London fort und bombardierten auch andere Ziele von militärischer Bedeutung. An den Kaianlagen und Lagerschuppen von Southampton und anderen Punkten in Südengland brachen Brände aus. Nächtliche Luftangriffe richteten sich auch gegen Coventry, Birmingham und Liverpool. Die Flugzeughallen und Gebäude der Flugplätze von Great Driffiel, Leeming und Rum wurden in Brand geworfen. Die Flakbatterien wurden durch MG-Fire zum Schweigen gebracht. An der Kanalküste schossen deutsche Jäger neun englische Jäger ab. Die Fernkampfbatterien des Heeres beschossen den Hafen von Dover sowie einige Schiffe südöstlich dieses Hafens. Eines der Schiffe erhielt einen Treffer, so dass es die Fahrt nicht fortsetzen konnte. Im Atlantik, einige 500 km westlich Irlands, griffen deutsche Kampfflieger einen Geleitzug an und trafen 3 Handelsdampfer von je 6000 t so schwer, dass mit ihrem Verlust gerechnet werden muss. Südlich der Orkney-Inseln wurde ein Schiff von 8000 t getroffen, so dass es unterging und ein anderes schwer beschädigt. Weitere Handelsschiffe wurden von unserer Luftwaffe an der ostenglischen Küste getroffen. Bei einem Angriff auf den Hafen von Kinloch Castle an der westschottischen Küste wurde ein grosser Handelsdampfer von zwei Bomben getroffen und wurden die Lagerhäuser des Ha-

die Verpflegung der einzelnen Truppenteile wechselten nicht nur täglich, oft sogar mehrmals am selben Tage; der Nachschub musste auch in einem Gebiet arbeiten, das verkehrsmässig — und nicht nur verkehrsmässig! — noch keineswegs als Hinterland im üblichen Sinne des Wortes anzusprechen war.

Angesichts des schnellen Tempos des Vormarsches ist man gewöhnlich zu der Annahme geneigt, dass die kämpfende Truppe sich von der Heeresverpflegung löste, um sich selbst zu versorgen. Aber das wurde gerade durch dieses ungewöhnliche Tempo unmöglich gemacht; denn die gewaltigen Marschstrecken, die täglich bewältigt werden mussten, liessen der Truppe gewöhnlich nicht die Zeit für die Beschaffung und Verarbeitung von Lebensmitteln aus dem eroberten Gebiet. Es war daher entscheidend wichtig, dass gerade diejenigen Truppen, die am weitesten vorgestossen waren, schnell und zuverlässig mit Nahrungsmitteln versorgt wurden.

Dabei war das Strassennetz bei der fast pausenlosen Folge des zerstörenden Kampfes zur Nachschubbeanspruchung nur teilweise benutzbar, und die wenigen vorhandenen brauchbaren Wegestrecken und Brücken wurden für die Truppenbewegungen, Munitions- und Betriebsstofftransporte benötigt. Neben der ständigen Umlenkung des Verpflegungsnachschubs musste auch zur improvisierten Aufstellung von Transportkolonnen geschritten werden, um die benötigten Lebensmittelmengen zum angesetzten Zeitpunkt abliefern zu können. Dass die Eisenbahnen im Kampfgebiet des Westens fast überall ausfielen, das braucht nicht besonders erwähnt zu werden.

Zur Transportaufgabe trat die Notwendigkeit der Beschaffung von nicht lagerfähigen Lebensmitteln. Der tägliche Bedarf der Feldbäckereien einer Armee an Backhefe musste beispielsweise in Flugzeugen aus dem nächstgelegenen Hinterland beschafft werden, um das vorhandene Weizenmehl auszunützen. Die deutschen Heeresverpflegungsstellen mussten also Betriebe der Nahrungsmittelindustrie in Feindesland sichern, die zur Herstellung solcher schnell verderblichen Nahrungsmittel in der Lage waren. Die Vergebung von Aufträgen im Hinterland, die Inbetriebsetzung von geeigneten Fabriken, die Beschaffung des notwendigen Personals und schliesslich die Kalkulation der gelieferten Waren stellte hohe Anforderungen an die kaufmännischen Fähigkeiten der verantwortlichen Beamten in den deutschen Heeresverpflegungsstellen. Die Tatsache, dass sich mit den Betrieben in den besetzten Gebieten eine zuverlässige Zusammenarbeit ergeben hat, und dass die Arbeitsweise der deutschen Dienststellen bei den Inhabern dieser Betriebe durchaus Anerkennung findet, obwohl das verdient besonders hervorgehoben zu werden, das Kriegsgewinnlertum auch in den besetzten Gebieten in keiner Weise aufkommt, beweist, dass die Heeresverwaltung sich auch auf diesem mehr kaufmännischen und weniger verwaltungsmässigen Gebiet bewährt hat.

So vollzog sich im Schatten einer genialen Kriegsführung eine imponierende Fleiss- und Organisationsarbeit zur Versorgung des kämpfenden Riesenheeres, auf die dieses Heer sich in jeder Lage absolut und unerschütterlich verlassen konnte, auch wenn sie sich unter Bedingungen und in Situationen vollzog, die bisher unbekannt waren und Praktiken notwendig machten, die zum Ausgang einer festen Umstellung der Heeresverpflegungsmethodik werden dürften.

fens in Brand gesteckt. Die Verminung vor den englischen Häfen wurde fortgesetzt. Bei nächtlichen Bombenangriffen auf Reichsgebiet traf der Feind grösstenteils nur offenes Feld und richtete lediglich Flurschaden an. Nur in zwei Fällen griffen die feindlichen Flieger Industrieanlagen an, wo ein Kesselhaus und ein Güterschuppen leicht beschädigt wurden. Bei weiteren Angriffen auf Wohnviertel gab es mehrere Tote und Verwundete. In Westdeutschland griffen feindliche Flieger ein Krankenhaus an, das durch das Rote Kreuz gekennzeichnet war. Die Verluste der feindlichen Luftwaffe belaufen sich auf neun Maschinen; drei eigene Flugzeuge fehlen.“

Berlin, 8. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht teilt am Freitagmittag mit:

„Wie bereits durch Sondermeldung mitgeteilt, haben Ueberwasserstreitkräfte unserer Kriegsmarine, die im Atlantik operieren, einen britischen Geleitzug auf der Nordatlantik-Route vollkommen zerstört und 86.000 t feindlichen Handelsschiffsraums versenkt. Am 7. und in der Nacht vom 7. zum 8. November griff unsere Luftwaffe zahlreiche militärisch wichtige Ziele in London, Süd- und Mittelengland sowie in britischen Gewässern an. Die in London gegen die Tilbury Docks durchgeführten Angriffe verursachten Explosionen und mehrere grosse und kleine Brände, die sich schnell ausbreiteten. In den Flugzeug-Motorenfabriken und anderen Werken in Coventry wurden Explosionen und ein heftiger Brand durch Bombenabwurf hervorgerufen. Während die Engländer ihre Nachtflüge vorbereiteten, wurde im Tiefflug

mit Bomben und MG-Feuer der Flugplatz von Scampton angegriffen und mehrere Flugzeuge beschädigt sowie zwei Flughallen in Brand gesetzt. In Brixton wurden Lagerhäuser durch Volltreffer zerstört. In Dover konnten Volltreffer in der Umgebung des Hafens beobachtet werden. Feindliche Seestreitkräfte, die im Schutze der Nacht sich der flandrischen Küste zu nähern suchten, wurden durch konzentrisches Feuer der Artillerie der Kriegsmarine und des Heeres sowie einer schweren Flakbatterie zerstreut.

Wie bereits mitgeteilt, griff eine Gruppe Sturzkampfbomber einen grossen Geleitzug an der Themsemündung an. Ein 10.000-t-Kreuzer wurde getroffen und schwer beschädigt. Ein Handelsdampfer von ebenfalls 10.000 Tonnen erhielt einen Volltreffer ins Vorschiff und blieb mit Schlagseite am Ort des Angriffs liegen. Ein Frachter von 5000 t erhielt einen Volltreffer und geriet in Brand, wobei die Maschinen stillstanden. Ein weiteres Handelsschiff von 5000 t ging unter starken Explosionen unter. In den Küstengewässern der Grafschaft Norfolk wurde ein feindlicher Handelsdampfer versenkt und ein weiterer in Brand gesetzt. Weiter südlich wurde durch zwei Bomben ein Handelsschiff von 6000 t so schwer beschädigt, dass es in riesige Rauchwolken gehüllt unbeweglich liegen blieb. Während der Luftkämpfe, die sich bei dieser Aktion abspielten, wurden mehrere feindliche Apparate abgeschossen. In der Nacht zum 8. November führten britische Flugzeuge einen Einflug gegen Westdeutschland durch und warfen Spreng- und Brandbomben ab. In einigen Städten des Rheinlandes wurden Häuser beschädigt und es sind einige Tote und Verwundete zu beklagen. Drei eigene Flugzeuge fehlen. Am 6. und 7. November hat Major Wieck sechs feindliche Maschinen abgeschossen und seinen 48. bis 53. Luftsieg errungen. Mit der Versenkung eines 600-t-Dampfers an der ostschottischen Küste, die kürzlich gemeldet wurde, hat der Leutnant zur See Barth, Kommandeur eines Wasserflugzeuges, 30.000 t feindlichen Schiffsraumes versenkt."

Berlin, 9. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht teilt am Samstagmittag mit:

„Die deutschen Bomberformationen setzten im Laufe des Tages und der Nacht mit Erfolg ihre Vergeltungsflüge gegen London durch und trafen mit ihren Bomben verschiedene Versorgungszentren und Dockanlagen. Die Angriffe dehnten sich auch auf die Häfen der Ostküste Englands aus, insbesondere auf Great Yarmouth, das an verschiedenen Punkten getroffen wurde. Bombardiert wurden die Flughäfen in den Grafschaften Norfolk und Yorkshire. Flughallen und Truppenunterkünfte gerieten in Brand. Während der Nacht wurden verschiedene Industrieanlagen in Birmingham und Coventry sowie die Hafenanlagen von Liverpool bombardiert, wo zahlreiche Explosionen beobachtet wurden. Stuka-Formationen unter dem Befehl des Generalfeldmarschalls Kesselring griffen neuer-

dings Schiffe und Geleitzüge in den Gewässern der Ostküste Englands an und fügten dem Gegner schwere Verluste zu. Mit Sicherheit wurden bei dieser Aktion sechs Handelsschiffe mit insgesamt 34.000 Tonnen versenkt und wahrscheinlich zwei weitere Schiffe mit zusammen 7000 Tonnen. Ein Kreuzer von 10.000 Tonnen erhielt zwei Bombenvolltreffer und muss als verloren betrachtet werden. Fünf Handelsschiffe wurden durch Bombenabwürfe in Brand gesetzt, auf ihnen wurden Explosionen beobachtet. Ein weiterer 10.000-Tonnen-Kreuzer und noch vier Handelsschiffe wurden beschädigt. Im Atlantik, westlich Irland, versenkten unsere Bomber zwei Handelsschiffe mit insgesamt 9000 Tonnen. In der Themsemündung griffen unsere Zerstörer mit Geschützen und MG die dort verkehrenden Schiffe an. Die Verminderung der britischen Häfen wurde fortgesetzt.

In der Nacht des 9. November führte der Gegner Einflüge gegen das Reichsgebiet durch und warf zahlreiche Bomben ab. Einige Punkte in München, Stuttgart und einigen kleinen Ortschaften Württembergs wurden getroffen. Der Materialschaden ist geringfügig. Bei den Angriffen auf Wohnviertel wurde an verschiedenen Häusern einiger Schaden durch ausbrechende Dachstuhlbrände hervorgerufen. Zwei Personen wurden verletzt. Bei Luftkämpfen verlor der Gegner gestern sieben Flugzeuge. Mehrere andere wurden von der Flak im Laufe der Nacht abgeschossen. Vier deutsche Apparate kehrten nicht zurück."

Berlin, 10. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht veröffentlicht am Sonntagmittag den folgenden Bericht:

„Auch am Sonnabend und in der Nacht zum Sonntag setzten unsere Geschwader ihre Vergeltungsangriffe auf London und andere militärisch wichtige Ziele in England fort. So bombardierten u. a. unsere Staffeln in kühnem Tiefflug Rüstungsfabriken und Flugplätze, wobei an verschiedenen Stellen heftige Explosionen hervorgerufen wurden. An verschiedenen Punkten wurden mit Erfolg Verkehrswege bombardiert und der Eisenbahnbetrieb gestört. An der Südküste waren das Ziel unserer Piloten die Hafenanlagen, ein Truppenlager und ein Elektrizitätswerk. Im Laufe der Nacht wurden neuerdings London, Birmingham und Liverpool angegriffen und an verschiedenen Punkten Brände verursacht. Im Verlauf der Angriffe auf Schiffe konnte durch mehrere schwere Bomben 500 km westlich von Irland ein grosses Handelsschiff von etwa 25.000 brt schwer beschädigt werden. In den Gewässern östlich Harwich erhielt ein 3000-t-Frachter, der in einem stark gesicherten Geleitzug fuhr, so schwere Treffer, dass beide Bordwände zersprangen. Bei einem Angriff auf einen Geleitzug an einer anderen Stelle beschädigten unsere leichten Bomber einen weiteren Frachter von 8000 t. Ein deutsches Kriegsschiff versenkte das britische U-Boot „H 49“. Der Gegner führte keinerlei Einflüge gegen Reichsgebiet durch. Im Luftkampf wurde ein feindlicher

Casa  Allema



Soeben haben wir diesen schönen, wasserdichten

Damen-Regenmantel erhalten

Erstklassige Qualitätsseide
Schöne Modelle mit gefütterten Kapuzen bieten wir zum
Preise **Rs. 140\$000** an.

Grosse Auswahl in Regenmäntel für Damen, Herren und Kinder in allen Preislagen

Schädlich, Obert & Cia.

Rua Direita 162 — 190

Jäger abgeschossen. Zwei eigene Flugzeuge fehlen. Seit Beginn des Krieges hat das Stuka-Geschwader unter dem Befehl des Oberleutnant Hagen 210.000 brt feindlichen Handelsschiffsraumes versenkt und weitere 306.500 brt so schwer beschädigt oder in Brand gesetzt, dass mit dem Verlust des dritten Teiles dieser Tonnage gerechnet werden muss. Das betreffende Geschwader vernichtete ausserdem die folgenden feindlichen Kriegsschiffe: 1 Monitor, 4 Zerstörer, 3 Leuchtschiffe, 6 Kreuzer, 1 Flakkreuzer und 10 Torpedoboote."

Italienischer Seeresbericht

Rom, 7. (Stefani) — Der Wehrmachtsbericht Nr. 153 des italienischen Hauptquartiers hat folgenden Wortlaut:

„Der Kalamas-Fluss wurde von unseren Divisionen überschritten. Unsere Luftwaffe griff durch MG-Feuer und Bombenabwurf in die Bodenoperationen ein und traf die feindlichen Befestigungsanlagen längs der Strasse Jannina—Kalabaki, im Abschnitt Florina und in der Nähe des Prespa-Sees. Unsere Fliegerstaffeln bombardierten ausserdem die Hafenanlagen von Volos und Patras, den Flughafen und den Bahnhof von Larissa, militärische Ziele in Mesolongion, Zakynthos und Methon sowie den Bahnhof von Florina, wo erhebliche Brände ausbrachen. Unsere Flugzeuge kehrten sämtlich zurück. Ein feindliches Flugzeug wurde abgeschossen und ein weiteres wahrscheinlich vernichtet. Während eines feindlichen Einfluges gegen den Flugplatz von Valona (Albanien) wurde ein feindliches Flugzeug von unseren Jägern brennend und ein weiteres von Marineflak abgeschossen. Ein viermotoriges feindliches Flugzeug vom Baumuster Sunderland, das in Malta wasserte, wurde von unseren Jägern mit MG beschossen und erlitt sichtbare Beschädigungen. In Ostafrika griff der Feind unsere Stellungen bei Gallabad an, wurde jedoch zurückgewiesen. Er erlitt beträchtliche Verluste und erneuerte seine Angriffe wiederholt. Das Gefecht ist noch nicht beendet. Unsere Luftwaffe beteiligte sich durch wiederholte Angriffe an den Kämpfen, wobei unsere Jäger 6 feindliche Flugzeuge vom Gloucester-Typ abgeschossen."

Rom, 8. (Stefani) — Der Wehrmachtsbericht Nr. 154 des italienischen Hauptquartiers hat den folgenden Wortlaut:

„Die Operationen an der Epirus-Front nehmen ihren Fortgang. Unsere Luftwaffe hat trotz widriger Witterungsbedingungen ihre Angriffsaktion gegen die Strassen in der Nähe des Prespa-Sees und gegen die Festung von Korfu fortgesetzt und ihre Ziele zu verschiedenen Malen getroffen. Alle Flugzeuge kehrten zurück. Eine Staffel von sechs feindlichen Flugzeugen griffen Vallona an. Von der sofortigen Reaktion unserer Flak und unserer Jäger empfangen, wurde die feindliche Staffel vernichtet: vier Flugzeuge wurden sicher abgeschossen und zwei weitere wahrscheinlich. Ein Teil der Besatzungen sprang in Fallschirmen ab. Zwei englische Piloten wurden gefangen genommen. In Nordafrika griffen unsere Fliegergeschwader den Flugplatz und die feindlichen Stellungen in der Oase Siwa an, die sie aus geringer Höhe bombardierten und mit MG

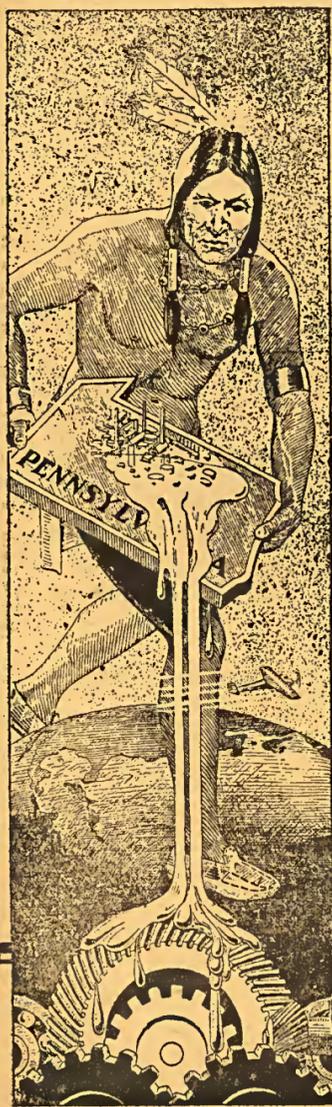
beschossen. Dem Feind wurden beträchtliche Verluste und Materialschaden zugefügt. Zwei Flugzeuge vom Baumuster Lysander wurden am Boden getroffen. Von 3 bis 4.30 Uhr morgens warfen feindliche Flieger, die von der Flak heftig beschossen wurden, drei Bomben auf den Bahnhof von Brindisi und zwei weitere Brandbomben auf die Umgebung des Bahnhofs ab; es wurden Beschädigungen am Bahndamm, an einer Wasserrohrleitung sowie an einem Waggon hervorgerufen. In einem Privathaus brach Feuer aus, das jedoch sofort gelöscht werden konnte. Opfer sind nicht zu beklagen."

Rom, 9. (Stefani) — Der Wehrmachtsbericht Nr. 155 des italienischen Hauptquartiers hat folgenden Wortlaut:

„In Epirus verstärkten unsere Truppen die Brückenköpfe am jenseitigen Ufer des Kalamas-Flusses. Während eines Aufklärungsfluges schossen unsere Piloten beim Luftkampf mit feindlichen Jägern ein Flugzeug ab, das brennend abstürzte und beschädigten zwei weitere feindliche Flugzeuge schwer. In Nordafrika warfen unsere vorgeschobenen Patrouillen motorisierte feindliche Einheiten zurück. Die feindliche Luftwaffe bombardierte Tobruk, wobei eine Person getötet und leichter Sachschaden angerichtet wurde. In Derna wurden mehrere Häuser getroffen; es sind hier neun Tote und sechs Verwundete zu beklagen. Der Sachschaden ist gering. In Ostafrika wurden feindliche Jäger bei einem Einflugversuch zurückgeschlagen. Ein englisches Flugzeug wurde abgeschossen. Während eines Luftangriffs auf Turin fielen Bomben in die Nähe eines Kinderkrankenhauses und eines Wöchnerinnenheims, in die Nähe des Sanatoriums San Luigi, in die Nähe eines Lazarets und neben eine Kaserne und verursachten Sachschaden. Eine Person wurde getötet und sieben verletzt. Eine Bombe fiel in ein Haus zwischen Maccaleri und Combiano. Hier wurden neun Personen getötet und mehrere verletzt. Einige geringfügige Brände wurden sofort gelöscht. Feindliche Flieger, die Cagliari angriffen, verursachten weder Sachschaden noch Opfer."

Rom, 10. (Stefani) — Der Wehrmachtsbericht Nr. 156 des italienischen Hauptquartiers besagt:

„In Epirus glänzende Aufklärungstätigkeit unserer Kavallerie, die bis zum Vufos-Fluss vorsties, ein Geschütz unbrauchbar machte und zahlreiche Waffen erbeutete. Im mittleren Mittelmeer griffen unsere Formationen englische Flottenstreitkräfte mit Bomben an und trafen mit schwerkalibrigen Volltreffern ein Kriegsschiff und einen Flugzeugträger. Bei den sich hierbei entwickelnden Luftkämpfen wurden zwei feindliche Flugzeuge mit Sicherheit und ein drittes wahrscheinlich abgeschossen. Eine andere Jagdstaffel schoss ein feindliches Flugzeug vom Blenheim-Muster ab. In Nordafrika unternahm unsere Bomber eine intensive Aktion gegen El Asaba, Maaten, Bagua, El Daba und Fuka, wo zahlreiche Brände verursacht wurden. Andererseits wurden die Häfen von Alexandria und Port Said heftig bombardiert. Unsere Flugzeuge kehrten sämtlich zu ihren Stützpunkten zurück. Der Feind warf einige Bomben auf Derna ab, ohne Schaden anzurichten. In Ostafrika fanden, wie im Wehr-



Pennzoil

HOCHWERTIGE
SCHMIERÖLE und FETTE
FÜR
AUTOMOBILE, FLUGZEUGE
UND
INDUSTRIEN



VERTRETER:
THEODOR WILLE & CIA. LTDA.
Rio de Janeiro, Av. Rio Branco, 79/81 - Tel. 23-5599
São Paulo, Largo do Ouvidor 2 - Tel. 2-4127

Neue Kräfte durch *Isis-Vitalin*

Viele Menschen sind im Alltagsgetriebe abgESPANNT und müde! Sie haben kaum Zeit und Appetit zum Essen, schlafen nachts schlecht und fühlen sich schon am frühen Morgen zerschlagen und matt. Sie sollten, um ihren Körper zum Aufbau neuer Kräfte anzuregen, das Blutbildende ISIS-VITALIN nehmen! ISIS-VITALIN enthält die für den menschlichen Organismus wichtigen Aufbaustoffe, es ist wohlschmeckend und bekömmlich und wird auch von Kindern gern genommen. ISIS-VITALIN steigert den Appetit und fördert das Allgemeinbefinden. Zu haben in allen Drogerien und Apotheken.

**Vertreter: C. BIEKARCK & CIA., Rua S. Pedro 28
Caixa postal 767 / Rio de Janeiro**

Hotel „Balneario“

RIO DE JANEIRO — COPACABANA
R. Siqueira Campos 43 / Tel. 27-3451

Das geeignete Haus für Geschäftsreisende
Tagespreis ab Rs. 15\$000 compl.
Nahe am Badestrand und gute Verbindungen / Bond und Omnibus vor der Tür
Heinrich F. Lucas

BAR UND RESTAURANT Cidade Heidelberg

GUTE BRASILIAN. U. DEUTSCHE KÜCHE
Sonntags geschlossen
Feiertags geöffnet bis 3 Uhr nachmittag
Rua Miguel Couto 65 (früher Ourives), RIO
Tel. 23-0658

Reparaturen
sämtlicher
Uhren
garantiert

Josef Herold
Uhrmacher •
Rua da Alfandega, 130

Wenn Du schon Geniesser bist,
Geh' dorthin, wo man gut isst
Iss' und trink' — ob Bier, ob Wein
Keh'r in

LAPA 19 ein.
Fam. Hummel
Rio de Janeiro

Bar und Restaurant VICTORIA

Rio - Rua 1.0 de Março 33 - Tel. 23-4347
Besitzerin: Wwe. WILLY HARDT
MITTAG- UND ABENDESSEN
1.0 Küche Brahma-Chopp
Verkehrslokal des Kytthäuser-Bundes

Auto-Werkstätte O. K.

spezialisiert für DEUTSCHE WAGEN
insbesondere Wanderer, Opel, DKW. etc.
Exakte Arbeit, solide Preise
OSWALDO KLEIN, Rua Aristides Lobo 241 / Rio

Underberg

Aperitivo estomacal, tel-o em casa, é essencial

Rua Miguel Couto (ex Ourives) 47 - Tel. 43-8131
RIO DE JANEIRO



KOFFER • REISEARTIKEL
AKTENTASCHEN • SCHUL-
MAPPEN • BRIEF- UND
GELDTASCHEN • GÜRTEL
Eigene Fabrikation • Reparaturen

D. SCHEBEK

Rua General Camara 137 - Tel. 23-1114

BAR A PARREIRINHA

Immer frischer Schoppen
Spezialität: Aufschnitt/Immer frische Sandwiches
Rua da Alfandega 131 / Rio
Ecke Uruguayana - Telephon 23-5685

BAR LEITNER

Rua Mig. Couto 79 / Rio
BRAHMA-SCHOPPEN
SPEZIAL-PLATTEN
GUTER MITTAGSTISCH

Deutsches Möbelaufbewahrungs-Institut

(Guarda moveis Central)
C. Dröse W.
Rua do Rezende 33/35 - Tel. 22-6557 - RIO

Deutscher Tischler

übernimmt alle Reparaturen. Aufpolieren so-
wie Neuanfertigung von Möbeln und alle
ins Fach einschlägigen Arbeiten
João Seubert / Rio / Tel. 42-0927

Hotel Floresta

FRIBURGO



Est. de
Rio de
Janeiro
EF. Leo-
poldina
Rua 3 de
Janeiro
161
Tel. 162
Das
schönst-
gelegene
in Fri-
burgo
Bes.:
M. Sitte

„UFAR“

Electro-Transformadores Ltda.
Rio de Janeiro, Rua da Alfandega, 84, sobr.
Telegrammadresse: „UFAR“

Fabrikation von: Transformatoren jeder Art

Zimmerantennen

Import von: Stablaternen

Fahrradlaternen

Trockenelementen

Radio-Material

Messinstrumenten

„Retroz Imperial“

(Baumwolle) Absolut echte Farben

A. Barcellos & Cia. Ltda., / Rio
Postfach 1647 - Fone 43-4493

Kühlschränke

COPLAND SPARTON
CASA STEPHEN
GEGR. 1908 :: GALERIA CRUZEIRO :: R. SÃO JOSÉ 117

machtsbericht Nr. 153 erwähnt wurde, einige Kämpfe im Abschnitt von Gallabad, statt. Von überlegenen Streitkräften angegriffen, zog sich nach heftigem Widerstand unsere Besatzung von Gallabad auf Metemma zurück. Ein in den folgenden Tagen unternommener Gegenangriff hatte wegen Mangel an Ver-

Hemorrhoiden?



„RECTO-SEROL“
ist das deutsche, von den Ärzten der ganzen Welt bevorzugte Mittel gegen Hemorrhoiden, Fissuren, etc.
Caixa Postal 833 - Rio.

stärkungen keinen Erfolg. Gestern wurde ein neuer Gegenangriff mit neu eingetroffenen Verstärkungen unternommen und der feindliche Widerstand gebrochen. Gallabad befindet sich neuerdings in unserer Gewalt. Unsere Luftwaffe, die bei den Operationen wirksam eingriff, indem sie die feindlichen Stellungen mit MG beschoss und bombardierte, setzte drei englische Panzerwagen in Brand. Bei einem Bombardement auf Gheladref wurden grosse Brände ausgelöst. Während eines feindlichen Einfluges gegen Rube auf Sandinien am gestrigen Tage fielen die abgeworfenen Bomben auf das Gebiet von Carbonio, ohne Schaden anzurichten. Ein feindlicher Einflug in das Gebiet von Cremona verursachte weder Opfer noch Sachschaden. Heute versuchten feindliche Flieger nach Neapel einzufliegen. Sie wurden von Flak empfangen und konnten keine einzige Bombe über der Stadt abwerfen. Einige Bomben fielen zwischen Neapel und Pompeji nieder. Eine Brandbombe ging sehr nahe an der Torre Anunciata nieder. Es gab weder Opfer noch Sachschaden.

Rom, 11. (TO) — Der Wehrmachtsbericht Nr. 157 des italienischen Hauptquartiers vom Montag hat folgenden Wortlaut:

„Eine britische Flottenformation, die von unseren Fliegern im mittleren Mittelmeer entdeckt worden war, wurde trotz heftiger Reaktion der feindlichen Flieger und Flak intensiv bombardiert. In Malta beschossen unsere Flieger mit MG drei feindliche zweimotorige Flugzeuge am Boden. Zwei unserer Flugzeuge kehrten nicht zurück. Unsere Bomber haben trotz schlechtester Witterungsbedingungen Angriffsflüge gegen militärische Ziele und Schiffe im Golf von Sudha (Kreta) durchgeführt und zwei Kreuzer getroffen. Andere Formationen griffen mit Erfolg die Flottenbasis von Alexandria in Aegypten an, wo die Hafenanlagen getroffen wurden, ferner El Hamman, El Daba, Truppenlager und militärische Anlagen südlich von Marsa Matruh sowie die Fahrstrassen und Eisenbahn zwischen El Quidaba, Maaten Bagush und Fukka; sehr schwere Brände wurden bei den feindlichen Flugstützpunkten von Helwan (Kairo) und Ismailia hervorgerufen, Brände, die man auf grosse Ent-

PETER JURISCH

RECHTSANWALT

RIO DE JANEIRO — CAIXA POSTAL 136
EDIFICIO ODEON, SALA 604

fernung sehen konnte. Unsere Flugzeuge kehrten sämtlich zu ihren Stützpunkten zurück. Feindliche Schiffe beschossen unsere Stellungen bei Sidi el Barani, ohne Opfer oder Sachschaden zu verursachen. Feindliche Panzerwagen wurden etwa 60 km südwestlich Sidi el Barani in die Flucht geschlagen. In Ostafrika wurde Gallabad von Artillerie beschossen, ohne Schaden anzurichten. Unsere Luftwaffe bombardierte die Verteidigungsanlagen am Monte Reioan (nahe Gallabad) und traf auf dem Flugplatz Saraf Said ein Flugzeug am Boden. Die feindlichen Einflüge gegen Metemma, Dondar, Massaua, Cheren und Assab verursachten insgesamt zwei Tote und einige Verwundete unter den Eingeborenen. Der Materialschaden war unbedeutend.“

Der 9. November in Rio

Zu einer würdigen Feierstunde hatten sich die deutschen Volksgenossen in Rio de Janeiro an diesem für alle so bedeutenden Tage in der Casa d'Italia zusammengefunden. Der Saal war dem Ernst der Feier zweckentsprechend ausgeschmückt worden. Auf schwarzem Hintergrund waren in Silberbuchstaben die Namen der ersten 16 Blutopfer der Nationalsozialistischen Bewegung angebracht, davor ein grosses weisses Kreuz und herum geschmackvoll weisse Blumen aufgestellt.

Eingeleitet wurde die Feier mit der brasilianischen Nationalhymne, woraufhin ein Gedicht, welches auf den 9. November Bezug hatte, vorgetragen wurde. Das verstärkte Orchester des BdsR spielte dann die Titusouvertüre und hernach einen Trauermarsch. Weiterhin wurde eine Darstellung der Vorgänge dieses historischen Tages, nämlich des Marsches zur Feldherrnhalle, vorgelesen. Es folgten nunmehr gesangliche Einlagen, vorgelesen von dem Bariton Rudolf Kirchner, alles Lieder, die ganz hervorragend den Ernst der Feier unterstrichen. In der Schlussansprache wurde dann nochmals die Bedeutung dieses Tages für uns Deutsche besonders hervorgehoben und gleichzeitig auf den deutschen Freiheitskampf von heute hingewiesen. Während das Lied vom „Guten Kameraden“ erklang, wurden die Namen der 16 Blutopfer verlesen. Die deutschen Nationalhymnen bildeten den Abschluss der schlichten, aber um so ergreifenderen Feier.

Der deutsche Botschafter nahm persönlich mit den anderen Herren von der Botschaft an der Feier teil, wodurch dieselbe als bedeutender nationaler Gedenktag erst recht hervorgehoben wurde. F. K.

Costa & Thiessen



Brillen, Pin-
neze, Feld-
stecher usw.
Garantierte u.
schnelle Aus-
führung durch
Facharbeiter.
Deutsche
Leitung.

R. da Quitanda - Esq. de Buenos Aires
Phone 23-3151 - Rio de Janeiro

Putz empfohlen

Das Wichtigste der Woche
Aus dem Transocean-Dienst (Agencia Alemã)

Krakau, 6. — Auf Grund eines Erlasses des Generalgouverneurs Dr. Frank über die Sozialversicherung wird der polnische und ukrainischen Bevölkerung das gleiche Einkommen garantiert, wie sie es vor dem Kriege hatte. Die niedrigen Invalidenrenten sind wieder heraufgesetzt worden. Die Polen hatten vor dem Einmarsch der deutschen Truppen 700 Millionen Zloty an Sozialversicherungen beiseite gebracht.

Algeciras, 6. — An den Verteidigungsan-

Der Deutsche kauft

Auto-, Motor- und Fahrrad-
Zubehör und Ersatzteile

preiswert und gut bei

Schmitt & Alberto

Rua Ev. da Veiga 142/44 - C.P. 1199
Rio de Janeiro

lagen von Gibraltar arbeiten die Engländer weiterhin fieberhaft. Der breite Kanal, der die Felsenfestung vom spanischen Festland trennen soll, ist fast beendet. Überall hat man neue Schiesscharten angebracht. Gegenwärtig befinden sich in Gibraltar 14.000 Soldaten, von denen 2000 Pioniere und 4000 Artilleristen sind.

Paris, 7. — Die ehemaligen französischen Politiker Daladier, Reynaud, Mandel, Blum und Gamelin werden auf Schloss Chazeron von 110 Polizeibeamten überwacht. Sie dürfen täglich zweimal spazieren gehen. Blum und Mandel sollen angeblich krank sein, Reynaud sei optimistisch und Gamelin schreibe seine Memoiren.

Paris, 7. — Nach dem „Matin“ befindet sich das französische Volk in einer wahren inneren Revolutionsstimmung. Die klare Hal-



DIE NÄHMASCHINE FÜR JEDEN HAUSHALT

AGENTEN AN ALLEN PLÄTZEN

THEODOR WILLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO 79/81 RIO DE JANEIRO



Kronleuchter-Fabrik Leopold Roth & Irmão
R. Evaristo da Veiga 126
Rio de Janeiro
Telephon 22-6726

Herren-Schneiderei

Prima Mass-Anzüge Kommt ins Haus
Erstklassige Referenzen
Rua Ouvidor Nr. 160
4. Stock, Saal 8
Telephon 42-7228
Rio de Janeiro

Radio-Officina „Rio“
garantiert für gute Reparaturen
Günther Gantert
Rua Marquês de Abrantes 19
Rio — Tel. 25-5801

Rio-Besucher

besucht **DANUBIO AZUL**
Avenida Mem de Sá 34
Telefon 22-1354
Prima Küche
Täglich Konzert
Im ersten Stock

Ärzte-Tafel von Rio de Janeiro

Dr. Fridel-Schöppe

Säuglings- und Kinderarzt. Moderne Behandlung der Ernährungsstörungen (Brechdurchfall, Blutarmut, Tuberkulose und Hautkrankheiten, Ultraviolet-Strahlen).

Consultorio: Rua Miguel Couto 5
von 2-5 Uhr. Tel. 22-0713. — Wohnung: Tel. 22-9930 Rio de Janeiro

Dr. W. Huber

Spezialarzt für Frauenkrankheiten und Chirurgie
Täglich von 3-6 Uhr — Telephon 22-2657
Rua Alvaro Alvim 24, 8. St., Cinelandia
Rio de Janeiro

Dr. Archimedes Peçanha

Adjunto do serviço do Dr. Paulo Brandão no H. S. F. de Assis
Otites, Nasen- und Halsleiden

Consultorio: Rua Quitanda 5 — Tel. 22-5550 - Rio

Dr. Caldas Brito

OCULISTA
Largo da Carioca 5, 6. Stock / Tel. 22-3245 / RIO Diariamente

Regulin

Das natürliche, reizlose Darmregulierungsmittel

Gut bewährt in 25jähriger Praxis. Keine Gewöhnung auch bei dauerndem Gebrauch. Ein Agar-Agar-Präparat mit 3 1/3% Extr. Casc. Sagr., aquos., das im Darm genügend Feuchtigkeit zurückhält u. die Peristaltik sowie die sekretorische Tätigkeit der Darmdrüsen anregt. Zuverlässige Wirkung bei chronischer habitueller Obstipation jeder Art.

Billig im Gebrauch: 100 g — 100 Teelöffel. Zu haben in Drogerien, Apotheken und bei den Vertretern:

G. Blekarck & Cia., Rua S. Pedro 28, RIO

Casa Westfalia

Das deutsche Feinkostwarenhaus im Zentrum. Alle Spezialitäten in frischen und Dauerwaren. Aufschnitt, Konserven, Weine, Liköre, Butter, Landbrot, Honig usw.

Bar- und Restaurationsbetrieb
Deutsche und internationale Küche. Täglich kalte und warme Spezialitäten. Deutsche Bedienung.
Jens Jensen - Rio - Rua da Assembléa 57



Dieses Zeichen bürgt für fachmännische Instandsetzungen in best-eingerichteten Werkstätten bei Verwendung von Original-Bosch-Ersatzteilen.

Bosch AMERICAN BOSCH

Elektrische Ausrüstungen Diesel-Ausrüstungen für alle Motoren

Alleinvertreter für Brasilien:

Willy Borghoff & Cia.

Rio de Janeiro São Paulo
R. Ev. de Veiga 128/130 - Rua Vict. Carmillo 101

Moskau, 8. — Am 23. Jahrestag der russischen Revolution (7. November) fand auf dem Roten Platz in Moskau eine grosse Militärparade statt, zu der die gesamte sowjet-russische Regierung erschienen war. Die Ansprache wurde von dem Kriegsminister und Marschall der Sowjetunion Timochenko gehalten, der das vergangene Jahr als eines der erfolgreichsten der UdSSR auf inner- und aussenpolitischem Gebiet bezeichnete. Die Sowjetunion werde unbeirrt mit ihrer Politik fortfahren, dem Lande den Frieden zu erhalten.

Berlin, 8. — Der Führer und Oberste Befehlshaber der Wehrmacht verlieh dem General Ritter von Speck und dem Kommodore Bonte noch nach ihrem Tode das Ritterkreuz zum Eisernen Kreuz. Ersterer stand an der

Zahnarzt Alfons Schebek

Dentista pratico licenciado
Rua 7 de Setembro 176 / 3. Stock / Tür 31
Tel. 22-8863 / Rio de Janeiro

Zahnarzt J. Schuler

Radio X
Edifício Odeon / Sala 324 / Rio
Telefon 22-8409

Preiswert **Rölnisch Wasser** Erfrischend
das beliebte Qualitätsprodukt der
Deutschen Apotheke = Rio
Rua da Alfandega 74 • Tel. 23-4771

Pension Hamburgo

RIO DE JANEIRO
Altrenommierte Familienpension im Zentrum der Stadt. — Wunderschöne Lage. Grosser Garten. — Mässige Preise.
Rua Cand. Mendes 84 (Gloria) Tel. 42-3098
Inh. N. Neubert

BAR UND RESTAURANT Fischerklaue
Rua Theoph. Ottoni 126
RIO / Tel. 43-5178
Deutsche Küche
Brahma-Chopp
Inhaber: Fritz Schaaede

Tinturaria Continental
Tel. 22-8404 / Rua do Rezende 80 / RIO
Färben von Herren u. Damenkleidung jeglicher Art. Für Trauerfälle innerhalb von 24 Stunden
Zuverlässig. Schnelle Bedienung Billige Preise

tung des Marschalls Pétain gegenüber dem Deutschen Reich habe das Land von der ständigen Furcht vor seiner Zukunft befreit. Niemand gebe noch etwas auf die britische Propaganda.
Rom, 7. — Die mit dem Diplomatenzug aus Griechenland in Belgrad eintreffenden

BILDNISSE DES FÜHRERS

NACH PROF. PIETSCHMANN
25x35 cm / Rs. 10\$000
(nach dem Innern 12\$000)
GALERIA HEUBERGER
RUA BUENOS AIRES 79 / RIO
BAR. DE ITAPETININGA 41 / SÃO PAULO

Italiener berichten, dass in Athen grosse Unordnung herrsche. Es fehle an Verkehrsmitteln, die Geschäftsleute hätten ihre Läden trotz Warnung der Regierung geschlossen. Zahlreiche Italiener seien von der aufgewiegelteten Volksmenge misshandelt worden; andere habe man in Konzentrationslager gebracht, die fast alle in der Nähe militärischer und kriegswichtiger Anlagen eingerichtet wurden.

Lissabon, 7. — Der ehemalige König Carol von Rumänien dementierte alle Gerüchte, wonach er in London eine Emigrantenregierung bilden würde. Ebenso bestritt er seine angeblich heimliche Ehe mit der Jüdin Lupescu, wahrscheinlich aus Prestigegründen.

Oslo, 7. — Die deutschen Truppen im Norden Norwegens haben eine neue Strasse fertiggestellt, welche Narvik mit Kirkenes an der finnischen Grenze verbindet und 810 Kilometer lang ist.

Tokio, 7. — Die Universität Tokio beschloss, mit Beginn des neuen Semesters Deutsch als verbindliche Hauptfremdsprache für alle Studierenden einzuführen. Als zweite Fremdsprache können Englisch oder Chinesisch gewählt werden.

Washington, 7. — Das Kriegsdepartement hat einen Auftrag über Lieferung von 4000 Flugzeugmotoren an die Ford-Werke erteilt. Die Bestellung beläuft sich auf 122 Millionen Dollars.

Rom, 7. — Laut Regierungserlass wurde der Verkauf schweizer Zeitungen in Italien

verboten. Die schweizer Presse hat im griechisch-italienischen Konflikt eine tendenziös einseitige Berichterstattung durchgeführt. — Da sich bei dem auf der Insel Kreta gelandeten britischen Expeditionskorps auch Kämpfer von Narvik und Dünkirchen befinden sollen, schreibt die italienische Presse, dass diese Veteranen besondere Fertigkeiten in Verschiffungen und strategischen Rückzügen bewiesen hätten.

Schlag gegen Irland?

Mailand, 8. — „Popolo d'Italia“, das Blatt Mussolinis, schreibt, dass Churchill eine englische Ueberraschungssaktion gegen den irischen Freistaat plane. Das Thema sei bereits auf der letzten Geheim Sitzung des Unterhauses behandelt worden, aber seine Ausführungen wurden bis nach den amerikanischen Präsidentschaftswahlen zurückgestellt, um die Wähler irischen Ursprungs in den USA nicht vor den Kopf zu stossen. England wolle seine Handlung mit dem Hinweis auf die Tätigkeit der deutschen U-Boote und Flieger, vor allem im Bristol-Kanal und St. Georges-Kanal, rechtfertigen. — Inzwischen hat der Ministerpräsident de Valera bereits erklärt, dass eine Abtretung oder Verpachtung irischer Häfen überhaupt nicht in Frage komme. Jeder Versuch einer



kriegführenden Macht würde auf den bewaffneten Widerstand Irlands stossen.

Stockholm, 8. — Die englische Regierung hat seit Kriegsausbruch 700 Mitglieder der Mosley-Bewegung (Faschisten) verhaften lassen. In der gleichen Zeit wurden 4000 Italiener interniert.

Stockholm, 8. — Zur Verstärkung der Londoner Aufräumungsmannschaften wurden jetzt 6800 Mann aus militärischen Hilfsorganisationen und 3000 Soldaten des regulären Heeres nach der Themse entsandt, wo insgesamt

etwa 25.000 Mann Schutt schaufeln und Ordnung schaffen sollen. Ausserdem wird bekannt, dass es in London kein Glas mehr gibt, so dass alle Fensterrahmen mit Holz und Pappe verkleidet werden müssen. Eine Londoner Transportgesellschaft verleiht besonders mutigen Angestellten der Omnibusunternehmen, Strassen- und Untergrundbahnen, die ihre Wagen auch während des Luftalarms fahren, eine Tapferkeitsmedaille.

Mailand, 8. — Ein amerikanischer Beobachter berichtet aus London, dass die Zerstörung entsetzlich sein würde, wenn die Angriffe der deutschen Luftwaffe noch einen Monat lang anhielten. Die Massen seien ohne ein Dach über dem Kopfe und ausgehungert. Das soziale Leben sei völlig ausgeschaltet. Lebensmittel, die man zum Teil noch aus den Trümmern rettete, seien unzulänglich, und keine gewaltige Menge, die den Buckingham-Palast umdränge, schreie nach Brot, Unterkunft und Kohlen.

Brüssel, 8. — Auf Wunsch des deutschen Militärbefehlshabers für Belgien und Nordfrankreich soll demnächst der Austausch namhafter deutscher Professoren für belgische Universitäten und belgischer Professoren für deutsche Universitäten erheblich verstärkt werden.

Madrid, 8. — In Spanien wurde nach deutschem Vorbild zum ersten Male ein Eintopfsonntag veranstaltet, dessen Einkünfte sozialen Zwecken zuflüssen.

Vichy, 8. — Im französischen Amtsblatt werden die Namen von 325 Personen veröffentlicht, denen die französischen Staatsbürgerrechte abgesprochen worden sind. Darunter befinden sich allein 150 Personen aus Osteuropa (Juden), auch 15 deutsche Emigranten werden mitaufgeführt.

Rom, 8. — Zu dem anlässlich des 23. Jahrestages der russischen Revolution veranstalteten grossen Empfang in der hiesigen Sowjetbotschaft war auch Aussenminister Graf Ciano erschienen.

Berlin, 8. — Ein deutsches Kampfflugzeug flog gegen das Seil eines britischen Sperrballons, wobei eine Tragfläche bis zum Hauptholm durchschnitten wurde. Es gelang trotzdem, die Maschine über den Kanal zu bringen. Dieses ungewöhnliche Ereignis zeugt für die Fähigkeit der deutschen Piloten ebenso wie für die Güte deutschen Materials.

Auszug aus Westminster

Stockholm, 8. — Das britische Parlament hat zum erstenmal in der Geschichte Eng-

Spitze seines Armeekorps in den harten Kämpfen am Chemin-des-Dames und überschritt die Aisne in 5 Tagen bis zum 8. Juni. Der letztere stand als Befehlshaber im Abschmitt von Narvik, wo er trotz starker englischer Ueberlegenheit die Operation erfolgreich durchzuführen wusste.

Berlin, 9. — Die Reichsregierung weigerte sich, einem USA-Schiff, das amerikanische Staatsbürger aus England abholen sollte, sicheres Geleit zu geben. Die deutsche Antwortnote beruft sich dabei auf die Tatsache, dass die Gewässer um England militärische Operationsgebiete sind. Man erinnert in Berlin auch daran, dass die Nordamerikaner, trotz ausdrücklichen Versprechens, eine bestimmte Reiseroute einzuhalten, einen anderen Kurs einschlugen. Deutschland wisse sehr wohl, wie sehr Churchill daran gelegen ist, durch einen eventuellen Zwischenfall mit USA-Schiffen die nordamerikanische Öffentlichkeit aufzuwecken.

Newyork, 9. — Von den England überlassenen 50 amerikanischen Zerstörern sind der „New Herald Tribune“ zufolge bereits sechs von deutschen Flugzeugen und U-Booten versenkt worden. — Der britische Riesendampfer „Queen Elizabeth“ soll jetzt zum Transport für britische Kolonialtruppen umgebaut werden.

San Sebastian, 9. — Der ehemalige jüdische Kriegsminister Hore Belisha kritisierte in der letzten geheimen Unterhaussitzung die mangelnde Unterstützung Griechenlands und meinte, dass sich dort noch eine schlimmere Katastrophe als in Norwegen entwickeln könnte.

Rom, 9. — Nach „Lavoro Fascista“ will England durch einen Schlag gegen Irland erstens die Süd- und Westküste der grünen Insel als Stützpunkt gegen deutsche U-Boote verwenden, zweitens sich in den Besitz des irischen Viehbestandes setzen, drittens die landwirtschaftliche Produktion für sich behalten und viertens eine Anzahl von Fabriken nach Irland verlegen, damit sie der Gefahr der deutschen Bombardements entrickt werden.

Stockholm, 9. — Winston Churchill hielt auf dem Jahresbankett des Londoner Oberbürgermeisters eine Rede, in welcher er als grosses Glück bezeichnete, dass weder er noch seine Minister dem englischen Volke jemals Versprechungen und optimistische Voraussagen gemacht haben. Inzwischen sei nämlich eine Reihe von „Unglücken“ und schweren Gefahren über England hereingebrochen und zwischen dem gegenwärtigen Widerstand und dem Endsiege liege noch ein weiter Weg.

Berlin, 9. — Reichsmarschall Göring, der letzte Kommandeur des „Richthofen-Geschwaders“ aus dem Weltkrieg, besichtigte auf

einem Flugplatz im westlichen Nordfrankreich das neue Jagdgeschwader Richthofen, dessen 25jähriger Kommodore Major Weick mit 53 Luftsiegen zu den drei erfolgreichsten deutschen Jagdfliegern gehört.

München, 9. — Wie alljährlich fand auch am heutigen 9. November ein feierlicher Gedenkakt in Erinnerung an die 16 gefallenen Kämpfer der nationalsozialistischen Bewegung vor dem Mahnmahl und der Feldherrnallee in München statt. Gleichzeitig wurde der acht Opfer des Mordanschlages im Bürgerbräukeller am 8. November 1939 gedacht.

Blühlicher Tod Chamberlains

Stockholm, 10. — Der ehemalige britische Premier Neville Chamberlain, der am 3. September 1939 Deutschland den Krieg erklärte, ist auf seinem Landsitz Heckfield House, unweit von Odham (Grafschaft Hampshire) im Alter von 71 Jahren unerwartet gestorben. Am Totenbett befanden sich seine Frau und seine Schwester. Ueber die Todesursache wurden noch keine konkreten Angaben gemacht, doch soll es sich um Krebs gehandelt haben. Bekannt ist Chamberlains Ausspruch, dass er noch den Tag zu erleben hoffe, an dem Hitler nicht mehr existieren würde.

Bukarest, 10. — Rumänien, besonders die Hauptstadt, wurde von dem schwersten Erdbeben in seiner Geschichte heute früh 3.39 Uhr heimgesucht. Das Erdbeben war auch in Bulgarien, Jugoslawien und vor allem in der Sowjetukraine zu spüren, wo gleichfalls schwere Schäden angerichtet wurden. Die Katastrophe dauerte drei Minuten. Danach waren zahllose Häuser in Bukarest eingestürzt, viele Strassenzüge verschüttet, Telefon- und Telegraphenlinien zerstört, der Verkehr unterbrochen und fast überall sehr schwere Verheerungen festzustellen. Im Augenblick des Erdbebens ging ein sinflutariger Regen nieder. Die Bewohner flüchteten, mangelhaft bekleidet, in die vollkommen verdunkelten Strassen, wo sie bis zum Morgen grauen blieben, da sie jeden Augenblick den Einsturz ihrer Häuser befürchteten. Die meisten Opfer sind beim Einsturz des zwölfstöckigen Carlton-Gebäudes zu beklagen; man rechnet hier mit 200 Toten. Durch herabstürzende Mauerblöcke wurden viele Mietautos zerstört. Auch in der Stadt Ploesti im Petroleumgebiet ist ein Hotel zusammengebrochen. Die Aufräumarbeiten wurden sofort mit grösster Energie aufgenommen, wobei sich die deutschen Instruktionstruppen hervorragend beteiligten.

Rom, 10. — Zum Kommandierenden der italienischen Streitkräfte in Griechenland wurde der bisherige Vertreter des Chefs des Generalstabes, General Soddu, ernannt. An

der gesamten griechisch-italienischen Front herrscht zurzeit sehr ungünstiges Wetter.

San Sebastian, 10. — Der Rebellengeneral De Gaulle hat mit Hilfe britischer Flottenstreitkräfte nach Bombardierung des Städtchens Libreville (zentralafrikanische französische Kolonie Gabon) Truppen gelandet und sich zum Herrn dieses Gebietes ernannt. Der Generalgouverneur hat an die Vichy-Regierung telegraphiert, dass das Krankenhaus von Libreville, das Heim der katholischen Schwestern und das Gebäude der katholischen Mission zerstört worden sind, wobei zahlreiche Frauen und Kinder den Tod fanden.

Newyork, 10. — „New York Times“ melden, dass Grossbritannien sich in einer Flottenkrise ohnegleichen befindet. Die britische Regierung versuche, jetzt weitere 115 amerikanische Zerstörer anzukaufen.

Berlin, 10. — Der Führer hat aus Anlass des 2600. Jahrestages der Gründung der japanischen Kaiserdynastie dem Kaiser von Japan ein herzlich gehaltenes Glückwunschtelegramm übermittelt. — In Moskau veranstaltete der japanische Botschafter Tatakawa anlässlich des feierlichen Ereignisses einen grossen Empfang, an dem die höchsten sowjetrussischen Politiker und Militärs teilnahmen.

Molotow besucht Berlin

Berlin, 10. — Amtlich wird bekanntgegeben, dass der Vorsitzende des Rates der Volkskommissare der Sowjetunion und Volkskommissar für auswärtige Angelegenheiten Molotow sich auf Einladung der Reichsregierung und in Erwartung der vorjährigen Reisen des Reichsministers des Auswärtigen von Ribbentrop zu einem Besuch nach Berlin begibt. — Nach Moskauer Meldungen hat Aussenkommissar Molotow mit einem Gefolge von 32 Personen seine Berliner Reise heute um 18.50 Uhr im Sonderzug angetreten. Mit ihm reisen der Vertreter des Volkskommissars für auswärtige Angelegenheiten, Dekanosow, der Vizekommissar für innere Angelegenheiten, Merkulow, Vertreter der Kommissariate für Aussenhandel, Flugzeugindustrie u. a. Der deutsche Botschafter, Graf von der Schulenburg, und der Leiter der deutschen Wirtschaftskommission, Gesandter Schnurre, befinden sich gleichfalls in der Begleitung Molotows.

Stockholm, 11. — Der irische Ministerpräsident de Valera forderte alle jungen Irländer von 25 bis 30 Jahren auf, in die Miliz einzutreten. Die Bevölkerung müsse sich der Gefahren bewusst sein, die die Heimat bedrohen.

Washington, 11. — Der Präsident der Senatskommission für äussere Angelegenheiten



PEREAT ist ein "RIEDEL" - Produkt und ist ueberall erhaellich

der USA, Key Pittman, ist 68 Jahre alt, einem Herzschlag erlegen.

Berlin, 11. — Die Berliner Montagblätter betrachten die nahenden deutsch-russischen Besprechungen als eine Vertiefung der Beziehungen und der Zusammenarbeit mit Moskau. Man wertet den Besuch Molotows gleichzeitig als eine Niederlage Grossbritanniens und der Demokratien. — In Rom wurde der bevorstehende Besuch des sowjetrussischen Aussenkommissars in Berlin mit voller Befriedigung aufgenommen.

Berlin, 11. — Nach amerikanischen Meldungen sind die englischen Vorbereitungen für einen Angriff gegen Irland abgeschlossen. Dublin solle von englischen Kriegsschiffen angegriffen werden, während 100.000 Mann von Ulster her den irischen Freistaat besetzen können.

Berlin, 12. — Die Engländer behaupteten, in der Nacht zum Dienstag Danzig bombardiert zu haben. Dazu wird festgestellt, dass das Danziger Gebiet überhaupt von keinem fremden Flugzeug überflogen wurde.

Stockholm, 12. — Winston Churchill legte gestern zum Gedenken an den Waffenstillstand des Weltkrieges in einer Pause zwischen zwei Luftarmen einen Kranz am Grabmal des unbekanntes Soldaten in London nieder.

Eine ideale Spielzeug-Werkstatt

Eigentlich sollte man von diesem unverhofften Besuch im „Windhuk“-Haus in der Rua Arthur Prado 402 in São Paulo nichts erzählen. Die deutsche Kolonie soll sich vielmehr am Sonntag, den 24. November von der Spielwaren-Ausstellung überraschen lassen. Aber zur Vorbereitung dieser Ausstellung wie ihrer Besucher muss dieser öffentliche Hinweis erfolgen, da die ganze Angelegenheit so herrlich und ideal ist, dass sie möglicherweise hier und dort zur Nachahmung reizt. Bis Weihnachten ist nämlich noch ein kleines Weichen Zeit.

Am kommenden 16. November fährt sich der Tag, an welchem der deutsche Schnell-dampfer „Windhuk“ mit einigen Dutzend Fahrgästen an Bord den Hafen Lobito in Portugiesisch-Westafrika verliess und nach dreiwöchiger Zick-Zack-Reise durch den südlichen Atlantik am 8. Dezember 1939 in Santos einlief. Die Fahrgäste, alles deutsche Volksgenossen, weilen nun fast ein Jahr in São Paulo, da sie ja auch wie so viele andere noch nicht in die Heimat zurückkehren können. Seitens der zuständigen Reichsvertretung, ebenso aber auch von privater Seite aus, hat man im Rahmen des Möglichen versucht, die so plötzlich von ihren Berufen und von ihren Familien getrennt wurden, den Aufenthalt zu erleichen.

tern. In dem grossen Haus der Rua Arthur Prado schuf man ein Gemeinschaftsheim, und wer möchte dagegen anheben, dass dieses Heim sehr bald auf den Namen „Windhuk“-Haus getauft wurde, da es nun einmal Freud und Leid der verirrtten Fahrgäste des Schiffes gleichen Namens erlebte.

Aber was bedeutet schon das Leben ohne ein rechtes Schaffen? Alltags ohne Arbeit machen die Menschen auf die Dauer unglücklich. Diesen Zustand wollten die Insassen des „Windhuk“-Hauses bei sich nicht einreisen lassen. Die Monate kamen und gingen, und plötzlich hatte jemand von ihnen den Gedanken, dass man der deutschen Kolonie in São Paulo gegenüber in einer aussergewöhnlichen Art dankbar sein könne: es wurde beschlossen, für eine Weihnachtsausstellung Spielzeug zu arbeiten. Gesagt, getan. Unsere Windhuker fanden das nötige Verständnis und glücklicherweise auch eine entsprechende Unterstützung bei der Beschaffung all des vielen Materials, das nun einmal zur Werkstatt auch der grossen Heinzelmännchen gehört. Ganz besonders sind hier die Gebrüder Schmuied zu erwähnen, die sich wirklich vorbildlich in den Dienst der guten Sache gestellt haben.

Nachdem so alles beisammen war, begann mit den Monaten August und September in den Räumen des grossen Hauses ein emsiges Entwerfen, Zeichnen, Schneiden, Malen, Basteln, Modellieren, Hämmern, Nieten, Nageln und Nähen. Männer und Frauen, Mütter und Väter vergassen ihre „bürgerlichen“ Berufe und wurden Spielzeugfabrikanten. In idealer Zusammenarbeit wurden ideale Gegenstände verfertigt, so ideal, wie wir sie alle selbst aus unserer Kindheit in Erinnerung haben; deutsches Spielzeug, wie man es in Thüringen oder im Erzgebirge in der Heimindustrie herstellt, hier aber noch weit gediegener, liebevoller gestaltet, weil es an Zeit und Musse nicht mangelte. Unter den etwa 30 bis 40 aktiven Helfern des Weihnachtsmannes ist Fräulein Kralik (Lehrerin im Beruf) wohl die Seele und treibende Kraft des ganzen; man sagt, sie habe ihren Beruf verfehlt; doch wir wollten eigentlich überhaupt keine Namen nennen, da es unbedingt nötig ist, dass die Volksgenossen der deutschen Kolonie alle Werkenden und Wirkenden im „Windhuk“-Haus am 24. November kennenlernen.

Wir durften dort am Dienstagabend in einer knappen Besuchsstunde sehr viel sehen und haben noch längst nicht alles ins Auge fassen können. Da ist eine vollständige Flugplatzanlage mit Hangars, Signalanlagen usw. Aus Sperrholz gesägte Tiere, auf den bewährten Holzrädern am Bändchen zu ziehen, prächtig im natürlichen Ausdruck und in leuchtenden Farben, es handelt sich fast um eine ganze

Menagerie, blicken uns an; irgendwie sind aus 37 Puppenköpfchen ebenso viele geschickt angezogene Stoffdamen entstanden, die jedes kleine Mädelherz erfreuen müssen; künstlerisch sehr wertvoll sind die Modellarbeiten aus Papiermaché, aus welchem originelle Kasperleköpfe entstanden sind, aus dem geschickte Finger aber auch Miniaturgesichter geliebter Mitmenschen zu formen vermögen; einzigartig sind die Kalenderrahmen aus Laubsägeholz, von denen jeder einzelne eine deutsche Märchenszene symbolisiert; ein Kasperltheater mit Vorhängen, deren Spritzfarben Wunder wirken, steht fast transportbereit da; ein Kaufmannsladen mit Schaufenster, Waage, ziehbaren Schubfächern, Weinfässern usw. lockt zum Erwerb, und zum Abschluss wird uns

noch unter vielen anderen Dingen ein Prachtstück von Puppenstube gezeigt; darin gibt es sogar elektrische Beleuchtung, eine Badestube mit fließendem Wasser, einen winzigen Radioapparat, dessen geheimnisvolles Funktionieren hier indessen nicht verraten werden darf.

Und so könnte man von dieser für gross und klein idealen Spielzeug-Werkstatt noch viel erzählen. Aber die Parole heisst ja: selbst kommen, sehen, erwerben und mitnehmen, denn der Erlös dieser Ausstellung dient der Frauengruppe des Bundes der schaffenden Reichsdeutschen, die möglichst vielen deutschen Familien in São Paulo und Umgebung ein deutsches Weihnachtsfest bereiten und eine zweckdienliche Gabe überreichen will. ep.

Theateraufführung des BdsR. in S. Paulo

Wenn Frontsoldaten aus dem Schrecken und der Tragik der Schlacht in Ruhstellung kommen, dann löst sich die Hochspannung des Kampfes mit Naturgewalt in befreiendem Scherz und Uebermut. Die Stätte, wo diese verhaltene Lebenskraft in lauten Frohsinn ausbricht, ist meistens das improvisierte Fronttheater. Die Spannung der Nerven und die Verkrampfung und Ueberanstrengung der Muskeln bricht wie angestaute Kraft in eine laute Lustigkeit aus, sodass der unbeteiligte Zuschauer diese Nebeneinander von Ernst und Lust nicht zu überbrücken vermag.

In jedem Deutschen steckt so irgendwie etwas vom Soldaten und das kommt in Zeiten, wie wir sie erleben, natürlich mehr zur Geltung. Für jeden Deutschen sollte sein Werk und Wirken irgendwie mit dem Handeln des Soldaten der Front in geistigem Einklang stehen. Das heisst: sein Arbeiten und Schaffen sollte auf jenem Geiste der Verantwortung und der Pflicht aufbauen, der dem Soldaten die Opfer für Deutschland leicht werden lässt.

Mit dem Verständnis für diese Beziehungen zwischen Kämpfer der Front und deutschem Arbeiter, muss man der am 7. ds. Mts. im grossen Festsaal des DMGV. „Lyrä“ stattgefundenen Theater-Veranstaltung des BdsR. „Die drei Zwillinge“ gegenüber treten, um ihre Wirkung als das gelten zu lassen, was sie beabsichtigte: Die Spannung des Kampfes um den Alltag in der Heiterkeit eines befreienden Lachens zu lösen. Was diese Veranstaltungen jedoch von billigen Kinokomödien oder sonstiger Unterhaltung unterscheiden soll, ist die Betonung und die Darstellung eines dem deutschen Volkscharakter entsprechenden Gedanken. Dies gelang allen Mitwirkenden, den Spielern, den Urhebern des Handlungsrahmens, wie den „Vätern des Ahnen Kuni-ber“, dessen Anblick jedem, auch dem Kri-

tischsten, die Gesichtsoberfläche in der Nachbarschaft der Mundwinkel in unwiderstehliche, runde Falten legte. Das beweist die Unwillkürlichkeit der Heiterkeitsausbrüche der Zuschauer, die die „Gesundheitspillen“ eines herzhaften Lachens den entsprechenden „Herstellern“ mit dankbarem Beifall vergüteten.

Somit ist die Wirkung der Veranstaltung dem Zwecke und der Absicht gerecht geworden, dem schaffenden Volksgenossen durch ein paar Stunden Heiterkeit Entspannung zu schenken. Damit soll nicht gesagt sein, dass dies nur durch Komik erreicht werden kann. Das deutsche Kulturleben hat einen so uner-schöpflichen Quell an Werten, die, ohne den Anspruch auf die Klassifikation von Kunstwerken zu erheben, dem deutschen Menschen Lebenskraft und Freude schenken. Volksspiele aus alter und neuester Zeit und vieles Andere, sofern es nur wahrhaft und sauber, dem Geiste unseres Volkes entsprechend und frei von Kitsch und Schund ist, sind Beispiele dafür. Diese Werte zu vermitteln und sie wirken zu lassen, ist Aufgabe derer, denen die geistige Betreuung der schaffenden Deutschen am Herzen liegt. f.

Befindliche Schweizer Taschentücher
in hübschen Kästchen — Letzte Neuheiten

Für Damen:
Karton m/3 Taschentüchern: 10\$, 11\$, 12\$, 13\$, 14\$, 20\$, 22\$
Karton m/6 Taschentüchern: 14\$, 16\$, 17\$, 18\$, 19\$, 23\$, 30\$

Für Kinder:
Karton m/3 Taschentüchern: 8\$, 10\$, 12\$, 12\$, 14\$

Karton „Schneewittchen und die 7 Zwerge“
6 Taschentücher — 15\$
7 „ — 18\$
8 „ — 20\$

Letzte Neuheiten in weissen und farbigen Taschentüchern für Damen und Herren!

CASA LEMCKE
SAO PAULO — Rua Libero Badaró 303
— SANTOS — Rua João Pessoa 45-47 —

Ihre am 8. Oktober 1940 in Berlin stattgefundenen Kriegstrauung geben bekannt

**Wolfgang Sperr
Annemarie Sperr
geb. Schmid**